

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARLA EDILA SANTOS DA ROSA SILVEIRA

“O QUE VOCÊ TEM A DIZER SOBRE (...)?”
EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS NO DEPOIMENTO DO *ORKUT*

CURITIBA

2011

CARLA EDILA SANTOS DA ROSA SILVEIRA

“O QUE VOCÊ TEM A DIZER SOBRE (...)?”
EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS NO DEPOIMENTO DO *ORKUT*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Claudia Mendes Campos

CURITIBA

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda CARLA EDILA SANTOS DA ROSA SILVEIRA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas CLAUDIA MENDES CAMPOS, LUCIANA PEREIRA DA SILVA e GESUALDA RASIA arguíram, nesta data, a candidato, a qual apresentou a dissertação:

"O QUE VOCÊ TEM A DIZER SOBRE (...)?" EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS NO DEPOIMENTO DO ORKUT

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
CLAUDIA MENDES CAMPOS	<i>CmCampos</i>	APROVADA
LUCIANA PEREIRA DA SILVA	<i>LucianaPereira</i>	Aprovada
GESUALDA RASIA	<i>Gerasia</i>	Aprovada

Curitiba, 13 de junho de 2011

T. Wachowicz
 Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Wachowicz
 Vice-Coordenadora



Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Silveira, Carla Edila Santos da Rosa
“O que você tem a dizer sobre (...)?”: expressões nominais
indefinidas no depoimento do Orkut / Carla Edila Santos da Rosa
Silveira. – Curitiba, 2011.
128 f.

Orientadora: Profª. Drª. Claudia Mendes Campos
Dissertação (Mestrado em Letras) - Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Análise linguística - Redes sociais on-line. 2. Categori-
zação (Linguística) - Redes sociais on-line. 3. Anáfora (Linguís-
tica). 4. Expressão nominal indefinida. I. Título.

CDD 410

Aos meus filhos Carolina e Alisson.

AGRADECIMENTOS

À Claudia Mendes Campos por ter acolhido minha proposta de pesquisa, pela compreensão, pela crítica, pelo artigo sobre os indefinidos anafóricos, enfim, pelas inúmeras vezes em que me falou: “Você tem algo a dizer”.

Ao grupo de pesquisas *Processos de Construção Textual*, espaço onde pude conhecer e compartilhar concepções sobre o estudo do texto.

À minha família que esperou por mim nos momentos de ausência. Especialmente a minha mãe que desde muito cedo me mostrou o valor do estudo; ao Alex pelo incentivo persistente e à Carol pelos seus toques de designer.

À Eliana Tavares, quem me apresentou à Linguística e, através do projeto *A Bela e a Fera*, proporcionou condições para despertar meu gosto pela pesquisa.

Às pessoas que me cederam os dados de suas páginas no site *orkut*.

Aos copelianos Marta Glória Paese Gentelini, João Silva Santos e Adilson Majchszak pelo incentivo ao meu autodesenvolvimento e por me liberarem em todos os momentos que solicitei, isto foi fundamental para certas atividades do curso.

Aos colegas de mestrado que estiveram comigo até o fim: Luiz Ely (pelas andanças, por tudo que fizemos e dissemos), Mel (por ter doado um pouco do seu tempo para me encorajar) e Julee (pelas conversas, cafés e revisões de *abstracts*).

Às professoras Iara Bemquerer Costa, Lígia Negri, Edwiges Maria Morato, Cláudia Roncarati, Gesualda Rasia e Luciana Pereira pela leitura de meus escritos em diferentes estágios de produção. Leituras essenciais para que as ideias iniciais se organizassem no corpo desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR pelo auxílio financeiro para minha participação em eventos e ao quadro de funcionários da UFPR pela presteza ao atender às mais diversas solicitações de que tive necessidade.

Sentidos são bens humanos e não fenômenos naturais.

Luiz Antonio Marcuschi

RESUMO

Esta pesquisa vincula-se à proposta de estudo da Linguística Textual e baseia-se em pressupostos sociocognitivistas e sociodiscursivos para abordar o tema da recategorização lexical marcada por expressão nominal indefinida (ENI). Trabalhamos com um *corpus* composto de textos de depoimentos produzidos e publicados em páginas de usuários brasileiros do site de relacionamentos *orkut*. A recategorização lexical consiste na remissão a referente textual ou objeto de discurso já introduzido na memória discursiva através de expressão referencial que o reapresenta sob outra perspectiva, sob nova categoria. O objetivo da pesquisa é examinar o funcionamento de recategorizações lexicais com ENI em depoimentos – espécies de declarações pessoais sobre sujeito com o qual se estabelece vínculo social no contexto real ou virtual – que circulam na versão brasileira do site *orkut*, o *software* de suporte desse gênero discursivo. Definimos como hipótese que a recategorização com ENI parece relacionada a características do depoimento do *orkut* de modo semelhante ao que já se observou em ocorrências de outros tipos de anáfora textual. A hipótese norteia-se não só pela observação de particularidades do gênero como a seleção recorrente de ENIs, o caráter lacunar e fragmentário, o propósito comunicativo, o suporte, mas define-se também pelo pressuposto de envolvimento constante de ENIs em recategorizações lexicais (CUNHA LIMA, 2004) e pela necessidade de estudar aspectos que condicionam o funcionamento da recategorização lexical em certos gêneros discursivos (MATOS, 2004). Realizamos uma análise qualitativa de 34 textos pertencentes a único gênero e, para caracterizar as recategorizações com ENI, levamos em conta as configurações das cadeias referenciais, das estratégias referenciais, das funções argumentativas e dos núcleos nominais das ENIs. Os dados evidenciam que as recategorizações com ENI combinam-se com outras estratégias referenciais, como anáfora com relação meronímica, encapsulamento, rotulação metaenunciativa, tematização-remática; prevalecem dentre as ocorrências de tematização-remática com frases nominais; admitem variações na operação que podem adquirir traços metafóricos e de parcialidade; têm como principal função argumentativa a avaliação, destacando-se também as funções de glosa e estético-conotativa; compõem-se de núcleos nominais (hiperônimos, termos genéricos) que junto com os determinantes indefinidos fortalecem a especificação da categoria ou classe atribuída ao objeto de discurso. Por um lado, concluímos que a recategorização lexical com ENI constitui um recurso produtivo à disposição do enunciador que tem um espaço reduzido a 1024 caracteres para escrever um depoimento no site *orkut*. Por outro lado, a seleção de ENIs com função integradora de anáfora e predicação direciona a publicação de dizeres concisos e com potencial para agregar uma orientação apreciativa às descrições de que fazem parte.

Palavras-chave: Anáfora textual. Depoimento. Expressão nominal indefinida. Recategorização lexical.

RÉSUMÉ

Cette étude est liée à la perspective adoptée par la Linguistique Textuelle et est basée sur les principes sociocognitivistes et sociodiscursives. Le sujet de recherche est la recatégorisation lexicale qui est marquée par l'expression nominale indéfinie (ENI). Nous travaillons sur un corpus formé de témoignages produits et publiés dans les pages des utilisateurs brésiliens du site de réseau social *orkut*. La recatégorisation lexicale est un processus par lequel l'expression anaphorique se reporte à un référent textuel ou un objet-de-discours déjà introduit dans la mémoire discursive à travers une expression référentielle qui le réintroduit sous un autre angle, sous une nouvelle catégorie. Cette recherche a pour but d'examiner le fonctionnement des recatégorisations lexicales avec des ENIs dans les témoignages – des types de déclarations personnelles sur un sujet avec lequel l'énonciateur établit des liens sociaux dans le contexte réel ou virtuel – qui circulent dans la version brésilienne du site *orkut*, le logiciel de support de ce genre discursif. Nous posons comme hypothèse de recherche si la recatégorisation avec l'ENI semble liée aux caractéristiques des témoignages du site *orkut* d'une manière similaire à ce qui a déjà été observé dans les occurrences d'autres types d'anaphore textuelle. L'hypothèse est basée non seulement sur l'observation des particularités du genre telles que la sélection récurrente de l'ENI, le caractère lacunaire et fragmentaire, l'objectif communicatif et le soutien, mais également sur la présupposition de l'implication constante de l'ENI dans les recatégorisations lexicales (CUNHA LIMA, 2004) et sur la nécessité d'examiner des aspects qui influencent le fonctionnement des recatégorisations dans certains genres discursifs (MATOS, 2004). Notre étude se fonde sur l'analyse qualitative de 34 textes appartenant à un genre donné et nous prenons en compte les paramètres des chaînes référentielles, des stratégies référentielles, des fonctions argumentatives et des têtes nominales des expressions afin de caractériser les recatégorisations avec l'ENI. Les données montrent que les recatégorisations avec l'ENI : se combinent avec d'autres stratégies de référence, comme anaphore avec la relation méronymique, l'encapsulation, l'étiquetage méta-énonciatif, la thématisation rématique; prédominent parmi les occurrences de thématisation rématique avec des phrases nominales; admettent des changements dans l'opération qui peut prendre des traits métaphoriques et de partialité; ont pour principale fonction argumentative l'évaluation, en soulignant également les fonctions explicative et esthétique-connotative; se composent des têtes nominales (hyperonymes, termes génériques) qui, avec les déterminants indéfinis, renforcent la spécification de la catégorie ou classe attribuée à l'objet-de-discours. D'une part, nous concluons que la recatégorisation lexicale avec l'ENI est une ressource productive à la disposition de l'énonciateur qui a un espace réduit à 1024 caractères pour écrire un témoignage sur le site *orkut*. En outre, la sélection des ENIs avec fonction intégrée de la prédication et de l'anaphore dirige la publication de paroles concises étant possible d'ajouter une orientation reconnaissante pour les descriptions dont elles font partie.

Mots-clés: Anaphore textuelle. Témoignage. Expression nominale indéfinie. Recatégorisation lexicale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 BASES PARA UM ESTUDO LINGÜÍSTICO-TEXTUAL DE TRAÇADO SOCIOCOGNITIVISTA	5
1.1 A COGNIÇÃO SOCIAL NO ESTUDO DO TEXTO.....	5
1.2 SOBRE A LÍNGUA E A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM.....	8
1.3 O TEXTO: UM EVENTO DE SOCIOCOGNIÇÃO E SOCIOINTERAÇÃO.....	9
1.4 A ELABORAÇÃO DISCURSIVA E SOCIOCOGNITIVA DA REFERENCIAÇÃO.14	
1.4.1 A anáfora textual	18
2 A RECATEGORIZAÇÃO LEXICAL	27
2.1 DA CATEGORIZAÇÃO À RECATEGORIZAÇÃO.....	27
2.2 A CONCEPÇÃO CLÁSSICA DE APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN (1995).....	29
2.3 AS REFORMULAÇÕES TEÓRICAS DE TAVARES (2003) E MATOS (2004).....	34
3 A ANÁFORA COM EXPRESSÃO NOMINAL INDEFINIDA	39
3.1 SOBRE A FUNÇÃO ANAFÓRICA.....	39
3.2 SOBRE A CLASSIFICAÇÃO.....	42
3.3 SOBRE O USO E O PROCESSAMENTO COGNITIVO.....	45
4 A RECATEGORIZAÇÃO LEXICAL COM ENI NO DEPOIMENTO DO ORKUT	51
4.1 A NATUREZA DOS DADOS E O MÉTODO DE PESQUISA.....	51
4.2 O GÊNERO DEPOIMENTO DO ORKUT.....	54
4.3 AS ENIS RECATEGORIZANTES NO DEPOIMENTO DO ORKUT.....	58
4.3.1 A recategorização com relação parte-todo.....	58
4.3.2 A recategorização com rotulação por encapsulamento.....	61
4.3.3 A recategorização com rotulação metadiscursiva.....	63
4.3.4 A recategorização com tematização-remática.....	65
4.3.5 Sobre os núcleos das recategorizações com ENI.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

Interessa-nos examinar o funcionamento de recategorizações lexicais com expressão nominal indefinida (ENI) no que tange à construção de sentidos de textos produzidos em um dos gêneros discursivos – o depoimento – que circula no ambiente interativo da versão brasileira do site de relacionamentos *orkut* (anexo 1). Propomos a análise qualitativa de *corpus* composto por 34 textos pertencentes a um gênero específico, considerando sobretudo a atuação diferenciada de ENI em cadeias referenciais (CUNHA LIMA, 2004; RONCARATI, 2010), a relação entre o funcionamento da recategorização com ENI e traços constitutivos do gênero depoimento do *orkut* (MATOS, 2004; KOCH, 2004a).

O estudo fundamenta-se em pressupostos da Linguística Textual, especificamente em teorias sociocognitivas de estudo do texto e da referenciação (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; KOCH & MARCUSCHI, 1998; MARCUSCHI & KOCH, 2002; MONDADA & DUBOIS, 1995), assim como em teorias sociodiscursivas de estudo dos gêneros (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2003, 2005), no que concerne a aspectos enunciativos que constituem o gênero e o processo referencial em foco.

A versão brasileira do site de relacionamentos *orkut* é a mídia digital que dá suporte (MARCUSCHI, 2003) aos textos com os quais trabalhamos, ou seja, é o local de apresentação ou veiculação dos dados selecionados. O *orkut* consiste em uma espécie de rede social, cujo software foi criado pelo engenheiro turco *Orkut Büyükkökten*, na qual sujeitos de diferentes origens, interesses e ocupações podem estabelecer relações virtuais e/ou presenciais. O site foi lançado em janeiro de 2004 pela empresa americana *Google Inc.*, enquanto que a versão em português entrou em circulação na *Web* em abril de 2005 (MOCELLIM, 2007).

Dentre as opções interativas da *Web 2.0*¹ que mais atraem brasileiros estão

¹Desde 2004 essa expressão define a rede mundial de computadores como uma plataforma que conecta sites, dotada de caráter participativo/colaborativo. Ao contrário da primeira versão da internet – focada mais na perspectiva dos proprietários dos conteúdos exibidos, a *Web 2.0* propicia meios de participação e colaboração aos usuários que podem, em certa medida, controlar, incluir, editar suas informações que circulam na rede e usufruir de serviços (O'REILLY, 2005). O exercício do caráter participativo/colaborativo da *Web 2.0* encontra exemplificação em sites como: [Picasa](#) (site para compartilhamento e edição de fotos incluídas em álbuns de acesso público ou privado), [Wikipedia](#) (enciclopédia livre cujo usuário cadastrado pode criar e editar verbetes), [UOL Blog](#) (site para hospedagem gratuita de diários online ou blogs), [Sonic](#) (site de rede social para latino-americanos com foco na conexão de usuários com identidade verdadeira) etc.

as redes sociais, assim reconhece Shelp (2009, p. 2), fazendo um contraponto ao dizer que a internet transformou-se em “um vasto ponto de encontro de contatos superficiais”, embora sejam numerosos. É inegável que as relações sociais no domínio público da *Web* concretizam – mas não substituem – muitas das atividades humanas (conversas cotidianas, trocas de informações, compartilhamento de fotos, vídeos e músicas, etc.), todavia há um diferencial: “a ausência quase total de contato pessoal” (SHELP, idem). Em uma lista divulgada na Wikipédia constam mais de 180 redes sociais no mundo, dentre as quais, [Facebook](#), [MySpace](#) e [Orkut](#) são as mais acessadas, pois juntas contam com aproximadamente 750 milhões de usuários.

Mais da metade de usuários do *orkut* declaram ser brasileiros, segundo dados demográficos divulgados no próprio site² e essa constatação levou a empresa a implantar uma sede no Brasil para gerenciar – juntamente com uma equipe da Índia – as demandas do contingente mundial de usuários (WIKIPEDIA, 2010). A atratividade entre usuários de nacionalidade brasileira foi um dos fatores considerados ao propormos o estudo de textos oriundos do ambiente interativo do *orkut*. Assim como na maior parte das mídias desenvolvidas para interação à distância, os usuários do *orkut* podem interagir através de textos escritos em diversos gêneros discursivos (CRYSTAL, 2005; MARCUSCHI, 2005), tais como: recado, tópico de fórum de comunidade, comentário em álbum de fotos, depoimento, etc. O comportamento deste último foi caracterizado previamente³ até cercarmos a questão da recategorização com ENI.

Em linhas gerais, a **recategorização lexical** estabelece uma remissão à referente textual já categorizado (ou introduzido na memória discursiva) por meio de expressão referencial que o rerepresenta em outra categoria, o que acarreta a reinterpretção das informações dispostas no texto (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; MARCUSCHI & KOCH, 2002). Nossa proposta volta-se especialmente aos casos em que a recategorização é operada por ENI. Trabalhamos com a hipótese de que o recurso de recategorização com ENI estaria relacionado a características do gênero discursivo que denominamos “**depoimento do orkut**”, tais como o uso recorrente de ENIs no *corpus*, o caráter lacunar e fragmentário, o propósito comunicativo e o suporte.

² O índice contava com 50,60% de usuários identificados como brasileiros em 04/09/2010. Disponível em: www.orkut.com/dados.

³ Ver SILVEIRA (2008a, 2008b, 2009a, 2009b).

O primeiro capítulo, *Bases para um estudo linguístico-textual de traçado sociocognitivista*, divide-se em quatro seções. A primeira seção traz breve panorama histórico acerca da constituição dos estudos do texto de vertente sociocognitivista e de pressupostos sociocognitivistas que permeiam a discussão produzida nesta dissertação; na segunda seção, constam as concepções de língua e linguagem que norteiam nossa proposta; o enfoque da terceira parte recai sobre o conceito de texto e gênero discursivo; enquanto que a última seção trata da definição e dos princípios atinentes à referenciação, parte que conta com uma subdivisão para tocar na questão da anáfora textual e suas possibilidades de construção.

É no segundo capítulo, *A recategorização lexical*, que conceituamos a estratégia referencial em foco na pesquisa. Partimos da noção de categorização para então prosseguir com a apresentação do conceito de recategorização e elementos que a caracterizam por meio de sua concepção clássica na segunda parte e de alguns de seus desdobramentos teóricos na terceira divisão do capítulo.

A anáfora com expressão nominal indefinida constitui o tema do terceiro capítulo. As três seções que o subdividem tratam de aspectos relacionados ao fenômeno, a saber: o funcionamento anafórico das expressões indefinidas, a classificação desse tipo de expressão nominal e o mapeamento do emprego e processamento cognitivo de indefinidos anafóricos.

O fenômeno da **anáfora com ENI** foi reconhecido e localizado no nível textual de análise com o trabalho *Indirekte Anaphern in Texten* (2000) da pesquisadora alemã Monika Schwarz. São três as possibilidades de ocorrência do fenômeno em que a anáfora com indefinido:

- (i) tem valor partitivo;
- (ii) produz efeito de sentido de suspense com a subespecificação do referente;
- (iii) focaliza mais a informação que o anafórico veicula do que a sequenciação da cadeia coesiva (SCHWARZ, 2000 *apud* KOCH, 2004b).

Com o levantamento da seleção lexical adotada nos depoimentos do *orkut*, deparamos-nos com o uso recorrente de ENIs. Embora este tipo de seleção não seja a característica mais relevante na constituição do gênero, optamos por investigar seu funcionamento em construções como as grifadas na amostra (Fig. 1):

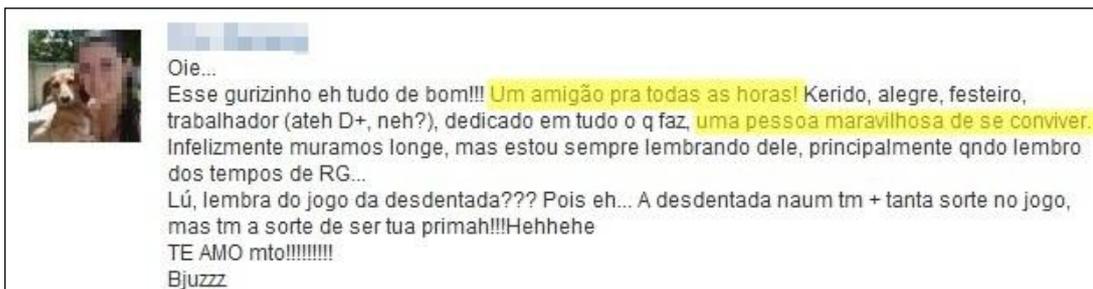


FIGURA 1 – AMOSTRA DE DEPOIMENTO PUBLICADO NO SITE www.orkut.com

Pelo que admitem apenas Koch (2004b)⁴, Cavalcante (2004a)⁵ e Cunha Lima (2004)⁶, construções com as ENIs que destacamos na Fig. 1 (*Um amigão pra todas as horas, uma pessoa maravilhosa de se conviver*) exemplificam casos de anáfora textual com recategorização lexical de *Esse gurizinho* e não seriam somente predicções, conforme preveem teorias semânticas ao tratar das propriedades de expressões indefinidas.

Vimo-nos, então, diante da perspectiva de refletir sobre uma questão controversa na literatura e é o que pontuamos no quarto capítulo, *A recategorização lexical com ENI no depoimento do orkut*, destinado à análise dos dados. Por fim, na seção de considerações finais condensamos os resultados da pesquisa no intuito de produzir respostas – provisórias e discutíveis – para a pergunta lançada no título deste trabalho, uma reprodução do comando para criação de depoimentos no site de relacionamentos *orkut*.

⁴ A primeira versão do trabalho foi apresentada na XIX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos – Gelne em 2002.

⁵ O trabalho original é de 2003 e foi apresentado no III Congresso Internacional da Abralín.

⁶ Embora Schwarz (2000) identifique a anáfora com ENI, a princípio, não aponta casos de recategorização lexical.

1 BASES PARA UM ESTUDO LINGUÍSTICO-TEXTUAL DE TRAÇADO SOCIOCOGNITIVISTA

1.1 A COGNIÇÃO SOCIAL NO ESTUDO DO TEXTO

Falar de cognição social do modo como nos propomos solicita a tomada de certas posições dentro do cenário dos estudos linguísticos. A pergunta básica de um sociocognitivista é “Como a cognição se constitui na interação?”, pelo que defendem estudiosas do texto como Koch & Cunha Lima (2004, p. 256). Além do traço interacional, a natureza da cognição de que tratamos recebe o atributo “situada”.

Falar de cognição social corresponde a tratar da construção do conhecimento humano que ocorre junto de ações e relações recíprocas em sociedade (empreendidas por práticas de linguagem, de textos falados e escritos), com as quais os sujeitos falantes:

- (i) acumulam experiências,
- (ii) compartilham informações,
- (iii) atuam conforme suas apreensões culturais.

Cabe ainda expandir o significado de assumir a cognição como situada. A cognição é situada na medida em que envolve o que é experienciado pelos sujeitos, diz respeito a um engajamento comum dos interactantes, o qual recebe marcas locais e históricas, bem como implica em estabilidade provisória do processamento do conhecimento.

Bentes (2010, p. 143), com a retomada de observações de Marcuschi (2008, p. 101) quanto a “aspectos da realidade sociointerativa”, reforça uma posição sociocognitivista, pela qual “os processos de compreensão e produção textual pressupõem uma competência sociocognitiva ampla por parte dos sujeitos que abrange um conjunto de saberes e capacidades”. São características dessa competência sociocognitiva:

- os conhecimentos pessoais e enciclopédicos,
- a capacidade de memorizar informações,
- o domínio intuitivo de recursos para a construção da referência,
- o partilhamento de conhecimentos que compõem as circunstâncias mais imediatas de interação e de normas sociais,
- o domínio de tecnologias variadas.

Originalmente, o estudo em cognição social pode ser tomado como um ramo da Psicologia Cognitiva, o qual se colocou como área independente entre 1950 e 1960. Ulrich Neisser cunhou o termo psicologia cognitiva no livro intitulado *Cognitive Psychology* (1967).⁷ No entanto, foi Donald Broadbent quem propagou a abordagem cognitiva por intermédio da publicação de *Perception and Communication* em 1958.⁸ Já as bases da cognição social moderna vieram dos trabalhos de três psicólogos que atuaram no auge da perspectiva behaviorista – o artigo *Forming Impressions of Personality* (1946) de Solomon Elliott Asch⁹ e os livros *The Psychology of Interpersonal Relations* (1958) de Fritz Heider¹⁰ e *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology* (1932) de Frederic Charles Bartlett.¹¹ A interação dos seres humanos com outros semelhantes move a teorização e a investigação da cognição social, embasada por três processos cognitivos aplicáveis ao mundo social: a **interpretação** das informações recebidas, como não se processa no vácuo, depende do contexto social, das experiências anteriores, dos valores culturais, etc.; a **análise** das informações sociais, imprescindível para a fase inicial de interpretação que é passível de ajuste, mudança e rejeição; a **memorização** de informações sociais, cujo processamento pode requerer esforço, nem sempre feito por quem precisa retomar certo conhecimento para a recuperação do que foi armazenado. (PENNINGTON, 2000, p. 1-5).

Pelo relato de Koch & Cunha Lima (2004, p. 254-256), a produção de estudos integrativos de questões atinentes à cognição, linguagem e vida social se intensifica no final de década de 80, quando George Lakoff e Ronald Langacker, dentre outros pesquisadores “dissidentes do gerativismo clássico”, trazem a discussão para o interior da Linguística e fundam uma área específica: a Linguística Cognitiva.¹² Na trajetória dos estudos cognitivistas, no mesmo período, a Linguística Textual abandona o trabalho com a gramática de texto e incorpora categorias da Psicologia Cognitiva como processamento, memória, conhecimento prévio e atenção para a análise textual. Como precursores nesta linha de investigação interdisciplinar, dentre

⁷ NEISSER, Ulrich. *Cognitive Psychology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.

⁸ BROADBENT, Donald E. *Perception and Communication*. Oxford: Pergamon, 1958, 338 p.

⁹ ASCH, Solomon Elliott. *Forming Impressions of Personality*, *Journal of Abnormal and Social Psychology*, n. 41, p. 258-290, 1946.

¹⁰ HEIDER, Fritz Heider. *The Psychology of Interpersonal Relations*. New York: Wiley, 1958. 322 p.

¹¹ BARTLETT, Frederic Charles. *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

¹² Não faremos um retrospecto dos estudos cognitivistas na Linguística, pois interessa é elencar os principais fundamentos teóricos. Ver histórico em Koch & Cunha Lima (*op. cit.*) e Cunha Lima (2004).

outros, temos os trabalhos *Strategies of discourse comprehension* (1983) de Teun van Dijk & Walter Kintsch¹³ e *The Role of Knowledge in Discourse Comprehension: A Construction-Integration Model* (1988) de Walter Kintsch.¹⁴

Com relação aos estudos sociocognitivistas na Linguística, Marcuschi (2007) vê como tendência a análise de aspectos da cognição que surgem na construção interativa do conhecimento, os quais propiciam a percepção de elementos envolvidos em processos de significação e na construção de sentidos:

Hoje entra com alguma força na cena teórica das investigações sobre cognição a ideia de situar o foco mais nas *atividades de construção* do conhecimento e menos nas *atividades de processamento*, tal como se fez nas décadas de 70 e 80 no campo da Psicologia Experimental, quando se considerava a cognição no nível do indivíduo. Ao analisar as atividades de construção pode-se ter uma visão mais clara de como *emergem* nas práticas públicas as propriedades da cognição e assim captar o dinamismo dos processos que dão origem a estruturas conceituais tão complexas como as metáforas, metonímias, ironias, idiomatismos, polissemias, indeterminação referencial, dêiticos, anáforas etc., chegando à própria noção de *contexto*. (grifos do autor) (MARCUSCHI, idem, p. 62)

Fechamos esta seção acrescentando que produzir um estudo linguístico-textual sob o traçado sociocognitivista pode envolver a análise de atividades de construção do conhecimento, bem como da emergência das propriedades da cognição nas estruturas conceituais de que trata Marcuschi. Interessa-nos o estudo de anáforas textuais (remissões a elementos do texto que já foram inseridos na memória discursiva¹⁵), unidades linguísticas¹⁶ cujo diferencial é a marcação por ENIs.

¹³ VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. Nova York: Academic Press, 1983.

¹⁴ KINTSCH, Walter. The Role of Knowledge in Discourse Comprehension: A Construction-Integration Model. *Psychological Review*, 95(2):163-182, 1988.

¹⁵ Para Berrendonner (1983, p. 230), a memória discursiva diz respeito ao conjunto dos saberes que são partilhados conscientemente pelos interlocutores e é a interação que incide sobre estados da memória a fim de alterá-la. Na abordagem de Apótheloz & Reichler-Béguelin (1995, p. 239), trata-se da esquematização de informações ativadas na memória pelo produtor do texto durante o curso de sua interação verbal. Sobre a memória discursiva, Adam (2008, p. 57) salienta que é simultaneamente o que viabiliza e o que se busca em qualquer interação verbal.

¹⁶ Uma das marcas históricas da LT, segundo Bentes (2010, p. 149-150), é a escolha de objetos de estudo que se traduzem pela complexidade de unidades: **linguísticas** (expressões referenciais, conectivos, anafóricos), **textuais** (tópico discursivo, sequência textual) e **discursivas** (gêneros textuais). As análises da LT primam pelos processos constitutivos dos textos, tais como a coerência textual, as inferências, as relações intertextuais, a progressão textual e referencial, a construção conjunta da referência nas interações verbais, a orientação argumentativa.

1.2 SOBRE A LÍNGUA E A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Koch & Marcuschi (1998) partem do pressuposto da “indeterminação linguística” para definir a língua em uma dimensão sociocognitivista, a partir da qual entendemos como principais aspectos: as perspectivas diferenciadas de construção que a língua oferece, a impossibilidade de demonstrar reflexos da realidade, a reelaboração dos recursos linguísticos conforme a evolução histórica do meio em que circulam, a construção empreendida pelos sujeitos falantes em suas trocas interativas. Esta é a noção de língua dos autores com a qual concordamos:

a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída, não servindo como mero instrumento de espelhamento da realidade. Em consequência, será essencial postular o princípio de indeterminação em todos os níveis. A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação. Não pode ser identificada com instrumentos prontos para usos diversos. (KOCH & MARCUSCHI, idem, p. 4)

Uma vez que a definição se pauta na ação conjunta de negociar, não é difícil notar que o conteúdo da passagem circunda a reflexividade das interações sociais, fulcro da filosofia da linguagem de Bakhtin (2003) em suas manifestações quanto ao dialogismo fundante da **enunciação** e ao caráter constitutivo da linguagem, traço instaurador do deslocamento de posturas diante da concepção imanente de linguagem. Com tal aproximação promovemos um inserção interdisciplinar e, por isso, torna-se pertinente colocar que entendemos a enunciação para além de sua realização psicofisiológica, individual, isolada e abstrata. Tal qual Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 121-127)¹⁷, tratamos de um fenômeno social realizado entre sujeitos falantes que através da produção e troca de enunciados (totalidades discursivas que promovem relações dialógicas entre outros dizeres e sujeitos) demonstram o estado real de uso da linguagem e o modo de vida de dada comunidade linguística.

¹⁷ A longevidade dos escritos do Círculo bakhtiniano não desmerece sua leitura no presente, pois a profundidade das reflexões supera o decurso temporal. Embora os trabalhos recebam críticas pela fragmentação, autoria discutível e inexatidão terminológica, reportamo-nos ao conjunto da obra pela contribuição no campo da filosofia da linguagem, no que diz respeito ao modo de pensar a enunciação. Além do mais, cabe reforçar que o grupo não se propôs a formalizar uma metodologia científica de trabalho (BRAIT, 2006; FARACO, 2009) e suas ideias de cunho filosófico trazem formulações limitadas a “um exercício classificatório apenas sugestivo”, jamais revisto, nos termos de Faraco (ibidem, p. 40). Na década de 70, o pensador mais fecundo do Círculo esboça considerações que poderiam tomar o sentido de uma justificativa para a incompletude de sua produção: “A unidade de uma ideia em formação (em desenvolvimento). Daí certo inacabamento *interior* de muitos dos meus pensamentos. Todavia eu não pretendo transformar defeito em virtude: nos trabalhos há muito inacabamento externo, inacabamento não do próprio pensamento mas de sua expressão e exposição.” (BAKHTIN, 2003, p. 392) (grifo do autor).

Em outro dizer de Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 138) somos apresentados à propriedade essencial da enunciação, uma vez que “em qualquer enunciação, por maior que seja a amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação”. Trata-se da “orientação apreciativa” que direciona a configuração das maneiras de dizer em determinada esfera e isto quer dizer que os elementos que contribuem para a realização do ato enunciativo encerram tanto um sentido quanto uma valoração.

Ainda falta explicitar como entendemos a constitutividade da linguagem. Primeiramente, importa reconhecer na linguagem seus traços de plasticidade, assim como de heterogeneidade, dinamismo e permanente refazer pelos usos linguísticos dos falantes. Esses traços fundam o caráter do sujeito que dispõe da linguagem com diversos propósitos e, ao mesmo tempo, fundam o caráter da linguagem que se (re)faz nas relações intersubjetivas, por isso, fundada no dialogismo constitutivo.

Em nossa proposta unimos os ideários da cognição social e de teorias enunciativas para estudar o funcionamento da linguagem através de textos. Os princípios sociocognitivos nos interessam pelo propósito de investigar o fenômeno da linguagem através das múltiplas opções de construção do conhecimento – a cognição – empreendidas pelos sujeitos na sociedade (KOCH & CUNHA LIMA, 2004). Como falar de cognição social é falar do eu, do outro e do discurso – contingenciados pela partilha de quadros interativos, sociais, culturais e históricos –, de certa forma, falamos de dialogismo.

1.3 O TEXTO: UM EVENTO DE SOCIOCOGNIÇÃO E SOCIOINTERAÇÃO

Antes de discorrer sobre os processos referenciais na dimensão linguístico-textual, ajustamos o olhar na direção de nosso objeto: o texto. E com a recuperação do dizer de Beaugrande (1997) conceituamos o texto enquanto “evento comunicativo” cuja especificidade vem do ajuste de atos sociais, cognitivos e linguísticos. O evento da textualidade dispõe de natureza processual definida por aspectos históricos e culturais, bem como está para além de mera sequenciação de palavras seja para expressão oral ou escrita; assim, mais do que isto, consiste em “um sistema de conexões que inclui elementos tais como sons, palavras, significados, participantes do discurso, ações em um plano, etc.”

Dito de outra forma, o texto caracteriza um processo porque promove maneiras diversas de uso da língua em acontecimentos interativos. Além disso, quem produz/recebe textos e os respectivos contextos de desenvolvimento atuam de forma particular na construção textual. Nessas condições, o evento textual realiza a língua e esta, uma vez materializada, torna perceptíveis seus elementos e organização. Por sua vez, os aspectos linguísticos, sociais e cognitivos envolvidos no empreendimento textual estariam ligados, respectivamente, a:

- conhecimento linguístico manifestado pelos falantes,
- entorno social (seu conjunto de interações, valores, convenções),
- atividades sociocognitivas que se ativam durante a produção e recepção de textos (capacidade interpretativa, referenciação, realização de inferências, seleção lexical, categorização, recategorização e outras.)

Encontramos justificativa para este estudo de texto inserido no paradigma sociocognitivista em Koch & Cunha Lima (2004, p. 294):

Textos são fontes óbvias para a construção das representações mentais na memória dos indivíduos, assim como de **conhecimentos que circulam socialmente**, participando ativamente das **categorizações sociais**, da criação, circulação e manutenção de **estereótipos** e das **diversas visões de mundo encontráveis numa sociedade**.¹⁸

Textos são também fontes fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre indivíduos, sendo **uma das mais importantes e centrais formas de cognição social e de organizadores do conhecimento de uma dada cultura**. Dado isso, é natural que os estudos de texto tenham um papel central na encruzilhada onde se encontram preocupações com a cognição e com a vida social. (grifo nosso)

Atribuir ao texto o estatuto de evento comunicativo leva à compreensão de que este teria o papel de expandir conhecimentos e essa função eleva-se no caso do texto produzido para circular na internet, também chamado de hipertexto. Definido como “modo de enunciação digital” por Xavier (2002), o hipertexto incorpora particularidades do meio midiático, tanto a natureza gráfica, visual e sonora, quanto o dinamismo e a interatividade proporcionados pela conexão com a *web*.¹⁹ Além de organizador do conhecimento em diferentes esferas culturais, o texto é definido

¹⁸ A reprodução de estereótipos, clichês e enunciados formulaicos é um traço evidenciado pelos dados da pesquisa, sobre os quais trataremos na análise.

¹⁹ O conceito de Xavier (idem) diferencia-se pelo respaldo em teorias linguístico-enunciativas e sociocognitivas ao invés de reproduzir princípios de teorias comunicativas, que são as fontes originais da noção, dentre as quais, remetemos a Bolter (1991) e Nelson (1992).

como forma de cognição social por Koch e Cunha Lima (*op. cit.*), visto que contribui para a apreensão de conhecimentos acessados e permutados entre os sujeitos. Subjacente ao enfoque das autoras está o pensamento de Bakhtin (2003, p. 319) que, seja para fins sociointeracionais, seja para fins científicos, coloca o texto – dado primário e alavanca da pesquisa em ciências humanas – na condição de organizador do conhecimento construído por meio de reações responsivas.

Uma vez que nesta pesquisa examinamos configurações de um processo anafórico – a recategorização com ENI –, cercado em textos de gênero discursivo do ambiente de comunicação digital – o depoimento do *orkut* –, torna-se pertinente demonstrar com qual definição de gêneros do discurso²⁰ trabalhamos. Sob a interface entre posições sociodiscursiva e sociocognitiva, localizamos nossa opção pelo conceito de gêneros discursivos que os coloca na condição de:

arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos, as quais se distinguem, conforme Bakhtin, além da forma composicional, pelo tipo de conteúdo temático e pelo estilo que lhes é próprio. (KOCH, 2006a, p. 163-164)

De um lado, Koch foca na tríade composição, tema e estilo de Bakhtin (2003) e, de outro, inspira-se no que diz van Dijk quanto aos “modelos cognitivos de contexto” nos artigos *Cognitive Context Models in Discourse Processing* (1994)²¹ e *Cognitive Context Models and Discourse* (1997)²², assim como Levinson quanto aos “tipos de atividade” no artigo *Activity Types and Language* (1979).²³

Koch (2006a) conjuga pressupostos cognitivos, pragmáticos e enunciativos em sua filiação teórica. Isto nos leva a sustentar que **os gêneros do discurso consistem em construtos (textos) para sustentação das interações**, os quais adquirem singularidade por ser um alicerce que amalgama conhecimentos apreendidos a partir das experiências interativas dos sujeitos e dizeres

²⁰ Seguindo a sugestão de Rojo (2005, p. 196), adotamos a terminologia gênero do discurso – tratado como “objeto discursivo ou enunciativo, e não como *forma* ou *tipo*”, duas opções terminológicas de Bakhtin (2003) geram controvérsia por sua aparente contraposição a teorias de análise textual (e à noção de gêneros de texto). No entanto, a oposição original de tais concepções direcionava-se aos gêneros literários, teorização vigente em 1953 quando foi publicado o ensaio que expôs a problemática e definição dos gêneros do discurso.

²¹ VAN DIJK, T. A. *Cognitive, Context Models in Discourse Processing* (mimeo), [1994], 1995.

²² VAN DIJK, T. A. *Cognitive Context Models and Discourse*. In: OOSTEDORP, H. & GOLDMAN, S. (eds.). *The Construction of Mental Models During Reading*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1997.

²³ LEVINSON, S. C. *Activity types and language*. *Linguistics*, 17: 365-399, 1979.

compartilhados que distinguem posicionamentos de determinados grupos frente a acontecimentos.²⁴

Além disso, a noção de **enquadre enunciativo** envolvida no conceito de gênero daquela linguista, encaminha-nos para a delimitação de um foco, de uma moldura ou de um ponto de convergência dos atos exclusivos e irrepetíveis de produção de enunciados (textos orais e escritos). O ponto de convergência da enunciação recebe ajuste ou está condicionado por aspectos como o que é preciso abordar durante dado evento interativo, quem participa desse evento, o nível de proximidade entre os interactantes e os objetivos traçados para o ato enunciativo.

Nosso estudo se detém em textos produzidos em eventos interativos dentro do site *orkut*. O usuário lá cadastrado pode criar um perfil de apresentação (anexo 2) com dados pessoais, profissionais e sociais, sejam verídicos ou fictícios, a fim de estabelecer uma rede de relações e participar de comunidades virtuais. Na época do lançamento, era necessário ser convidado por outro usuário para se inscrever na rede social que, segundo Doria & Affonso (2009) e Tancer (2009), constitui um dos muitos serviços oferecidos pela versão 2.0 da *Web* para compilar informações pessoais sobre interesses e preferências de potenciais consumidores.²⁵

Pelo viés de Bakhtin (*op. cit.*), tomamos os ambientes de redes sociais na condição de “esferas da atividade humana” ou de domínios discursivos que definem o uso linguístico nas interações sociais por meio de “enunciados concretos” ou textos orais e escritos, definidos, específicos. Nessa perspectiva, os constituintes dos gêneros do discurso são reunidos em uma articulação tridimensional de “**conteúdo temático**”, “**estilo verbal**” e “**construção composicional**”. Os três elementos permitem reconhecer a constituição de um gênero discursivo, além daqueles ligados à situação sócio-histórica da interação.

²⁴ Aqui o termo deve ser compreendido como fato histórico, acepção que não se relaciona a definições vinculadas à Análise do Discurso, como em Foucault (1968), Pêcheux (1988), Guimarães (2002), Possenti (2009).

²⁵ Ao concordar com os [Termos de Serviço do Google](#) o usuário cede o direito sobre o conteúdo publicado através dos serviços à empresa com sede na Califórnia para fins de divulgação comercial. Além de ser “irrevogável, perpétua, mundial, isenta de royalties e não exclusiva” (cf. item 11 do Termo consultado), a “Licença de conteúdo do usuário” prevê que os dados publicados sejam repassados a terceiros envolvidos no fornecimento de serviços à empresa licenciada. Não se limita ao *orkut* e ao site de busca, a espécie de pesquisa de marketing realizada pela empresa *Google*, já que o levantamento também se dá através do *Gmail* (aplicativo para correio eletrônico), *Blogger* (plataforma para hospedagem gratuita de blogs), *Picasa* (álbum de fotografias), *YouTube* (site de compartilhamento de vídeos), *Google Acadêmico* (versão brasileira do *Google Scholar*, site para buscas de trabalhos científicos), *Translate* (tradutor de 41 idiomas), etc.

Tratemos um pouco mais da articulação tridimensional que constitui os gêneros do discurso. Primeiramente, quanto ao “conteúdo temático”, compreendemos que, em seus textos, o enunciador mobiliza conteúdos, dizeres, sentidos relacionados a determinado **tema**, objeto ou assunto que é tratado de acordo com a finalidade visada (o propósito comunicativo) e as expectativas a respeito do(s) interlocutor(s). E aqui há condições de verificar como se dá o dialogismo constitutivo da linguagem e do sujeito e apreender as relações dialógicas ou relações de sentidos (RODRIGUES, 2005, p. 158) por meio das reações responsivas que emergem nas trocas interativas entre interlocutores, momento em que se constrói a alteridade²⁶ (dimensão intersubjetiva), e entre concepções disseminadas por diferentes discursos (dimensão interdiscursiva).

De modo indissociável, o “**estilo verbal**” assumido na enunciação indica:

- o lugar social do enunciador,
- a esfera interativa de onde fala,
- o estrato social de que faz parte,
- a diversidade cultural e linguística de seu meio,
- a impossibilidade de expor dizeres neutros (porque a linguagem é dialógica e a enunciação é valorativa).

A seleção de itens lexicais, morfológicos, fraseológicos ou gramaticais reúne as marcas linguísticas que levam ao reconhecimento do estilo verbal.

Por fim, no que concerne à “**construção composicional**”, vale lembrar que Bakhtin reconhece a contribuição desse elemento na constituição dos gêneros discursivos, porém se propõe a conceber os gêneros sob uma perspectiva sociológica, com o olhar voltado para o sujeito e suas interações, historicidade, espaços. Obtemos a composição com elementos estruturais que são compartilhados por produções de um mesmo gênero. A estruturação de um texto contempla tudo o que é feito para atingir uma totalidade discursiva em termos de arranjo das partes,

²⁶ Para assim compreendermos, consideramos duas asserções de Bakhtin que foram produzidas em diferentes momentos de sua trajetória. A primeira consta no escrito *Para uma filosofia do ato*, do período de 1919-1921, pelo qual “o mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação é a contraposição concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre *eu* e o *outro*. A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro” (BAKHTIN, s.d.). Já conforme a segunda, “a forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 35) (grifos do autor).

ordem de apresentação dos dizeres, o nível de acabamento dos textos orais ou escritos em decorrência de um propósito comunicativo e de uma escala de valores.

1.4 A ELABORAÇÃO DISCURSIVA E SOCIOCOGNITIVA DA REFERENCIAÇÃO

Introduzimos uma posição de Salomão (2005) que, embora não se alinhe com estudos do texto, compartilha de muitos dos pressupostos sociocognitivistas que elencamos até aqui. A linguista destaca que uma das diferenças entre a cognição humana e a cognição animal é a capacidade do sujeito falante de fazer referência à materialidade ausente e estender as perspectivas de referenciação, além da sua capacidade de adaptar a “moldura interacional” de acordo com os propósitos comunicativos (SALOMÃO, *idem*, p. 164-165). Tocada pela discussão atinente à referência, a produção científica de Salomão gira em torno do questionamento: a discretização do mundo – a distinção e a delimitação das categorias empregadas para referir – se dá por uma relação simétrica entre os nomes, as coisas, os estados e as entidades do mundo? A questão é de interesse das ciências humanas e sociais²⁷, de modo geral, e da ciência da linguagem, em específico, como na questão linguístico-textual de nossa investigação.

Desde que Mondada & Dubois (1995) propuseram a noção de referenciação em detrimento do conceito clássico de referência, trabalhos no campo da Linguística Textual acerca de processos referenciais verificados em textos empíricos têm incorporado a instabilidade e o dinamismo referencial de **objetos de discurso**, ao invés de **referentes**. A abordagem das autoras apresenta a **referenciação** como o processo colaborativo de construção de objetos de discurso vinculados a um mundo discursivo e provenientes das negociações de designações estabelecidas nas práticas sociais entre os sujeitos, bem como nas atividades cognitivas situadas nessas interações. Uma vez que os objetos de discurso trazem o mundo para o interior da linguagem por serem criados linguisticamente no/pelo discurso e nas relações intersubjetivas, as teóricas propõem o abandono da compreensão da **referência** por sua relação de correspondência entre expressões da língua e referentes que existem no mundo real. Assumir esta última concepção implica em atribuir à língua a propriedade de refletir a realidade objetiva e negar o seu potencial

²⁷ A esse respeito, ver Russell (1956 [1905]), Quine (1960), Rosch (1978), Foucault (1992).

de variabilidade, o que representa duas justificativas para a contraposição de concepções filosóficas ou ontológicas da referência.

No que concerne à dialética sobre a definição de referência e referenciação, respectivamente, para semanticistas e textualistas, Ilari (2005, p. 103) considera que a dificuldade maior dos linguistas para explicar e diferenciar as anáforas reside na noção de referência. Pelo que diz o teórico, “a tese de que por trás de toda anáfora se esconde uma operação semântica de correferência” ainda é afirmada por linguistas que analisam exemplos intrassentenciais e por linguistas do texto.

Antes da proposta de Mondada & Dubois (1995), a operação de correferência entra na distinção das duas noções de referência utilizadas dentro da Linguística, segundo a exposição de Koch (1989, p. 33) em uma nota de rodapé:

O termo referência tem sido usado, em Linguística, com duas acepções distintas: a) na tradição semântica, designando a relação que se estabelece entre uma forma linguística e o seu referente extralinguístico; b) na trilha de Halliday, significando a relação de sentido (basicamente de correferência) que se estabelece entre as duas formas na superfície textual. No primeiro caso, pode-se falar em formas linguísticas referenciais ou não-referenciais (dotadas apenas de funções internas à língua); no segundo, como sinônimo de remissivas, seria contraditório falar em formas não-referenciais.

Depreendemos desse dizer a importância de conhecer os objetos e objetivos de diferentes áreas que podem empregar termo idêntico para designar processos um tanto dessemelhantes. A grosso modo, enquanto a vertente extensional da Semântica aborda processos de significação no nível intrassentencial e relações de referência cujas marcas são referentes ligados ao “mundo real” ou “possível” (MÜLLER, 2003), a Linguística Textual – de traçado sociocognitivista – enfoca processos de construção de sentido em textos orais/escritos e relações de referenciação que são marcadas por referentes textuais, i. é, aquilo sobre o que fala o discurso, por isso, um construto discursivo obtido com a interação entre sujeitos, usuários da língua. Esta última é a nossa opção de trabalho e, para não dar a entender que interpretamos os processos referenciais sob um aporte relativista, ainda sustentamos a escolha feita com os seguintes argumentos:

Não negamos a existência da realidade extramente, nem estabelecemos a subjetividade como parâmetro do real, nem damos à linguagem um poder criador de realidades. Simplesmente postulamos a necessidade de uma ontologia não ingênua e não realista. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou

seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Nosso cérebro não é uma *Polaroid semântica*. O cérebro é um aparato que *reelabora* os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. Nossa tese é a de que essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual, em que cada qual pode fazer o que quiser. A reelaboração deve obedecer as restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. A isto chamamos de *referenciação*, seguindo sugestão de Mondada e Dubois (1995). (MARCUSCHI & KOCH, 2002, p. 37) (grifos dos autores).

A sugestão mencionada por Marcuschi & Koch (*idem*) corresponde à concepção defendida por Mondada & Dubois (*op. cit.*) e também Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). Para os teóricos europeus, a **referenciação** se define por um processo discursivo e sociocognitivo em que interactantes atuam conjuntamente na construção e reconstrução de objetos de discurso, que são tomados como produtos culturais da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes.

O estudo da referenciação, para Koch & Marcuschi (1998), ampara-se não só no pressuposto da “indeterminação linguística”, cabe considerar a discretização não-apriorística do mundo pela linguagem, que atua na elaboração cognitiva das categorias em uso nas práticas discursivas, e a atividade discursiva da referenciação, que possibilita construir e reconstruir a relação interativa entre o sujeito e seu meio social. Particularidades do processo de referenciação receberam uma sistematização dos dois autores (Quadro 1). Vejamos:

REFERENCIAÇÃO PROCESSOS	<ul style="list-style-type: none"> • INDICIALIDADE • EXPLICITUDE 		<ul style="list-style-type: none"> • REFOCALIZAÇÃO • IMPLICAÇÃO • ASPECTUALIDADE • ± AVALIAÇÃO • SUBESPECIFICAÇÃO • HIPERESPECIFICAÇÃO 					<ul style="list-style-type: none"> • INDUÇÃO SITUACIONAL OU COTEXTUAL 	
	REFERENCIAÇÃO ESPECIFICADA		REFERENCIAÇÃO INFERIDA						
ESTRATÉGIA	MANUTENÇÃO REFERENCIAL		CORREFERENCIAÇÃO COM REFOCALIZAÇÃO			ALTERAÇÃO REFERENCIAL			INTRODUÇÃO DE REFERENTE
	ANÁFORA NOMINAL (repetição lexical)	ANÁFORA PRONOMINAL (características de coreferencialidade)	ANÁFORA NOMINAL (sinonímias paráfrases)	NOMINALIZAÇÃO (deverbal ou não e nome-verbo)	DESCRIÇÃO DEFINIDA (completa incompleta com permuta)	HIPONIMIA HIPERONIMIA (relação do tipo classe/membro especificação individuação seleção)	RELAÇÕES INDIRETAS (conceituais associativas intrínsecas)	DEFINIÇÕES EXPLICAÇÕES (procedimentos metalinguísticos)	INDICIAÇÃO PRONOMINAL (referenciação induzida)
RELAÇÃO COM O REFERENTE	não-recategorização		recategorização						???
	correferenciação			não-correferenciação			???		
	cossignificação		não-cossignificação						

QUADRO 1 – MODELO GERAL DO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO
 FONTE: MARCUSCHI & KOCH (2002)

O modelo distribui os processos de referenciação sob três perspectivas. A **referenciação especificada** contempla os aspectos indiciais e explícitos da manutenção do referente, representada pelas anáforas 1 e 2 no quadro 1. Já na **referenciação inferida** há continuidade referencial, passível de redirecionamento da atenção para outro traço do referente – anáforas 3, 4, 5 –, bem como possibilidade de alteração do referente – anáforas 6, 7, 8. A segunda perspectiva diferencia-se por sua relação com o referente que pode ser rerepresentado: sob outro foco, de modo implícito ou indireto, com destaque de outro aspecto ou característica, mediante valoração, com diminuição ou aumento das especificações, ligando-se a uma menção anterior deste referente e assim procedendo à recategorização, ao contrário do que se dá com as anáforas da primeira perspectiva. Por último, na **referenciação construída**, prevalece a introdução referencial, praticada através de pronomes, cuja compreensão se atinge através de induções que apontam para situações ou cotextos. Outra possibilidade de introdução referencial se dá com anáforas indiretas²⁸, porém esta opção não foi reconhecida no modelo.

Passemos à distinção entre **retomada**, **remissão** e **referenciação**.²⁹ Um núcleo referencial tem continuidade em relação direta de identidade (correferencial, estratégias 1 e 2 do quadro 1) ou de não-identidade (com alteração referencial, nas relações associativas, estratégia 7) com a **retomada**, que também realiza remissão e referenciação. O processamento da indicialidade no cotexto ou o procedimento de direcionar para outro ponto do texto que envolve relações semântica, cognitiva, pragmática, entre outras, e nem sempre procede à retomada, embora acarrete a referenciação, é o que sempre garante a progressão referencial e define a **remissão**. A atividade discursiva de designação pela linguagem, desvinculada da reflexividade entre a língua e o mundo objetivo, caracteriza a **referenciação**, que nem sempre demanda remissão exata e retomada de referentes textuais, pois tanto introduz quanto dá continuidade referencial (MARCUSCHI & KOCH, 2002, p. 38-39).

²⁸ Cavalcante (2003) defende que as anáforas indiretas (introdução de referente novo como se fosse conhecido, por ser recuperável no cotexto pelo interlocutor, o que não quer dizer que há retomada) e as anáforas encapsuladoras (também um tipo de anáfora indireta, porém com a especificidade de recuperar informações cotextuais de maneira imprecisa, pois não há como delimitar com exatidão à qual parte do texto a encapsuladora remete) apresentam um dispositivo remissivo a índices situacionais e cotextuais.

²⁹ Roncarati (2010, p. 55) ainda distingue a noção de **alusão**, que implica em relação associativa sem ancoragem no cotexto, pela qual o objeto de discurso é ativado de forma indireta e vaga e, já que “subentende remissão” a conhecimento socialmente partilhado, interpretamos como mais um tipo de remissão.

A referenciação anafórica no texto oral ou escrito, pela conclusão dos teóricos, abrange sempre alguma forma de remissão, já que a progressão referencial nem sempre se realiza com retomada, sobretudo porque a anáfora textual não se restringe à continuidade linear de referentes nem sempre idênticos. Quanto às retomadas e remissões acionadas no “domínio referencial”, Roncarati (2010, p. 52) acrescenta que ambas estabelecem relações **fóricas** (anafóricas/retrospectivas ou catafóricas/prospectivas) e **dêiticas** (localização de entidade em um campo mostrativo de caráter espacial, temporal, pessoal, social), sendo assim configuradas as redes referenciais de qualquer texto. Fundada nas mesmas conclusões daqueles teóricos, Roncarati (idem) reafirma que no domínio referencial temos três operações: recategorização, correferenciação e cossignificação.

A **recategorização**³⁰ consiste na remissão a item cotextual antecedente, de natureza lexical, ideacional ou contextual. Em geral, a remissão recategorizante baseia-se em relação estereotípica, pode ou não fazer retomada (parcial, total ou similar), não requer correferencialidade (devido à instabilidade dos objetos de discurso) e seu traço mais forte é a impossibilidade de cossignificação. A **correferenciação** é definida como uma remissão capaz de retomar fielmente o referente textual, quando há repetição, sinonímia ou designação alternativa para referente idêntico. A **cossignificação** configura-se no estabelecimento de uma relação léxico-semântica entre o referente textual e o elemento anafórico e, no caso de repetição lexical, não resulta em manutenção dessa relação se o termo repetido for utilizado com sentido diferente. (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*)

1.4.1 A anáfora textual

Antes de encerrar esta primeira parte da fundamentação teórica, destinamos espaço a fim de estender a observação feita no final da seção 1.1 e definir de modo pontual de que tratamos quando nos referimos à **anáfora textual**.

A noção de anáfora que adotamos, como o próprio modificador “textual” indica, abrange uma relação no âmbito do texto que vai além dos princípios sintáticos que a delimitam como uma conexão intrassentencial entre uma forma pronominal que retoma um item lexical. Preferimos adotar um conceito amplo de anáfora em que a operação abarca sempre alguma espécie de relação remissiva

³⁰ A recategorização lexical é o tema do segundo capítulo, parte organizada para a apresentação da definição clássica, bem como de abordagens atualizadas sobre a questão.

entre elementos que compõem uma produção textual, seja oral ou escrita. Uma maneira de demonstrar os tipos de conexões ou cadeias anafóricas consiste no esquema de Marcuschi & Koch (idem, p. 45):

$$\mathbf{F(onte)^1 \leftarrow A(náfora)^1}$$

Na **fonte** da conexão podemos encontrar sintagmas nominais, sintagmas verbais, orações, parágrafos ou mesmo um contexto textual. Todas as opções de fonte podem marcar a primeira menção de uma informação no texto com potencial para manter alguma relação de sentido ou mesmo ser recuperada mais adiante por elemento textual (ou expressão referencial) através de uma remissão (um retorno ao ponto onde a informação foi introduzida), configurando assim a **anáfora textual**.

Ao identificar relações como as do modelo de Marcuschi & Koch (idem), estaremos diante de elos ou cadeias anafóricas que trilham a construção dos objetos de discurso. Na proposição de Roncarati (*op. cit.*, p. 89), a construção de cadeias referenciais ou coesivas desenvolve-se na trajetória evolutiva dos textos, “a partir da progressão referencial (ou sequencialidade), ou seja, a partir da introdução, preservação, continuidade, identificação e retomada de referentes textuais”. Em sua análise de estratégias de referenciação, a linguista destaca o papel das expressões referenciais na construção das cadeias do texto. Como coloca a referenciação na condição de “propriedade da linguagem de designar e identificar *entidades* no discurso”, por extensão, define as **expressões referenciais** como elementos designadores de entidades tais como: pessoas, coisas, animais, lugares, eventos, processos, propriedades, predicacões, etc.

Expressões nominais definidas, sinônimos, hiperônimos (indicadores de classe), nomes genéricos (coisa, pessoa, objeto, animal, etc.), nominalizações (emprego de formas nominalizadas, em geral, nomes deverbais), itens metalinguísticos e elipses integram o conjunto de expressões referenciais com propriedade remissiva dentro de um texto, assim afirmam Koch (1990, 2004a) e Marcuschi (2008). Já Roncarati (*op. cit.*, p. 66-67) inclui expressões referenciais com emprego atributivo no conjunto, ou seja, incorpora a predicacão nominal e assim julga ampliar o escopo da referenciação. Por este viés, as **expressões referenciais atributivas** representam elementos designadores de entidades atributivas, os quais

sustentam a apresentação de predicados – características, atributos ou qualidades – de entidades designadas por expressões referenciais.

Dentre as configurações integrantes do conjunto de expressões referenciais atributivas³¹ que podem assumir função predicativa e constituir cadeias referenciais anafóricas, são de nosso interesse as construções em que a anáfora é marcada por ENI como em (1) e (2):

- (1) Minha vida tem sido uma série de enganos... E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e **ele** foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem **um filho claro com olhos redondos**.
(RONCARATI, *ibidem*, p. 69)
- (2) Não é só em São Paulo, o PT está negociando com várias bases peemedebistas e tem boas possibilidades de êxito. Mas o afã de conquistar apoios não precisa nem justifica que a negociação política distribua avais morais, como fez Lula a Quércia, **um dos políticos mais eticamente contestados**, inclusive por Lula mesmo. (Jânio de Freitas, *O Jogo Duro*, FSP, 02/06/2002) (CUNHA LIMA, 2004, p. 205-206)

Tendo definido a anáfora textual e delimitado o conjunto de expressões referenciais com suas propriedades remissivas dentro do texto, partimos para a exposição de estratégias do processo de referenciação. A compilação leva em conta o esquema do Quadro 1 e traz amostras variadas de textos, tanto em modalidade escrita quanto oral³². As amostras constituem exemplos utilizados por outros pesquisadores (indicaremos a fonte) e dados desta pesquisa.

Destacamos inicialmente a **anáfora nominal com repetição lexical**. Neste caso há retomada completa ou parcial de um núcleo nominal em posição antecedente e a repetição que compõe a expressão anafórica acentua os sentidos dados ao texto, além de marcar a continuidade referencial.

³¹ Adjetivo, descrição definida e indefinida, aposto, pronome pessoal, numeral e sintagma preposicional são elementos que integram o conjunto de expressões referenciais atributivas na percepção de Roncarati (*idem*).

³² Tratam-se de transcrições de textos falados.

(3) **Aula de ciências**

- 1 (Prof.) Então, olha só
 2 a nossa aula de hoje foi sobre o quê?
 3 (Al.) **A energia elétrica**
 4 (Prof.) **A energia elétrica**
 5 Nós vimos então que **a energia elétrica** ela não pode ser desperdiçada,
 6 e por que **a energia elétrica** não pode ser desperdiçada?
 (RONCARATI, *op. cit.*, p. 109)

A **anáfora pronominal** – marcada pelo uso de pronomes (Fig. 2) – tem como traço essencial a operação de correferenciação ou retomada de referentes textuais, seja igual ou não a carga semântica e a função designadora do anafórico (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*, p. 53).

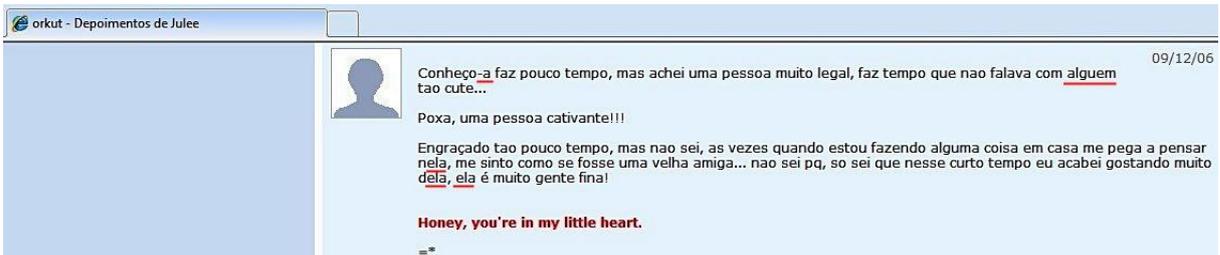


FIGURA 2 – ANÁFORAS PRONOMINAIS

Já na **anáfora nominal com sinonímia ou parassinonímia**, a remissão é feita por meio de núcleos nominais com sinônimos (4) e pode encontrar justificativa no gênero textual, na variedade linguística, no estilo do produtor do texto e no contexto. Dos mesmos aspectos decorrem a compreensão da seleção de designações que atuam como sinônimos aproximados (parassinonímia) ou mesmo paráfrases (5), o que possibilita denominações alternativas às vezes pouco evidentes (KOCH, 2004a, p. 246-247).

- (4) **Os bugios** não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para estes **símios** e outros animais da floresta, pela

abundância de pinhões. (...) (*Zero Hora*, 17/05/1992, p. 4). (KOCH, *ibidem*, p. 265)

- (5) (...) Lançada em 1897, **a aspirina** era indicada inicialmente apenas como analgésico. Com o tempo, **o remédio feito a partir da casca de salgueiro** provou-se eficaz contra inflamações, doenças do coração e alguns tipos de câncer, entre outros benefícios. (Reportagem *Revista Veja*, maio, 2004, p. 86) (MATOS, 2005, p. 113)

Na **anáfora com nominalização**, expressões nominais sinalizam o anafórico que transforma verbos (6), processos, estados, predicções e enunciados inteiros em objetos de discurso, de modo a sintetizá-los e apresentá-los sob a pressuposição de sua existência. (APOTHÉLOZ & CHANET, 1997; MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*; KOCH, 2004a).

- (6) Inf:[...] quais as razões que levam as pessoas a... **demandarem moeda** a procurarem moeda guarDArem moeda... a moeda como tal... o que... por que as pessoas retêm moeda ao invés... de comprar títulos... comprar artigos comprar imóveis... o que faz com que num determinado instante de tempo as pessoas tenham moeda... no bolso... ou seja quais os motivos que explicam **a demanda de moeda** por que as pessoas procuram moeda por que as pessoas reTÊM moeda... essa é a nossa preocupação... hoje... [...] (EF-SP-338: 13-23) (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*, p. 33)

Na construção de **anáfora com descrição definida**, a seleção de dadas expressões nominais definidas (introduzidas por determinantes definidos, Fig. 3), seja por contingência contextual ou por intenção do produtor do texto, resulta na ativação de saberes (ou *background*) considerados comuns entre os interactantes. Assim, o produtor direciona o texto pela especificação de características, propriedades ou aspectos dos objetos de discurso em detrimento de outros conhecimentos talvez inacessíveis (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*; RONCARATI, *op. cit.*).

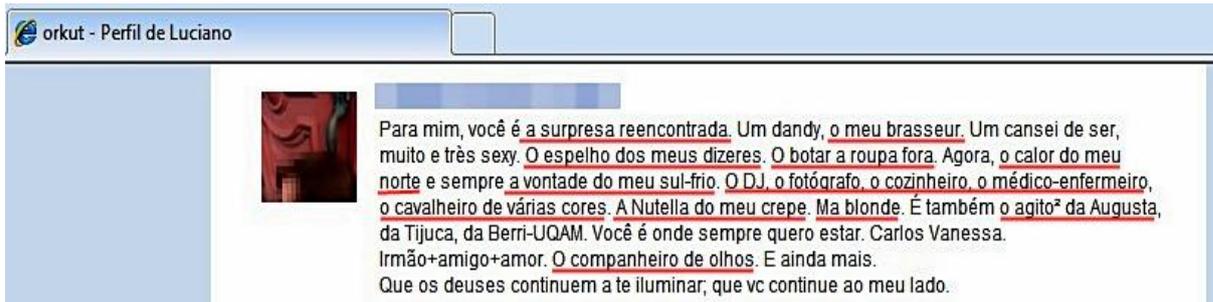


FIGURA 3 – ANÁFORAS COM DESCRIÇÕES DEFINIDAS

Em casos de **anáforas com hiponímia/hiperonímia** e vice-versa, o anafórico marca relações, entre outras, do tipo indivíduo-espécie ou espécie-gênero (a relação semântica de hiponímia/hiperonímia)³³ e seu núcleo nominal se ajusta aos traços lexicais do hipônimo ou atualiza os conhecimentos sobre o objeto de discurso por meio de uma glosa que o captura como uma subespécie (7). Também o anafórico pode ser um hipônimo (8) que especifica ou esclarece em síntese a categorização inicial do referente hiperônimo (KOCH, *op. cit.*, p. 247-250).

- (7) “Em meio à retransmissão generalizada dos investidores, um punhado de empresas não se deixou impressionar, mantendo suas estratégias, tocando a vida. Acreditando no Brasil, enfim. Entre elas destacou-se a **Nestlé**, que cumpria oito décadas de operações no país naquele ano. Em pleno carnaval, **a empresa suíça** anunciou a compra, por 500 milhões de reais, da Garoto, seriamente ameaçada por causa de divergências intransponíveis entre seus controladores”. (*Exame*, 18/02/04) (KOCH, *ibidem*, p. 248)
- (8) **Uma catástrofe** ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. **Uma epidemia de Ebola** já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (KOCH, 2006a, p. 74-75)

³³ A anáfora com esse tipo de relação semântica é denominada por Adam (2008, p. 138) como “anáfora definida infiel”, quando uma expressão nominal definida marca a continuidade referencial. A pesquisa de Condamines (2005) apresenta resultados qualitativos e quantitativos a respeito da questão da anáfora nominal infiel (ou com relação hiperonímica) e sua relação com o gênero textual.

As **anáforas com relações indiretas** ocorrem com a introdução de novo objeto de discurso como se já fosse conhecido, estabelecendo alguma ligação entre elementos do cotexto ou do contexto sociocognitivo através de associação (9) – baseada em relação léxico-estereotípica, marcada pela seleção de termos de mesmo campo lexical – e/ou inferenciação (10) – baseada em informações implícitas no cotexto e no conhecimento de mundo. (KOCH, 2004a, p. 253-254).

- (9) Uma das mais animadas atrações de Pernambuco é o **trem** do forró. Com saídas em todos os fins de semana de junho, ele liga o Recife à cidade de Cabo de Santo Agostinho, um percurso de 40 quilômetros. Os **vagões**, adaptados, transformam-se em verdadeiros arraiais. Banderinhas coloridas, fitas e balões dão o tom típico à decoração. Os **bancos**, colocados nas laterais, deixam o centro livre para as quadrilhas. (KOCH, *idem*, p. 254)
- (10) Bush, segundo declarou, pretende usar a **invasão** do país para instalar ali um regime democrático que sirva de inspiração de liberdade para outras nações da região. Sem contar o fato de que é fácil para os EUA ganhar **uma guerra** contra os iraquianos mas é difícil mudar o regime e manter em seu lugar um governo democrático estável, há o risco de produzir mais instabilidade ainda no Oriente Médio. (CUNHA LIMA, *op. cit.*, p. 91)

Anáforas rotuladoras são procedimentos metalinguísticos que explicam e definem (pelo resgate de informações e introdução de objetos de discurso e, por isso, o anafórico é simultaneamente referenciador e predicativo) através da seleção de expressões nominais para atuar como nomes rotuladores. Tais rótulos podem resumir/encapsular segmentos precedentes e subsequentes do cotexto – rótulos do dito – (11) e focalizar a atividade enunciativa mediante qualificações metadiscursivas – rótulos do modo do dito. Temos a rotulação metadiscursiva com a utilização de nomes de: atos ilocucionários³⁴ (12), processos cognitivos³⁵ (13), atividades

³⁴ São opções: ordem, promessa, conselho, advertência, asserção, crítica, proposta, alegação, cumprimento, afirmação, declaração, etc.

³⁵ Designações como essas podem ser feitas com os seguintes termos: reflexão, análise, suposição, atitude, opinião, convicção, avaliação, conceito, constatação, crença, hipótese, descoberta, etc.

linguageiras³⁶ (13), denominações metalinguísticas³⁷ (14). (FRANCIS, 2003; JUBRAN, 2005; KOCH, 2008c)

- (11) Se você receber uma alfinetada no braço, com certeza reagirá puxando o braço. **Essa capacidade que muitos seres vivos têm** de reagir a estímulos chama-se sensibilidade ou irritabilidade. (definição de livro didático) (CAVALCANTE, 2004b, p. 17)
- (12) Inf: [...] e se eu puser outra substância... que tiver um ÍON COMUM... acontece... se não tiver um íon comum não... se não tiver íon comum... ele não quer saber... aqui... aqui a nossa teoria... é baseada nessa... **nessa afirmativa...** [EF-RJ-251: 435-439] (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*, p. 43)
- (13) Os governos dos países da América Latina podem colocar em risco o crescimento da região se elevarem muito os juros e cortarem despesas de forma drástica para defender o valor das moedas. **A avaliação**³⁸ é de Charles Adams, diretor assistente de pesquisa do FMI [...] **Os comentários**³⁹ de Adams refletem o receio de que fórmulas tradicionalmente defendidas possam levar à recessão. (JUBRAN, *op. cit.*, p. 230)
- (14) O premiê (Tony Blair) aproveitou para rejeitar “a imposição de novos escudos para controlar o movimento internacional de capitais ou o recuo no livre comércio”. **A frase** é mais uma evidência de quanto se dissemina, entre os dirigentes dos partidos ricos, o temor de que os mercados emergentes recorram a medidas que fujam do receituário liberal. (*Folha de São Paulo*, 22/09/1998) (JUBRAN, *idem*)

³⁶ Tais como: descrição, explicação, relato, esclarecimento, comparação, comentário, história, controvérsia, debate, exemplo, ilustração, definição, sondagem, resumo, denominação, etc.

³⁷ Denominações relacionadas ao campo da língua ou do texto, como: palavra, frase, pergunta, sentença, termo, parágrafo, questão, vocábulo, expressão, etc.

³⁸ Rotulação de processo cognitivo.

³⁹ Rotulação de atividade linguageira.

Na **indicação pronominal**, pronomes realizam a referenciação sem que haja a lexicalização ou designação explícita de objetos de discurso (15), pois estes podem ser localizados no campo inferencial por meio da dedução de informações cotextuais e contextuais (MARCUSCHI & KOCH, *op. cit.*, p. 32-35).

- (15) 1 E – Mas tem um programa especial (no rádio) que a senhora gosta?
 2 MT – Tem maisi eu num entendo daquilo, eu vejo **eles** falá, eu esqueço, tô c'a cabeça ruim... (MARCUSCHI, 2008, p. 263)

Em 15, a informante MT usa a pronominalização “eles” e produz uma referenciação com indução cotextual para introduzir sua menção a locutores de programa de rádio que escuta e sobre os quais não houve referência explícita antes.

Por fim, neste capítulo buscamos elencar as bases teóricas do estudo linguístico-textual que nos dispomos a realizar. Detalhamos na primeira parte da revisão bibliográfica as concepções de língua, linguagem, enunciação, texto, gênero discursivo, referenciação e anáfora textual, as quais foram colocadas sob o traçado da noção de cognição social. Ainda em relação à compilação aqui apresentada, não parece demais acrescentar que há na literatura outras classificações de processos referenciais. Para conhecimento de parte delas, recomendamos a leitura dos escritos de Cavalcante (2003), Bronckart (2007), Adam (2008). No capítulo que segue, entram a definição e caracterização da operação de recategorização lexical.

2 A RECATEGORIZAÇÃO LEXICAL

Das três operações ligadas à referenciação (p. 18), enfocamos neste capítulo aquela que traduz um dos pontos chave da pesquisa: a recategorização lexical. Inicialmente distinguimos as operações de categorização e recategorização e, em segundo momento, discutimos três trabalhos focados na recategorização. O interesse por tais abordagens deve-se à possibilidade de acessar a visão clássica da questão e ainda alguns desdobramentos voltados à classificação das recategorizações e seu funcionamento discursivo.

2.1 DA CATEGORIZAÇÃO À RECATEGORIZAÇÃO

De antemão, argumentamos ser impossível conceituar a recategorização lexical sem antes entender a operação que dá condições para a construção daquela, ou seja, a **categorização**.

Em termos linguísticos, ao categorizar o sujeito falante seleciona itens lexicais a fim de expor da maneira que julga ser mais adequada a “bagagem de conhecimentos associados aos objetos de discurso” (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 229). A operação de categorização lexical proporciona ao falante opções para ativar determinada informação na memória discursiva através de expressões nominais (KOCH, 2006a, p. 64) que:

- sejam de fácil acesso ao interlocutor (*Esse gurizinho* na Fig. 4);
- tenham certo nível de complexidade, exigindo trabalho cognitivo maior para serem compreendidas (a expressão *o jogo da desdentada*, também na Fig. 4, cuja seleção se ampara em conhecimentos partilhados entre o produtor e usuário para quem o depoimento foi escrito).

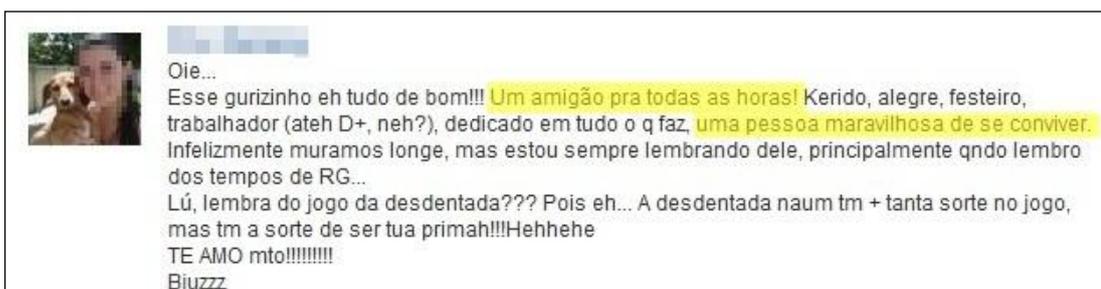


FIGURA 4 – EXEMPLO DE CATEGORIZAÇÃO LEXICAL

Deste modo evidenciamos a condição variável das categorias, uma vez que a seleção de expressões referenciais para fins de categorização ancora-se em “*pratiques relevant des processus d’énonciation comme d’activités cognitives non nécessairement verbalisées, pratiques du sujet ou interactions où les locuteurs négocient une version provisoire, contextuelle, coordonnée du monde*”⁴⁰ (MONDADA & DUBOIS, 1995, p. 284) (grifo nosso). Este ponto de vista explora a plasticidade das categorias que, ao invés de serem apriorísticas, variam de acordo com o desenrolar da enunciação e as atividades cognitivas dos sujeitos que as operam (MONDADA & DUBOIS, *ibidem*, p. 288).

Tal posição poderia dialogar com a de Tomasello (2003, p. 149) no que tange às representações intersubjetivas (conhecimentos partilhados pelos sujeitos que juntos constroem os sentidos a cada ato sociointeracional) e à natureza perspectiva dos símbolos linguísticos:

O que torna os símbolos linguísticos realmente únicos de um ponto de vista cognitivo é o fato de que cada símbolo incorpora uma perspectiva particular sobre alguma entidade ou evento: esse objeto é simultaneamente uma rosa, uma flor e um presente. A natureza perspectiva dos símbolos linguísticos multiplica ao infinito a especificidade com que podem ser usados para manipular a atenção dos outros, e esse fato tem profundas implicações quanto à natureza da representação cognitiva.

Tomasello (*ibidem*, p. 133) entende que a categorização constitui caso especial de apreensão “de uma maneira particular de ver algum fenômeno”. Por este viés, a categorização mobiliza uma perspectiva de interpretação do mundo que é compartilhada entre os sujeitos falantes desde o início da aquisição linguística – para o que é imprescindível a compreensão das intenções comunicativas – por meio das interações sociais e das trocas discursivas. Ao pensar sobre a atividade de referir através das categorias, alinhado com a proposta da cognição social, o pesquisador identifica a necessidade de “reconhecer explicitamente a questão teórica de que a referência linguística é um *ato social* no qual uma pessoa tenta fazer com que outra dirija sua atenção para algo do mundo” (TOMASELLO, *ibidem*, p. 135) (grifo do autor).

⁴⁰ “práticas dependentes dos processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas, práticas do sujeito ou interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo.” (tradução nossa)

2.2 A CONCEPÇÃO CLÁSSICA DE APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN (1995)

A primeira abordagem direcionada à recategorização lexical é da autoria de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). Na interpretação dos teóricos, a recategorização é um recurso de renomeação do referente textual ou estratégia de designação por meio de expressão referencial que reapresenta outra categoria ou classe de indivíduos/entidades, com **retomada** de elemento já introduzido na memória discursiva, para o que levamos em conta as seguintes asserções:

De manière générale, à chaque moment du discours, le locuteur dispose, pour désigner un objet donné, d'une série non close d'expressions linguistiques utilisables à conditions référentielles égales. Non seulement ce locuteur est en droit de sélectionner celle qui'il estime la plus apte à permettre l'identification du référent, mais il peut, par des recatégorisations, par l'ajout ou le retranchement d'expansions, etc., moduler l'expression référentielle em fonction des visées du moment; celles-ci peuvent être de nature argumentative (soutenir une certaine conclusion), sociale (ménager la face de l'autre, euphémiser le discours), polyphonique (évoquer un autre point de vue sur l'objet que celui de l'énonciateur), esthétique-connotative, etc., elles peuvent également être liées à la gestion de la référence (éviter ambiguïté); (...) Il en découle que la sélection d'une dénomination est une opération nécessairement *contextualisée*.⁴¹ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, idem, p. 242) (grifo do autor)

Na descrição das transformações marcadas por um anafórico, os autores concebem três situações em que o enunciador emprega recursos lexicais para a modificação do referente textual ou de algum de seus aspectos.

A primeira situação configura-se quando **o anafórico transforma o objeto**, pois as recategorizações tornam a acrescentar predicções sobre o objeto de discurso através de expressão anafórica que tanto retoma fielmente o lexema antecedente seguido de expansão (modificador, oração relativa encaixada, etc.) com uma informação inédita, quanto renomeia o objeto. A operação divide-se em três casos distintos, a saber⁴²:

⁴¹ De maneira geral, a cada momento do discurso, o locutor dispõe, para designar um objeto dado, de uma série não fechada de expressões linguísticas utilizáveis e condições referenciais iguais. Não somente este locutor está no direito de selecionar aquela que estima a mais apta a possibilitar a identificação do referente, mas ele pode, por recategorizações, pelo acréscimo ou corte de expansões, etc., modular a expressão referencial em função das intenções do momento; essas podem ser de natureza argumentativa (sustentar certa conclusão), social (proteger a face do outro, atenuar o discurso), polifônica (evocar um outro ponto de vista sobre o objeto que aquele do enunciador), estético-conotativo, etc., elas podem igualmente estar ligadas à gestão da referência (evitar ambiguidade); (...) Resulta que a seleção de uma denominação é uma operação necessariamente contextualizada. (tradução nossa)

⁴² Todos os exemplos reproduzidos constam no texto original de Apothéloz & Reichler-Béguelin (idem).

- a) **recategorização explícita** – apresenta diferentes funcionamentos no texto, como argumentativo (com o uso de metáfora e/ou lexema axiologicamente marcado); denominação reportada (indica opiniões ou atitudes pessoais em contextos que marcam discurso indireto livre, monólogo interior ou pensamento representado); aspectualização (resulta da evolução de aspecto/atributo sobre o qual o objeto é provisoriamente considerado; há mudança na perspectiva de apresentação de atributos a fim de evitar repetições); sobremarcação da estrutura discursiva (coincide com a mudança de parágrafo que aumenta a visibilidade de informações adicionadas por nova expressão referencial, também evita repetições).
- (16) **L’endroit** où je me trouvais donnait, d’un côté, sur le vaste océan; de l’autre, il était fermé par un promontoire escarpé. Contournant **ce cap**, soudain arriva un vaisseau poussé par le vent. (Mary Shelley, *Transformation*, 72, trad. frçse)⁴³ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUÉLIN, ibidem, p. 248)
- b) **recategorização implícita** – as transformações são sinalizadas por pronomes; a marcação de gênero do pronome indica alusão⁴⁴ a uma denominação; este recurso tem a finalidade de reduzir ambiguidades referenciais, evitar o gênero gramatical quando este não corresponde à identidade sexual do objeto (17) e indicar uma conotação particular.
- (17) [Après une information faisant état d’une hospitalisation de Mère Thérèse] **Le prix Nobel de la paix** devrait rentrer chez **elle** dès ce week-end. (Radio, 21.8.1993)⁴⁵ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUÉLIN, ibidem, p. 254)
- c) **alteração da extensão do objeto** – depois de categorização genérica do objeto, ocorre uma modificação parcial desta que pode: apresentar desacordo com a marca do determinante da expressão antecedente (18);

⁴³ “**O lugar** onde eu me encontrava dava, de um lado, para o vasto oceano; de outro, era fechado por uma ponta de terra íngreme. Contornando **este cabo**, rápido chegou um navio empurrado pelo vento.” (tradução nossa). É um exemplo de recategorização com aspectualização.

⁴⁴ Remissão com ativação indireta e vaga de objeto de discurso, segundo Roncarati (2010).

⁴⁵ “[Depois de uma informação mencionando uma hospitalização de Madre Teresa]

O prêmio Nobel da paz deverá retornar para a casa **dela** a partir deste final de semana.” (tradução nossa)

passar a um nível metalinguístico⁴⁶; operar relação metonímica; fragmentar o objeto de discurso, processo em que a compreensão do anafórico decorre da extração de objetos alocados em um “amalgama cognitivo” que autoriza a aproximação entre as designações.

- (18) Dans le métro parisien depuis quelques mois, une affiche publicitaire. On y voit **un couple** enlacé, bouche à bouche. **Il la** tient dans ses bras, renversée. (*Marie Claire*, avril, 1991)⁴⁷ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, *ibidem*, p. 260)

Na segunda situação há modificação em que se **desconsideram as predicções acrescentadas ao objeto**. O objeto de discurso é recategorizado por meio de uma predicção e o anafórico posterior ignora a recategorização. Por exemplo, a denominação masculina é ignorada na última recategorização de 19.⁴⁸

- (19) **L’huître**, de la grosseur d’un galet moyen, est d’une apparence plus rugueuse, d’une couleur moins unie, brillamment blanchâtre. C’est **un monde opiniâtrement clos**. Pourtant on peut l’ouvrir: il faut alors **la** tenir au creux d’un torchon, se servir d’un couteau ébréché et peu franc, s’y reprendre à plusieurs fois. (Francis Ponge, *L’huître*, dans *Le parti pris des choses*)⁴⁹ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, *ibidem*, p. 261)

A **incorporação dos predicados explicitados** caracteriza a terceira situação de recategorização, inclusive tomada pelos teóricos como uma das funções discursivas essenciais das operações recategorizantes. Por meio da descrição que o lexema selecionado (pronomes ou expressões nominais) dá ao objeto de discurso,

⁴⁶ No exemplo dos autores, a enumeração de designações metalinguísticas como “sua etimologia” e “suas significações” apresentam alterações do objeto categorizado como “artigo consagrado ao coração”.

⁴⁷ “No metrô parisiense há alguns meses, um cartaz publicitário. Vê-se lá **um casal** enlaçado, boca a boca. **Ele a** segurava em seus braços, virada.” (tradução nossa)

⁴⁸ Em francês, devido à elisão da vogal do artigo, não há como saber se foi usado o artigo feminino *la* ou o masculino *le* junto do verbo *ouvrir* e, por isso, os autores afirmam não ter como identificar se houve neutralização da oposição masculino/feminino.

⁴⁹ “**A ostra**, da grossura de um seixo médio, é de uma aparência mais rugosa, de uma cor menos uniforme, brilhantemente esbranquiçada. É **um mundo obstinadamente fechado**. Todavia pode-se abri-la: é preciso então segurá-la na cavidade de um pano, servir-se de um lado rachado e pouco aberto, recomeça-se muitas vezes.” (tradução nossa).

obtém-se a ratificação das informações trazidas a respeito do antecedente. É um recurso que eleva a autonomia semântica da parte do texto em que está o anafórico e indica uma atitude cooperativa do locutor.

- (20) **Une Japonaise** a pu choisir la meilleure des 353 places d'un Jumbo, s'étant retrouvée seule à bord d'un Boeing 747, a annoncé British Airways. N'ayant pas pu la transférer sur un autre vol, la compagnie s'est retrouvée obligée de maintenir le vol pour **cette unique passagère**. (La Suisse, 27.10.1988)⁵⁰ (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, ibidem, p. 262)

Para uma retomada geral da classificação, vejamos o seguinte esquema:

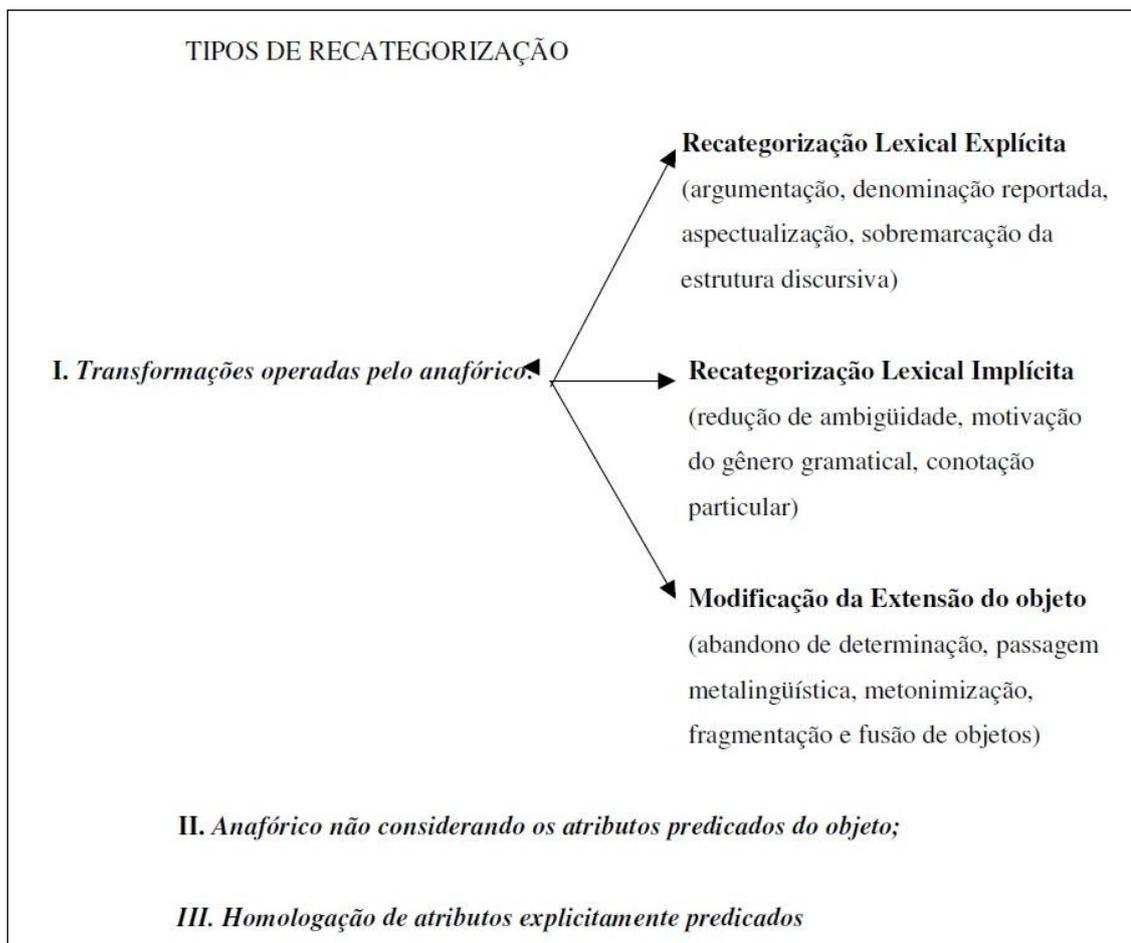


FIGURA 5 – CLASSIFICAÇÃO DE RECATEGORIZAÇÕES LEXICAIS POR TAVARES (2003)

⁵⁰ “**Uma japonesa** pôde escolher o melhor dos 353 lugares de um Jumbo, encontrando-se sozinha a bordo de um Boeing 747, anunciou a British Airways. Sem poder transferi-la para outro vôo, a companhia obrigou-se a manter o vôo para **esta única passageira**.” (tradução nossa)

Apresentamos a proposta clássica sem manifestar objeções, as quais entram em nossas considerações daqui para frente. Primeiramente, tal tentativa de classificação dos tipos de recategorização pauta-se em critérios imprecisos e pouco homogêneos, conforme analisa Matos (2004), por resultar numa tipologia cujos critérios podem variar entre discursivos, gramaticais e cognitivo-referenciais em detrimento de critérios léxico-semânticos como se poderia esperar. Apothéloz & Reichler-Béguelin (*op. cit.*) desenvolveram uma classificação insuficiente em que apenas o primeiro item recebe uma subespecificação de acordo com funções discursivas da recategorização (argumentação, denominação reportada, aspectualização, sobremarcação da estrutura discursiva). Apesar da incompletude e flutuação de critérios, interessa-nos os casos explícitos de recategorização lexical (como em 16 e 20) em que expressões nominais constituem o elemento anafórico.

Por assim dizermos, descartamos as recategorizações construídas com pronomes. Esse tipo de marcação de modificações referenciais parece-nos questionável por assumirmos que os pronomes não têm autonomia de significação para recategorizar e seu funcionamento limita-se a introdução e manutenção referencial, conforme demonstramos na última na subseção 1.4.1 do capítulo 1.

Cabe ainda trazer à tona uma crítica de Cavalcante (2004b). Sobre as funções discursivas atribuídas por Apothéloz & Reichler-Béguelin (*op. cit.*) às recategorizações explícitas, a linguista contesta a oposição entre a função argumentativa e as demais. Junto com Tavares (2003), aquela identifica a função argumentativa em toda recategorização lexical e chega a afirmar que a argumentação se manifesta também por meio de forma neutra sob a alegação de que a não-avaliação marca a posição de neutralidade do enunciador.

Subjacente a esse ponto de vista está o tratamento da argumentação como propriedade “inscrita no uso da linguagem” e “atividade estruturante” dos discursos, cuja tese da autoria de Koch (2008a [1989]) filia-se ao trabalho ducrotiano em semântica argumentativa. A postura de Cavalcante (*op. cit.*) e Tavares (*op. cit.*) parece se encaminhar para o estado atual dos estudos desenvolvidos por Oswald Ducrot e Marion Carel com a teoria dos blocos semânticos. Encontramos em Campos (2007) uma consideração que poderia elucidar a postura daquelas:

Ao situar o sentido das entidades linguísticas nos encadeamentos argumentativos por elas evocados, o que se realiza é a incorporação

decisiva da argumentação ao funcionamento da língua. Não apenas os encadeamentos argumentativos são argumentativos, mas também outros tipos de enunciados, expressões, inclusive as palavras da língua (tanto as palavras gramaticais quanto as plenas). (CAMPOS, *idem*, p. 165)

Retiramos desse dizer elementos para presumir que a crítica mencionada aproxima-se da ideia de deslocamento da concepção de argumentação para o escopo de funcionamento dos itens lexicais.

2.3 AS REFORMULAÇÕES TEÓRICAS DE TAVARES (2003) E MATOS (2004)

O pioneirismo do trabalho de Apothéloz & Reichler-Béguelin deixou lacunas motivadoras de investigações a fim de reorganizar as diversas manifestações da recategorização lexical em parâmetros mais definidos, conforme se verifica nos trabalhos de Tavares (2003) e Matos (2004).⁵¹

Tavares (*op. cit.*) busca reformular a abordagem clássica mediante o aprimoramento dos critérios de análise com base na tipologia dos processos referenciais de Cavalcante (2003), sob o argumento de que a classificação existente, “embora tratasse o fenômeno como ‘recategorização lexical’, nem sempre se preocupava com aspectos semântico-lexicais e se apoiava, principalmente, em justificativas de natureza discursiva” (TAVARES, *op. cit.*, p. 135). Explicitude e implicitude são os únicos critérios da proposta original que foram mantidos, pois a autora inclui três parâmetros: de retomada, cognitivo e de significação.

Trata-se de uma classificação exaustiva e, por limitações de espaço, não a detalharemos. Contudo, retomamos uma crítica sobre conclusão equivocada a que o trabalho de Tavares (*idem*) pode conduzir. Sobre o absolutismo da afirmação de que todas as anáforas diretas recategorizam, Cavalcante (2004b, p. 9-10) adverte quanto à adição de “um tipo de correferencialidade que simplesmente mantenha a mesma representação do referente no discurso, sem acrescentar atributos nem focalizar nenhum ângulo diferente: uma anáfora correferencial não-recategorizadora.”

Da reflexão de Tavares (*op. cit.*), retiramos duas alternativas para interpretar os tipos de recategorizações conforme o tipo de expressão referencial selecionado. A primeira opção é a **recategorização cognitivo-lexical**, pela qual modificações

⁵¹ Além dessas pesquisas de natureza teórica, outros estudos contemplam aspectos pontuais do comportamento de recategorizações lexicais: no discurso jurídico das tomadas de depoimentos de acusados por Damasceno (2002), no discurso literário de poemas por Jaguaribe (2004) e no discurso humorístico de piadas por Lima (2007).

incidem em conceitos iniciais que se pode ter sobre o elemento categorizado, o que acaba por agregar alterações na significação da expressão recategorizadora. A segunda alternativa é a **recategorização cognitiva** em que modificações incidem exclusivamente nas concepções iniciais sobre o objeto de discurso sem haver a modificação lexical devido a seu caráter de implicitude.

Por um lado, o desenvolvimento de classificação que admite anáfora recategorizante sem alteração lexical e deslocada para o terreno dos implícitos causa estranhamento pelo fato de ir de encontro ao que se entende por recategorização lexical. Especificamente por Tavares (*op. cit.*) sugerir que há recategorizações cognitivas sem marcas linguísticas, o que é diferente de dizer que toda recategorização implica em relações cognitivas – algo apontado pela autora e com o qual concordamos. Para o objeto de discurso ser incluído em nova categoria é necessária a seleção de novo item lexical para remeter a uma categorização inicial também construída por item linguístico. Por outro lado, apesar de a referencialidade preponderar nessa abordagem, a autora não se aprofunda na reflexão quanto às funções discursivas das recategorizações e às propriedades argumentativas do processo. No último caso, a justificativa é a generalização de que todas as recategorizações exercem função argumentativa.

Posteriormente, o funcionamento discursivo é explorado por Matos (2004). Sua preocupação recai na **classificação do funcionamento discursivo das recategorizações lexicais** operadas através de anáforas diretas e correferenciais de acordo com os princípios ducrotianos de argumentatividade. Ao contrário da pesquisadora, não tentaremos compor um inventário geral de funções discursivas das recategorizações em diversos gêneros textuais, pois a pretensão é verificar a atuação da recategorização com ENI especialmente no gênero depoimento do *orkut*.

Com a análise de um *corpus* de textos variados, a pesquisadora constitui sua proposta classificatória de funções argumentativas, conforme veremos as definições e configurações a seguir:

- **avaliativa** – produção de julgamento, de sentido valorativo por meio de expressões ou paráfrases nominais que expõem certa opinião apreciativa, real ou simulada, sobre o objeto referenciado.

(21) (...) Aqui em casa teve **uma super festa** até mensagem de carro-som recebi de meus pais. É muito gratificante poder passar por isso. Só faltou você para completar **a festa que teve a participação de pessoas muito queridas**. (ECP04- Prottexto) (MATOS, idem, p. 106)

- **não-avaliativa** – referencia de modo atributivo sem acrescentar avaliações evidentes, função limitada a renomear o objeto para substituir um termo por outro.

(22) TERMO DE DEPOIMENTO DA PARTE AUTORA

(...) Dada a palavra ao Defensor Público, em prol da promovida, às suas perguntas respondeu: (...) que desde os quinze anos de idade a requerida trabalha; que na época do arbitramento da **pensão alimentícia** em questão o depoente ainda oferecia ajuda à requerida; (...) que a filha nasceu no mês de junho do ano p.p de 1980; que **a aludida pensão alimentária** foi acordada no ano p.p de 1996 (...) (JuTD01- Prottexto) (MATOS, idem)

- **glosa** – explicitação da natureza ou da categoria do referente, pode atuar com diferentes finalidades, como para:
 - a) definição: explica a natureza do objeto sob focalização discursiva por meio de expressão nominal ou de paráfrase definidora, materializa-se através de nomes gerais, nomes metalinguísticos, hiperônimos, relações metonímicas, hipônimos, etc.

(23) (...) Felizmente – ah! **Um infelizmente** neste último capítulo de um caipora é, na verdade, uma anomalia; mas vão lendo, e verão que o **advérbio** pertence ao estilo, não à vida; é um modo de transição e nada mais. (...) (Conto Último Capítulo, Machado de Assis, 1997, p. 60) (MATOS, ibidem, p. 112-113)⁵²

- b) correção: negação e reformulação de nomeação anterior por meio de expressões nominais ou paráfrases e após expressões corretivas como “ou melhor”, “quer dizer” ou ainda em comentários metalinguísticos.

⁵² Glosa com nome metalinguístico, em que o termo “advérbio” recategoriza “Um infelizmente”.

(24) (...) O eixo que surge anunciado pela formação do governo Lula é o que sobrou da vasta indeterminação. Entre a avenida Paulista e São Bernardo: **uma política econômica ortodoxa**, para não dizer **tucana**, e uma política social petista, Palocci-Meirrelles e Fome Zero-Ministérios Sociais. (...) (Artigo de opinião, *Folha de São Paulo*, dez. 29, 2002) (MATOS, *ibidem*, p. 118)

c) especificação: a recategorização parte de um sentido amplo para um particular, opera uma anáfora especificadora em que se refina a categorização na sequência hiperônimo/hipônimo e compactam-se informações novas sobre o objeto.

(25) A crescente demanda e a escassez do pescado no Baixo São Francisco transformaram o cenário do Rio. É comum encontrar **tanques-rede**, ou **gaiolas**, para a produção de peixes em cativeiro ao longo do leito e em seus afluentes. Trata-se de uma atividade econômica que se prolifera no Velho Chico e rende bons lucros para seus investidores. (...) (Reportagem, *Jornal de Aracaju*, dez. 2001, p. 51) (MATOS, *ibidem*, p. 121)

- **estético-conotativa** – a expressão recategorizadora marca “traços eventuais e multissignificativos” que se atribuem ao objeto de discurso, ativa relações inferenciais, o uso é comum na linguagem literária.

(26) A MULHER

Havia uma hora em que não existia nada:

nem sol, nem terra, nem lua.

Não havia nem espaço nem dimensões havia.

(...) E surgiu, com a criação do homem, **a mulher**

que se doou em amor e (que) se tornou

a sublime inspiração da vida.

(Poema de Ary de Albuquerque, 2002, p. 152) (MATOS, *ibidem*, 122-123)

A autora conclui que as recategorizações podem ser multifuncionais no discurso por constatar que as funções argumentativas não são totalmente excludentes, mas coauxiliares e passíveis de sobreposição. Multifuncionalidade esta

que se observa em nosso *corpus* com relação às funções avaliativa (em paráfrases similares a de 21) e de glosa, dentre outras possibilidades.

Além disso, outro ponto que nos interessa é a hipótese aberta na conclusão da dissertação de Matos (*ibidem*, p. 139):

certas funções das anáforas correferenciais recategorizadoras podem estar condicionadas a características de determinados gêneros textuais, uma vez que verificamos a predominância da função “avaliativa” em gêneros como os poemas e anúncios publicitários; da mesma forma que a “glosa por definição” prevalece nas bulas farmacêuticas. Ainda mencionamos a larga utilidade dessa função em outros textos de teor científico ou também didático.

A hipótese acima circunda o condicionamento de um aspecto da anáfora recategorizante a particularidades de gêneros textuais, algo para o qual tínhamos fundamentação apenas em Koch (2004a, p. 261):

Caberia, ainda, retomar o tema da relação entre determinadas estratégias de seleção lexical e gêneros textuais. As observações feitas a respeito da sinonímia, bem como das anáforas definicionais ou didáticas, permitem entrever tal relação: em se tratando de anáforas por sinonímia, em gêneros do domínio jornalístico, como notícia, reportagem, matérias opinativas; ou do campo contratual ou deliberativo, como contratos, atas de reunião, em contraposição com gêneros informais, como interações face-a-face, entre outros; no caso das anáforas definitórias ou didáticas, em gêneros como artigo acadêmico, conferência científica, matéria de vulgarização científica, aula, palestra, e outros mais.

Desse modo, reunimos mais um argumento para sustentar a proposição de que haveria alguma vinculação entre as recategorizações com ENI e características do gênero depoimento do *orkut*. A anáfora com ENI é o tema do terceiro capítulo, em que nos detemos no funcionamento anafórico, na classificação, no uso e processamento de ENIs.

3 A ANÁFORA COM EXPRESSÃO NOMINAL INDEFINIDA

3.1 SOBRE A FUNÇÃO ANAFÓRICA

Koch (2004b) salienta a negligência nos estudos direcionados às possibilidades de empregos do determinante indefinido (artigo indefinido), no tocante ao uso anafórico de ENI, e reporta-se inicialmente ao trabalho *Indirekte Anaphern in Texten* (2000) de Monika Schwarz.⁵³ A partir dessa proposta, o emprego da expressão indefinida pode ocorrer em:

- relações parte-todo, em que um referente é selecionado no interior de um conjunto apresentado anteriormente;
- (27) **Um grupo de crianças alegres** entrou na sala. **Uma garotinha loira** veio na minha direção e entregou-me uma rosa. (KOCH, idem, p. 3)
- nomeação parcial de um referente já introduzido ou subespecificação consciente do referente visando a um efeito de suspense;
- (28) Assalto a Banco: os meliantes atiram no motorista de um carro forte. O caixa age com a rapidez de um raio: fazendo o dinheiro desaparecer não se sabe como, apresenta aos assaltantes duas caixas vazias. À noite, **ele** recebe uma visita inesperada. No dia seguinte, **um cadáver** é retirado de um riacho próximo. (exemplo adaptado de Schwarz, 2000, p. 59) (KOCH, idem).
- focalização acentuada do conteúdo informacional da expressão anafórica em lugar da continuidade da cadeia coesiva.

⁵³ Em trabalho publicado originalmente em 1999, ao tratar da correspondência parcial entre funções e subcategorias das marcas dos mecanismos de coesão nominal, Bronckart (2007, p. 270-271) assinala a possibilidade de SNs indefinidos marcarem anáforas nominais pela incorporação da função de retomada. Entretanto, o teórico do interacionismo sociodiscursivo não ilustra a observação e limita-se a dizer que a relação função x forma é reversível, pois “pode acontecer que uma unidade-fonte seja introduzida na forma de um nome próprio, de um sintagma nominal definido, até mesmo de um pronome; ocorre também que **sintagmas nominais indefinidos assumam uma função de retomada.**” (grifo nosso).

- (29) **A velha senhora** desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra **a avozinha**, mas **um montinho de infelicidade**, **uma coisinha danificada e confusa**. (adaptado de Schwarz, 2000, p. 59) (KOCH, idem)

A todos esses casos, Koch (idem) contrapõe outros aos quais atribui maior complexidade de análise por requererem a decisão entre uma interpretação referencial e outra predicativa. Uma possível justificativa para a duplicidade de análises das ENIs, quando inseridas em processo anafórico, seria sua “dupla função cognitivo-discursiva”. Em outras palavras, a analista diz que tais expressões podem simultaneamente reativar referentes fixados na memória e introduzir novas predicções sobre eles. Um exemplo oferecido é este:

- (30) **Um homem sozinho**, com uma jaqueta numa das mãos e um embrulho na outra, com um ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. **Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido.**

Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou a sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, **esse cidadão anônimo** fixou uma imagem poderosa. (...) (“O desconhecido da camisa branca”, *VEJA*, 14/06/89) (KOCH, ibidem, p.1-2)

Através dos elementos grifados no excerto (30), Koch propõe-se a demonstrar evidências da construção do objeto de discurso categorizado como *Um homem sozinho*. Para tanto, a autora empresta noções semânticas da teoria das descrições para fundamentar sua reflexão em torno da textualização que se dá com descrições indefinidas no primeiro parágrafo (*Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido*) e, no segundo, com a descrição definida *esse cidadão anônimo*.

Dentre outras observações, a linguista alerta que o enunciador seleciona frases nominais porque não pretende simplesmente fazer predicções sobre certo

referente textual, além disso, busca construir objetos de discurso com “descritores lexicais nominais” (descrições definidas ou indefinidas). Parafrasear frases nominais com o acréscimo de verbo *ser*, para Koch, não seria uma solução suficiente para explicar a contribuição do nominal indefinido com função anafórica na construção de sentidos do texto. Importa mais a seleção lexical feita pelo produtor – de expressões referenciais atributivas que asseguram a progressão referencial se quisermos justificar sob o olhar de Roncarati (2010) – do que o preenchimento de supostas lacunas deixadas na superfície textual para se reconstruir os sentidos. Por este viés, a estratégia do enunciador dinamiza e fortalece a textualização, promove “flashes”, lançando informações sucintamente de modo a oferecer condições para que os objetos descritos sejam compostos na memória discursiva e mesmo para negociar as designações adequadas ao referente textual com o coenunciador.⁵⁴

No enfoque dos casos de recategorização com ENI, o conceito de tematização-remática, também introduzido por Schwarz (2000), é incorporado por Koch (*op. cit.*). Entretanto, é em escrito de 2002 que encontramos detalhamento da escolha feita pela teórica:

ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente ou, em se tratando de nominalizações, sumarizando e rotulando as informações-suporte, elas [formas nominais referenciais] têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação inferível e nova. Schwarz (2000) denomina essa função de *tematização remática* (KOCH, 2002, p. 91) (grifo da autora).

A finalidade é descrever uma das funções cognitivo-discursivas que as expressões nominais exercem durante o processamento textual. Nesse sentido, Koch (2004b) observa que a recategorização por tematização-remática traz outra predicação sobre o referente textual que não havia sido apresentada na sua introdução. É o que se encontra no excerto de exemplo utilizado pela linguista (31),

⁵⁴ De certo modo ultrapassando as fronteiras teóricas de nosso estudo, a fim de demonstrar o quanto a discussão sobre o uso de ENIs é fértil, resgatamos uma interpretação funcionalista – produzida por Neves (2007) e na qual prevalece a condição de “agente intencional” (TOMASELLO, *op. cit.*, p. 8) do sujeito falante. A linguista trata da ambiguidade do estatuto referencial de descrições indefinidas, concluindo que a dupla interpretação não resultaria do fato de existir ou não referentes no mundo real. Ao contrário, para dissolvê-la, importa o que o falante tem ou não em mente, bem como a intenção dele de referir-se a algo “é um componente importante na compreensão da referencialidade, que envolve o universo discursivo, nascido de uma negociação entre os interlocutores para estabelecimento das entidades que nele devem existir” (NEVES, *op. cit.*, p. 244).

cujo produtor escolhe a expressão indefinida *um grave problema* que recategoriza *uma questão social* e assim destaca a própria avaliação do objeto de discurso ou mesmo a enunciação polifônica de concepções valorativas. Vejamos o excerto:

- (31) (...) "Estão tratando **uma questão social** como se fosse uma questão urbanística e financeira. Enquanto adotarem medidas repressivas estarão perpetuando **um grave problema**", diz. (FSP "Especialistas criticam ação do governo" FSP 3/9/2000) (KOCH, idem, p. 3-4)

A dupla análise se repete no caso de anáforas especificadoras, conceito de Apothéloz & Reichler-Béguelin (*op. cit.*), cuja operação se dá nos contextos em que o produtor precisa recorrer a um refinamento da categorização introduzida. Conforme um dos exemplos dessa operação (32), o refinamento da categorização feita por meio da ENI *um brasileiro* é marcado pela expressão *um gaúcho de 27 anos*, que particulariza ou especifica a informação introduzida pela primeira ENI.

- (32) O laudo indica que o material orgânico encontrado nos cadáveres pertence a **um brasileiro**, o que o incrimina como possível autor dos homicídios. Preso há três anos na cadeia de Ricker's Island, alega inocência. / O verdadeiro nome do acusado de matar dois homossexuais norte-americanos é José Mário de Carvalho Quevedo, **um gaúcho de 27 anos**. (OESP, 9/9/2000) (KOCH, *op. cit.*, p. 4)

3.2 SOBRE A CLASSIFICAÇÃO

Em um desdobramento da abordagem de Koch (2004b), Cavalcante (2004a) concentra-se em contextos pragmático-discursivos ao analisar o funcionamento anafórico de ENIs e a construção de sentidos decorrente do processo referencial. Para tanto, privilegia as remissões textuais da referência indefinida ao conhecimento partilhado, à situação de interação verbal e ao cotexto, bem como propõe uma correspondência entre esses tipos de remissão e diferentes processos referenciais.

Na proposta de classificação das ENIs percebemos uma disposição para levar adiante a observação da primeira autora brasileira a tratar da anáfora com indefinido quanto ao potencial de referenciação e predicação da ENI. A maior parte

dos exemplos da segunda pesquisadora apresenta de modo indistinto as expressões indefinidas (dotadas de referência anafórica) em posição predicativa, marcando de modo incisivo a contraposição à descrição semântica para a predicação.⁵⁵ Conforme classifica Cavalcante (2004a, p. 10), a ENI pode realizar:

- **introdução referencial**

- a) dêitica (coordenadas de espaço, tempo, pessoa, etc.)

(33) Você pode pegar **um balde** para mim? (CAVALCANTE, ibidem, p. 3)⁵⁶

- b) não-dêitica (relacionada ao conhecimento de mundo)

(34) “Preso: o camelô Antônio Leal Ribeiro, acusado de matar a própria filha em Belo Horizonte, no início de fevereiro. O corpo de Camila Conceição Ribeiro, de 2 anos, foi encontrado **num quarto de hotel** no centro da cidade. Dia 17, em Foz do Iguaçu, Paraná.” (nota – *Veja*, 26/02/03) (CAVALCANTE, ibidem, p. 2)

- **continuidade referencial**

- a) direta correferencial

(35) “PEQUENO VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Nas cinco obras que deixou para a posteridade, Allan Kardek estabeleceu os princípios básicos da **doutrina espírita. Uma curiosa mistura de conceitos religiosos com alguma terminologia científica do século XIX.** Conheça alguns dos principais termos do Espiritismo: (...)

DEUS – É considerado **uma forma de inteligência suprema.**
Eterno, imutável, imaterial, justo, bom e onipotente.

⁵⁵ Conforme afirma Lyons (1977, p. 178), a expressão em posição predicativa “é tipicamente o predicado gramatical”, diferente da expressão referencial, cuja finalidade consiste em referir ao que estamos falando e, por sua vez, “é tipicamente o sujeito da sentença”.

⁵⁶ Para ilustrar o uso dêitico de ENI, a pesquisadora não ofereceu um dado empírico que representasse uma produção textual, tanto que precisou descrever brevemente um contexto enunciativo para 33, que diz respeito à situação de alguém que entra numa cozinha e emite tal declaração sem explicá-la previamente. Cavalcante (idem) acrescenta que este seria um “uso dêitico gestual de expressão referencial indefinida”, próprio de situação em que o enunciador recorre a gestos, olhares, expressões faciais como indicadores de ostensão.

CRISTO – Ao contrário do que pregam a maior parte das religiões cristãs, Jesus Cristo não é o filho de Deus, mas **um espírito mais evoluído. E um modelo para toda a humanidade.**” (reportagem - *Superinteressante*, set/2002) (CAVALCANTE, ibidem, p. 8)

b) direta parcial (casos de anáfora partitiva, como em 27 aqui reproduzido)

- (36) **Um grupo de crianças alegres** entrou na sala. **Uma garotinha loira** veio na minha direção e entregou-me uma rosa. (KOCH, *op. cit.*, p. 3)

c) indireta inferencial (dependente de pistas contextuais e cotextuais)

- (37) “Elas não pegam **Aids** - Africanas imunes ao HIV podem ter o segredo de **uma vacina contra o vírus.**” (reportagem – *Veja*, 26/02/03) (CAVALCANTE, *op. cit.*, p. 5)

e) indireta associativa (depende de inferências menos complexas para recuperar a relação léxico-semântica entre o anafórico indireto e a âncora explícita no cotexto)

- (38) “Sabe-se hoje que doenças como **a esquizofrenia**, que no passado era relacionada **a um trauma psicológico**, têm origem orgânica.” Izquierdo diz que diversos estudos revelam que os pacientes esquizofrênicos têm **um déficit anatômico** na região do nosso cérebro que fica logo abaixo da testa, conhecida como córtex frontal.” (reportagem – *Superinteressante*, out/2002) (CAVALCANTE, ibidem, p. 6)

f) encapsuladora (a expressão nominal rotula informação ou passagem do texto em direção restrospectiva ou prospectiva)

- (39) “Tam e Varig – um Brasil mais forte no ar

Os grupos TAM e VARIG assumiram **um compromisso histórico na aviação brasileira: trabalhar lado a lado para tornar possível a união das duas maiores empresas aéreas nacionais, para que o Brasil e o brasileiro possam voar cada vez mais alto e cada vez melhor.**” (anúncio de revista) (CAVALCANTE, *ibidem*, p. 10-11)

Pelo mesmo enquadramento, a remissão direta ao cotexto, quando viabilizada pela recategorização com ENI, corresponde a uma instância de anáfora direta correferencial. Assumir a existência de correferencialidade da ENI nesse tipo de remissão traduz uma concepção teórica oposta ao pressuposto semântico de que a indefinidade de uma expressão reside no seu status não-referencial, tendo em vista que através de uma expressão indefinida, para um semanticista como Lyons (1977, p. 178), a princípio, não é possível referir a indivíduo específico ou classe.⁵⁷

3.3 SOBRE O USO E O PROCESSAMENTO COGNITIVO

O emprego de ENIs com função anafórica é examinado por Cunha Lima (2004) sob o aporte teórico da Linguística Textual, Semântica e Psicolinguística. A finalidade é compreender o uso do artigo indefinido e investigar o processamento psicolinguístico de construções anafóricas com ENI no âmbito textual. A autora reforça o argumento lançado por Koch (2004b) e Cavalcante (2004a) no que diz respeito ao fato de as teorias semânticas sobre a indefinidade assumirem o determinante indefinido que acompanha um sintagma nominal (em expressão referencial indefinida) apenas como introdutor de informação desconhecida.

No capítulo intitulado *A semântica do Indefinido*, Cunha Lima (*op. cit.*, p. 102-153) apresenta uma revisão teórica dos tratamentos semânticos destinados ao determinante indefinido. Parte da concepção clássica de Bertrand Russell, exposta no artigo *On Denoting* (1905), e reafirmada pelo filósofo norte-americano Quine em *Word and Object* (1960), sendo as descrições indefinidas vistas por ambos como quantificadores existenciais e desprovidas de propriedades referenciais. Na sequência, sublinha trabalhos em que a semântica da indefinidade avança pelo fato

⁵⁷ Mais adiante veremos um exemplo em que o semanticista admite a possibilidade de referência específica com SN indefinido.

de reconhecer o uso referencial de expressão indefinida⁵⁸, que resultou no contraste, rebatido pela pesquisadora, entre determinantes definido (para introdução de informação dada) e indefinido (para inserir informação nova). Estudos funcionalistas⁵⁹ fundamentam uma das conclusões de Cunha Lima (ibidem, p. 163):

Concluindo a análise, podemos defender a idéia de que a operação realizada pelo indefinido é simplesmente a operação de identificação de tipo, ou como dizem alguns autores (cf. Corblin, 1987), uma operação de extração de um membro de determinado conjunto (não unitário). Esse membro pode ou não ser específico, pode ou não ser identificável e pode ou não ser familiar. Isto é, a operação realizada pelo indefinido é “mais fraca”, por assim dizer, do que normalmente se previu. A interpretação de uma expressão nominal indefinida vai ser sempre muito sensível a outras condições do texto e da sentença.

A autora defende que as ENIs identificam/extraem um tipo ou classe de um conjunto, bem como explica que a interpretação desta operação pode ter variantes e é dependente do cotexto, sendo por isso “mais fraca” ou menos informativa. Até certo ponto, parece que essa conclusão não vai muito além de onde a própria semântica já teria chegado. Do contrário, não teríamos colocações como as de Lyons (*op. cit.*, p. 187-188) que, ao tocar na questão da referência indefinida específica e não-específica⁶⁰, admite que um sintagma nominal indefinido pode ter a leitura de referência específica quando refere a um indivíduo específico, mas não identificado como em: “Toda noite às seis horas uma garça voa sobre o chalé”. Segundo esta análise, *uma garça* é um sintagma nominal indefinido que pode ser compreendido como elemento que refere a uma garça particular – aquela que

⁵⁸ Dentre os quais estão os seguintes:

CHAINSTAIN, C. Reference and Context. In: *Language, Mind and Knowledge*, p. 194-269, 1975.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

FODOR, J. D. e SAG, I. Referential and Quantificational Indefinites. *Linguistics and Philosophy*, n. 5, p. 355-398, 1982.

KAMP, H. A Theory of Truth and Semantic Representation. In: *Truth, Interpretation and Information*, 01-42, 1984.

STRAWSON, P. F. On Referring. In: *Philosophy and Ordinary Language*, p. 162-193, 1970 [1950].

⁵⁹ A esse respeito, ver:

CHAFE, W. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CORBLIN, F. *Indéfini, défini et démonstratif: Construction Linguistiques de la référence*. Genebra: Droz, 1987.

GÍVON, T. *Syntax*. V. 1. Amsterdã: John Benjamins, 2001.

HEINE, B. *Cognitive Foundations of Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SCHNEDECKER, C. & THEISSEN, A. (eds.). *Indéfinis, définies et expression de la partition*. Langages, 2003.

⁶⁰ Para isto, considera a distinção entre sintagmas nominais não-definidos (qualquer sintagma nominal que não seja um sintagma definido) e indefinidos (pronomes indefinidos ou sintagma nominal introduzido por artigo indefinido).

costuma sobrevoar o chalé. O que garante a leitura é a condição de que, no mesmo contexto, a sentença exemplificada seja seguida desta: “Ela aninha-se nas terras do castelo”, assinalando assim a correferencialidade entre o pronome *ela* e *uma garça*.

De fato, não há como afirmar que os dois linguistas tratem exatamente da mesma questão, entretanto, diferenciadas as noções de referência defendidas por cada um, resta uma reflexão um tanto similar sobre a indefinidade.⁶¹

Em suma, Cunha Lima (*op. cit.*) enfoca o funcionamento do indefinido anafórico em dois casos especiais. O primeiro se dá pelo estabelecimento de **relação meronímica**, ou seja, a relação parte-todo⁶² em que a interpretação do elemento anafórico depende da remissão ao antecedente, nesse caso, não retomado, conforme ocorre no seguinte excerto:

- (40) (...) A conta fica mais interessante quando se trata do **grupo das 100 clientes vip da casa**. De acordo com os últimos números, **uma vip** gasta 40.000 reais por mês na Daslu para manter o guarda-roupa atualizado. (*Veja*, 26/03/03) (CUNHA LIMA, *idem*, p. 95)

Temos em 40 o exemplo de uma das ocorrências apontadas por Schwarz (*op. cit.*). A ENI *uma vip* remete ao antecedente *grupo das 100 clientes vip da casa* sem caracterizar retomada porque o anafórico corresponde a um elemento retirado do todo representado pelo antecedente. Na crítica que faz à primeira abordagem da anáfora com indefinido (de Monika Schwarz), Cunha Lima (*op. cit.*) lembra que a intenção real daquela era estudar as anáforas indiretas e não classificar as anáforas com ENI, o que explicaria a insipiência do trabalho. Dentre as lacunas da proposta da linguista alemã, a pesquisadora brasileira aponta a incoerência dos critérios de classificação. A configuração de anáfora partitiva envolve a semântica do determinante indefinido; a situação de “vagueza própria do indefinido” que produz efeito de suspense decorre de critério estilístico e a focalização no dado novo em

⁶¹ Em outra passagem do capítulo dedicado à semântica do indefinido, Cunha Lima (*op. cit.*, p. 152) faz uma ressalva: “Seja qual for a forma que escolhamos para descrever o uso do indefinido [perspectiva extensional ou intensional de construção da referência] ele parece ter uma forte relação com a colocação do referente na perspectiva de ocorrência de um tipo ou de exemplar de uma categoria ou membro de um conjunto.”

⁶² Além de nas anáforas partitivas, o indefinido anafórico opera em anáforas associativas e especificadoras, como vimos nas duas subseções precedentes.

detrimento do prosseguimento da cadeia coesiva liga-se ao processamento cognitivo de modo amplo.

No segundo caso ocorre a **tematização-remática** ou identificação de tipo sob o propósito de construir o objeto de discurso através de uma retomada por recategorização lexical que é realizada com aposto (41) e oração predicativa (42).

- (41) *Madonna*, **uma bem-sucedida promotora de si mesma**, acaba de lançar um livro infantil. (CUNHA LIMA, idem, p. 100)
- (42) *Um homem sozinho*, com uma jaqueta numa das mãos e um embrulho na outra, com ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. **Um homem** de camisa branca e calças pretas. **Um chinês** num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido. (CUNHA LIMA, ibidem, p. 101)

A linguista centra-se no segundo caso por ainda ser marginal na literatura e por sua ocorrência parecer vinculada a verbalizações mencionadas nos textos, já que “o referente de um indefinido é sempre mapeado em relação a um evento, que constrói uma espécie de *domínio* ou *escopo* para todas as expressões nominais indefinidas” (CUNHA LIMA, ibidem, p. 160). Para chegar a tal conclusão, a realização de testes psicolinguísticos (um deles descrito após os exemplos 43 e 44) propiciou a observação da ocorrência de anáfora com indefinido em três situações específicas, a saber: em estruturas sem verbos ou em frases nominais (42); na presença de verbo finito no interior de orações relativas (43); na presença de verbo finito idêntico àquele que consta na sentença introdutora do antecedente (44).

- (43) Favor não confundir o meu homem de moleton com o Popular, do Luis Fernando Veríssimo. Há uma característica que os diferencia. O popular está sempre com *aquele embrulho* debaixo do braço. **Um embrulho que nem mesmo o Veríssimo sabe o que tem dentro.** (CUNHA LIMA, ibidem, p. 159)
- (44) Leio no jornal a notícia de que *um homem* morreu de fome. **Um homem de cor branca**, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada

durante 72 horas, para finalmente morrer de fome. Morreu de fome. (CUNHA LIMA, *ibidem*, p. 157)

O primeiro teste investigou se falantes julgariam a relação entre indefinido e verbo conforme a conclusão da análise dos dados. Foram organizadas listas contrastivas de construções com expressões indefinidas e definidas. O julgamento de aceitabilidade (com notas de 1 a 3) foi feito por 35 sujeitos a partir da leitura de 144 pares de sentenças (uma com o antecedente e outra com o anafórico), todas reunidas em 5 listas aleatórias. Os colaboradores desconheciam o tipo de experimento, eram falantes nativos de português e universitários de 18 a 40 anos.

Outra constatação baseada nesse teste concerne à observação de que a modificação do verbo ou a inclusão de verbo finito em uma frase nominal desfaz a leitura anafórica e configura somente a predicação. Assim ocorre na paráfrase da expressão anafórica de (44) *É um homem de cor branca. (...)*. Da mesma forma que Koch (2004b), Cunha Lima argumenta contra a paráfrase, visto que esse recurso descaracteriza a apresentação original do dado. Apesar de auxiliar na compreensão, a paráfrase não se converte numa explicação do fenômeno, até mesmo porque “a sentença dessa forma é comum em português e não parece haver razões para postular que esteja incompleta, ou seja, inexplicável na sua forma original” (CUNHA LIMA, *op. cit.*, p. 98). Uma crítica que se coaduna com a questão levantada vem de Apothéoz & Reichler-Béguelin (*op. cit.*, p. 235), justamente pela observação de que se espera do linguista uma descrição imparcial ao invés de trabalhar em cima da legitimidade das seleções linguísticas; mais do que isto a tarefa de um linguista é registrar as práticas languageiras dos usuários e dar conta delas sem ajustes.

A linguista reconhece que o fenômeno da anáfora com ENI tem baixa ocorrência e, por essa razão, não se preocupou com os gêneros textuais e as fontes dos dados que constituíram o *corpus* de análise. Em nossa proposta, ocorre o oposto. Temos um *corpus* constituído por textos de mesmo gênero e as fontes estão disponibilizadas na página eletrônica em que coletamos os dados. É por esse caminho que pretendemos oferecer uma contribuição com esta pesquisa que se volta a processo referencial pouco revisado na literatura e a implicações textuais-discursivas que seriam decorrentes da constituição do gênero depoimento do *orkut*.

Cunha Linha (*op. cit.*) assinala a abertura da classificação feita na tese, i. é, acena com possibilidades para futuras investigações acerca das funções argumentativas do indefinido anafórico. A preocupação da pesquisadora dirigiu-se ao processamento psicolinguístico das ENIs no texto. Com o segundo teste, buscou controlar o tempo de leitura de um conjunto de 42 pares de sentenças (36 distratoras e 8 experimentais) apresentadas aleatoriamente em uma tela de computador. O ritmo de leitura foi medido – em milésimos de segundos – conforme o sujeito pressionava a barra de espaços para as palavras aparecerem na tela. O experimento foi aplicado em outro grupo de sujeitos, com 36 colaboradores entre 18 e 35 anos, também universitários e alheios ao objetivo do teste.

Por ter concluído que a interpretação da ENI ocorre de forma distribuída no texto, de acordo com resultados do segundo teste psicolinguístico (o processamento de frases nominais com ENI é mais rápido do que com expressão definida), considera ter contribuído com evidências cognitivas e processuais favoráveis às teorias da referenciação e da necessidade de estudo da linguagem através de textos. Também há uma advertência sobre a apuração insuficiente da preferência por ENI para a recategorização lexical do referente textual. Na realidade, as recategorizações tiveram frequência maior no *corpus*, porém como a metodologia adotada foi a análise qualitativa, não há confiabilidade para constatar tal tendência através da análise de conjunto de dados limitado. Por fim, Cunha Lima (*op. cit.*, p. 161-162) presume que a ENI anafórica está sempre inserida em recategorizações, pois “um indefinido só pode ser anafórico nos casos em que existe uma identificação do referente, em construções nas quais o tipo a que o referente pertence é refinado, especificado, ou melhor dizendo, estabelecido e reestabelecido”.

Daí decorre nosso interesse em refletir sobre as condições de realização de anáforas recategorizantes com a marcação lexical de ENI no interior do processo de construção textual do gênero depoimento do *orkut*. E isto será feito no capítulo 4, destinado à análise das ocorrências encontradas no *corpus*.

4 A RECATEGORIZAÇÃO LEXICAL COM ENI NO DEPOIMENTO DO *ORKUT*

4.1 A NATUREZA DOS DADOS E O MÉTODO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, trabalhamos com dados cuja natureza é empírica. Em termos metodológicos, tratamos o *corpus* – representativo de produções em modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo – com o cuidado de manter o máximo possível suas configurações originais no *software* de suporte⁶³, o site de relacionamentos *orkut*.

Adotamos o procedimento de coleta de dados em situação natural de produção para a composição do *corpus*. Precedeu a seleção uma coleta aleatória de 435 textos e, após a caracterização preliminar do comportamento do gênero depoimento do *orkut* (SILVEIRA, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b), houve como delimitar a questão linguística a ser abordada em função do uso recorrente nos textos de SN introduzido por determinante indefinido (ENIs introduzidas por artigo indefinido um, uma). Outro critério utilizado para compor o *corpus* foi a comparação de amostras da pesquisa de Cunha Lima (2004) com os dados que tínhamos, o que propiciou detectar similaridade entre as ocorrências do fenômeno.

Para atender aos objetivos da proposta, selecionamos 34 textos produzidos e publicados na seção de depoimentos da versão brasileira do site de relacionamentos *orkut* no período de 2004 a 2010 mediante autorização⁶⁴ obtida de 11 sujeitos que são usuários da mídia social. Apesar de vinculados a ambiente de acesso público, os dados portam conteúdos pessoais, inclusive imagens que identificam sujeitos, cujos direitos autorais são de propriedade ou adquiridos⁶⁵ por cada usuário do *software* de suporte. Por isso, segundo orientação de uma consultoria jurídica e da empresa *Google Inc.* (anexo 4), elaboramos um “Termo de Cessão de Direito de Uso da Imagem e Conteúdo de Página Pessoal” (anexo 5) para cada colaborador assinar. Imagens e *links* que levem às páginas pessoais de

⁶³ Optamos por definir o site *orkut* como **software de suporte** de um conjunto de gêneros ou enquadres enunciativos a que recorrem seus usuários, tendo como fundamento Recuero (2005) e Marcuschi (2003, 2005). Para aquela, o *orkut* constitui um *software* e não representa uma rede social ou comunidade virtual, pois consiste em “uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades” que foi “desenvolvido com base na idéia de ‘*software* social’”. Para este último, as páginas eletrônicas são suporte ou “*locus* virtual” de gêneros digitais, i. é, superfícies concretas tal qual a do *orkut* que pode sustentar gêneros como comentários, álbuns de fotos, recados (anexo 3).

⁶⁴ Cópias digitais das autorizações constam na seção de anexos.

⁶⁵ No caso de conteúdos publicados por um terceiro na página de determinado usuário do site de relacionamentos, segundo o que determinam os Termos de Serviço do Google.

outros usuários ligados aos colaboradores da pesquisa foram desfigurados a fim de preservar a identidade de quem não nos cedeu o direito de uso de conteúdos publicados no site.

O recorte desta pesquisa circunda a **recategorização lexical** realizada através da seleção de ENIs que reativam informações precedentes no texto. O objetivo é verificar como recategorizações lexicais marcadas linguisticamente pelo uso anafórico de ENIs atuam nas relações de significação que podem ser apreendidas dessa operação referencial, com a particularidade de observar o fenômeno em textos de mesmo gênero discursivo.

Frente à recorrência do uso de ENI no *corpus*, observada durante o levantamento de características constitutivas do gênero depoimento do *orkut*, constatamos que a anáfora com ENI conta com certo favorecimento no depoimento do *orkut*. Isto não quer dizer que outros tipos de expressões referenciais⁶⁶, como as definidas, os dêiticos pessoais, as formas pronominais, não sejam utilizados nos textos, nem mesmo que o uso de ENI seria a característica de maior relevância na constituição do gênero. Entretanto, destacamos o traço – especialmente as anáforas recategorizantes com ENI – devido à possibilidade de tocar em questão pouco contemplada pelos estudos do texto.

Presumimos que a anáfora recategorizante com ENI parece relacionada ao gênero depoimento do *orkut* de modo semelhante ao observado por Koch (2004a) em ocorrências de anáforas definicionais, por exemplo, em gêneros do domínio jornalístico e acadêmico ou científico. A hipótese que levantamos norteia-se não só pela observação de características do gênero como o uso recorrente de ENI, o caráter lacunar e fragmentário, o propósito comunicativo e o suporte, mas ainda por:

- um pressuposto de envolvimento constante de ENIs em recategorizações lexicais (CUNHA LIMA, 2004);
- uma necessidade de estudar indícios condicionantes do funcionamento da recategorização lexical em certos gêneros do discurso (MATOS, 2004).

Optamos pela metodologia de análise qualitativa, especificamente a análise textual praticada no campo da Linguística Textual, segundo Koch (2008b, p. 12), instrumentalizada com princípios teórico-analíticos que têm por objeto prioritário “o

⁶⁶ Para esta observação, tomamos a classificação de expressões referenciais da autoria de Cavalcante (2003).

texto enquanto processo, enquanto atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos” (grifo da autora). E para propor a análise dos dados, temos em vista dois aspectos: a atuação diferenciada de ENI em processos referenciais e a relação entre a estratégia de recategorização com ENI e traços constitutivos do gênero depoimento do *orkut*, sobretudo a gestão do conteúdo temático.

Inicialmente, localizamos o uso anafórico de ENIs no *corpus* com a identificação das **cadeias referenciais** em que aparecem. Temos assim o primeiro critério de análise. Caracterizamos a recategorização lexical com ENI a partir das **estratégias referenciais**⁶⁷ através das quais opera e suas **funções discursivas ou argumentativas** (MATOS, *op. cit.*), respectivamente, o segundo e o terceiro critérios de análise. As estratégias consideradas na concepção do segundo critério constam no quadro 1 (p. 16). Além dessa classificação, tomamos as descrições de Schwarz (2002), Koch (2004b), Cavalcante (2004a) e Cunha Lima (*op. cit.*), sobretudo no que diz respeito a ocorrências de anáfora com relação meronímica (relação associativa de parte-todo) e com tematização-remática (introdução de informação nova junto de uma já conhecida).

Como quarto critério, propomo-nos a especificar a recategorização com ENI de acordo com o **núcleo nominal** selecionado. Para isto, prepondera o postulado de Koch (*op. cit.*) de que os núcleos nominais oferecem diretrizes para a compreensão da temática preferencial e do estilo do gênero ou do enunciador, conforme vimos no capítulo 1 durante a apresentação das alternativas de construções anafóricas.

Por último, uma investigação como esta oferece contribuição aos estudos linguísticos devido à sintonia com questões relevantes para a Linguística Textual no cenário atual, segundo as indicações de Koch (2008b, p. 19):

entre as quais se destacam a **referenciação**, as diversas formas de progressão textual (progressão referencial, articulação textual, progressão temática, progressão tópica), a dêixis textual, o processamento sociocognitivo do texto, os **gêneros**, inclusive os **da mídia eletrônica**, questões ligadas ao hipertexto, à intertextualidade, entre várias outras, para cujo estudo uma gramática, funcional ou não, seria insuficiente, visto que se exige um embasamento teórico-analítico consoante com a perspectiva teórica adotada (grifo nosso).

⁶⁷ Conforme Marcuschi & Koch (2002), a recategorização e as estratégias referenciais não são mutuamente excludentes.

A questão da anáfora com ENI não está esgotada na literatura e, sob a mobilização dessa abertura, direcionamos nosso estudo linguístico-textual pelo exame de caso peculiar de referenciação utilizando textos de um gênero da esfera digital. E é sobre os principais aspectos constitutivos do gênero depoimento do *orkut*, os quais temos em vista para proceder à análise dos dados, que trataremos na seção 4.2.

4.2 O GÊNERO DEPOIMENTO DO ORKUT

Como dar conta do comportamento versátil de gêneros oriundos da esfera da tecnologia digital? Um questionamento nesse sentido partiu de Marcuschi (2005) no ano de 2002 durante conferência proferida na 50ª Reunião do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), quando o linguista se pronunciou a respeito de gêneros textuais que estariam emergindo em ambientes de interação virtual. A leitura das reflexões iniciais do teórico sobre a questão instigou nosso interesse pelo estudo de textos produzidos no site *orkut*.

Definimos o depoimento do *orkut* enquanto gênero discursivo através do qual são produzidas declarações pessoais (COSTA, 2008) sobre indivíduo com quem se mantém vínculo social no contexto real ou virtual. Para descrevê-lo, levamos em conta que as enunciações concretizadas por textos produzidos no site demonstram situações particulares e objetivos do domínio discursivo por meio dos conteúdos tematizados, dos itens linguísticos escolhidos e do processo de construção textual. Também consideramos as finalidades atribuídas pelos desenvolvedores do site (anexo 1) à interação virtual nesse espaço projetado para a exposição pública dos usuários, conforme segue:

- ***Igual à vida real***
Compartilhe com todos ou com grupos separados de amigos, controlando quem vê o quê.
Conecte-se com seu melhor amigo, seu chefe e sua avó com confiança.
- ***Comece a conversa***
Bata papo, comente e fale com cada um dos seus grupos de amigos para uma conversa que você controla.
- ***Divirta-se!***

Compartilhe fotos, vídeos e notícias com facilidade. Participe de comunidades para discutir tópicos de seu interesse.

No que tange à relação entre o gênero e o suporte, o uso da linguagem escrita sobressai-se em relação às demais modalidades utilizadas nos depoimentos. Este aspecto materializa implicações do suporte (MARCUSCHI, 2003) na constituição do gênero, sobretudo porque os comandos de criação dos depoimentos (Fig. 6) incidem na elevação da densidade modal (NORRIS, 2006) da linguagem escrita, i. é, na diferente proporção de uso da escrita em detrimento de outros recursos multimodais (ícones de emoção, *links*, imagens, vídeos) que constituem os gêneros suportados pelo site (anexo 3).

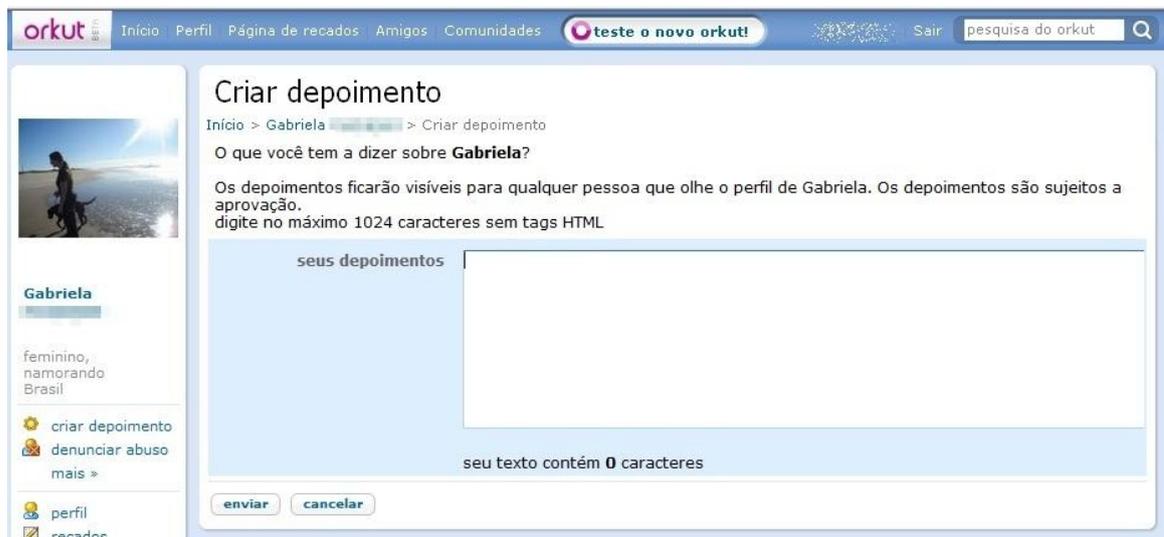


FIGURA 6 – ESPAÇO PARA A INSERÇÃO DE DEPOIMENTO

Quanto à circulação social do gênero, em certa medida, algumas características do gênero parecem suscetíveis à relação com o suporte, o contexto de enunciação, os propósitos comunicativos, as condições de produção. Há um comando para criação de depoimentos no site *orkut*: a pergunta “O que você tem a dizer sobre [nome do amigo]?”, a qual norteia a produção dos textos de maneira peculiar, o que veremos na análise das recategorizações. A materialização da enunciação se dá pela modalidade escrita, conforme já foi dito; no entanto, é uma escrita permeada de traços de oralidade e também não é unívoca, pois a audiência social constitui os dizeres declarados que podem veicular conteúdos repletos de clichês e enunciados formulaicos, uma estratégia indireta a fim de negociar interpretações partilhadas, dentre outras, conforme Gumperz (1982, p. 134).

A enunciação no contexto da mídia digital difere não só pelo imediatismo, mas principalmente pelo uso de recursos hipertextuais e pela possibilidade de interação sociocultural ou de simulação desta. A temática dos textos diz respeito à descrição do perfil do sujeito pertencente ao círculo de relações do enunciador e de vivências em comum. Contudo, a construção do dizer encontra limitações no *orkut* (Fig. 6), pois o depoimento deve conter no máximo 1024 caracteres, evitar linguagem de programação que se converta em *links*, está sujeito à aprovação do receptor e visualização por outros usuários do site.

Em termos composicionais, a maioria dos depoimentos começa com uma fórmula de abertura que, por um lado, representa espécie de **introdução metadiscursiva**. Com a enunciação no centro da reflexão inicial, o produtor de depoimento introduz seu texto através de recursos como construções contra-argumentativas, marcadores discursivos, expressões de polidez que cooperam para a remissão a atividades languageiras, e pelo modo autorreflexivo de referir: “as palavras são usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, indicando a introjeção da instância de enunciação na materialidade textual” (JUBRAN, 2005, p. 220-230). Entre as diversas ocorrências, temos construções como esta: “*Não costumo escrever sobre e para pessoas que não conheço há tempos. Mas como toda regra há exceções, decido por escrever sobre o Luiz.*” (Fig. 7)

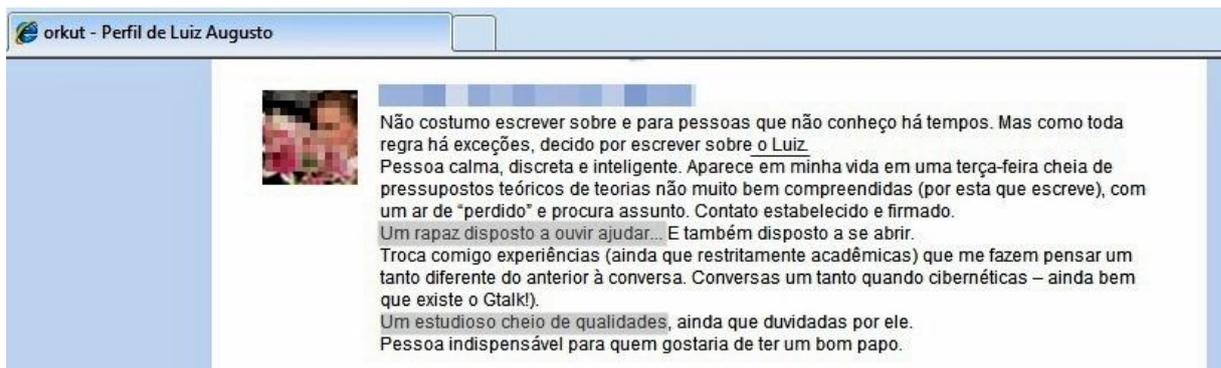


FIGURA 7 – INTRODUÇÃO METADISCURSIVA

Por outro lado, o recurso de introdução metadiscursiva demonstra a reação do enunciador face ao dialogismo suscitado pela pergunta: “O que você tem a dizer sobre [amigo]?”. Consideramos ser esse tipo de introdução uma reação responsiva ativa (BAKHTIN, 2003) que conduz a um critério para definir quais textos podem ser tomados como depoimentos no tocante ao atendimento do propósito enunciativo de

declarar algo sobre alguém com quem se mantém vínculo social. A declaração nem sempre é evidente, pois o espaço tem ampla utilização para inserção de recados e brincadeiras, os quais podem, por via indireta, manifestar percepção sobre o enunciatário e atender o objetivo.

De modo geral, prevalece no depoimento do *orkut* uma descrição que contempla propriedades do objeto descrito ao invés de partes ou características físicas. Uma questão a investigar seria a construção textual dos depoimentos a partir de uma base composicional constituída de descrição própria do gênero retrato, definido por Adam (1992) como a única espécie de descrição autônoma destinada a descrever características morais e físicas de ser animado real ou fictício. É recorrente no fechamento dos depoimentos o direcionamento da voz do enunciador ao receptor de depoimento. Como marcas dessa posição enunciativa, encontramos construções com vocativos e modalizadores⁶⁸, assim exemplificadas:

- *Amiga, ADORO VC! Pena que a gente está tão longe uma da outra. Mas mesmo assim, conte sempre comigo...*
- *Marcelinho te adoro!!!*
- *Conta sempre com esse guri que te adora muito*
- *conte sempre comigo...*

O enunciador adota uma perspectiva referencial em que objetos de discurso têm a evolução estabelecida com o auxílio de **categorizações** e **recategorizações** atribuídas ao modo de percepção subjetiva do perfil do sujeito para quem produz o depoimento e do vínculo social mantido entre ambos. As marcas da estratégia referencial aparecem não somente com a seleção linguística de expressões nominais definidas, mas inclusive de expressões indefinidas, cuja recorrência no *corpus* foi motivadora desta investigação.

Ao refazermos o caminho traçado pela estratégia referencial, observamos que o enunciador constrói uma espécie de descrição do perfil de seu amigo e, para isto, descarta manifestações depreciativas sobre o enunciatário. Se não fosse assim, a

⁶⁸ Tomamos o dizer de Koch (2008a, p. 136) sobre a modalização que se vincula aos atos enunciativos através de elementos “diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso.” Posição que unimos ao que diz Bronckart (1999, p. 330), por ver nos modalizadores a finalidade de “traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático.”

seleção lexical não adicionaria modificadores de teor positivo e advérbios quantificadores, como:

- *uma ótima professora.. mto gnnte boa.. tranquila.. linda;*
- *Um amigão para todos momentos, sempre alegre, festeiro que só ele, uma pessoa rara;*
- *Uma mãe dedicada, uma excelente professora, uma amiga pra todas as horas.*

Deste modo, temos mostra do que consideramos ser uma tendência do gênero relativa ao conteúdo temático que expõe uma **imagem positiva do outro**. Por mais genérico que o conteúdo dos depoimentos possa parecer, prevalece uma maneira de dizer (ou descrever) com orientação inclinada para o campo da valoração, da apreciação – própria da enunciação –, pelo que propõe Bakhtin/Voloshinov (2006). E, em nossa visão, a apreciação manifesta-se a partir da apreensão sociocognitiva a que o enunciador recorre quando constroi seus textos.

4.3 AS ENIS RECATEGORIZANTES NO DEPOIMENTO DO ORKUT

4.3.1 A recategorização com relação parte-todo

Um dos casos de uso anafórico de ENI descrito por Schwarz (2000) recobre a seleção de um elemento que é retirado de um conjunto já introduzido. Tal referência indireta ocorre na cadeia referencial destacada do dado abaixo (Fig. 8): [*meu chimas* → *um mate* → *um*].

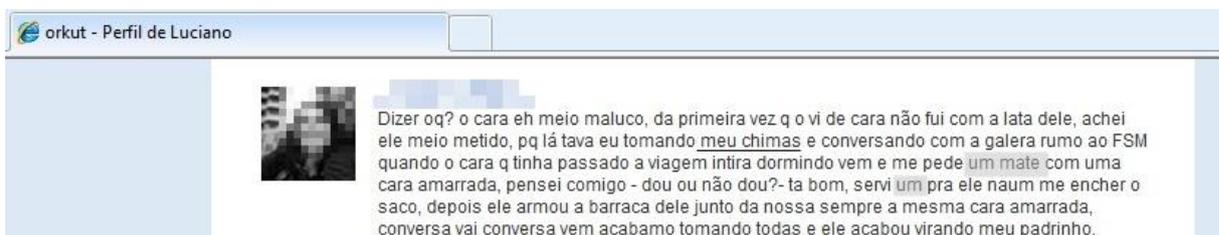


FIGURA 8 – ANÁFORA RECATEGORIZANTE COM RELAÇÃO PARTE-TODO

De um lado, temos uma anáfora com ENI cuja relação de sentido resulta da associação ou inferenciação do valor partitivo do item selecionado *um mate*, que ainda pode estabelecer relação meronímica, por envolver noção de ingrediência (no conjunto ativado por *meu chimas*). De outro lado, o dado é exemplar do tipo de

recategorização com modificação da extensão do objeto de discurso que é reapresentado pelo enunciador de modo fragmentado, já que a seleção da ENI *um mate* lança no texto a nomeação de uma porção da bebida, o objeto categorizado por *meu chimas*, cujo conjunto já foi alocado na memória. O conjunto, ao ser mencionado, adquire posição de destaque entre as informações compartilhadas durante a enunciação, ou seja, entre as representações construídas por meio do depoimento que recortam uma realidade, as quais constituem a memória discursiva.

A cadeia anafórica que inicia com *meu chimas* constroi a referência ao hábito de beber chimarrão que se mantém na região sul do Brasil e pode se dar de forma individual ou com o compartilhamento do recipiente no qual a bebida é servida (a cuia) por um grupo de pessoas. Um leitor que já tenha vivenciado essa experiência teria condições de recuperar tal representação na memória discursiva por meio da construção: *pq lá tava eu tomando meu chimas e conversando com a galera (...)*, a qual abre uma sucessão de estágios subsequentes de remissão ao objeto de discurso em que a atenção é dirigida pelas seleções linguísticas de *um mate* – nomeação de um dos ingredientes da bebida (a erva-mate) e porção da bebida que foi solicitada pelo interactante focalizado no texto – e *um*, cuja omissão do núcleo nominal só é possível devido à ancoragem feita com a ENI *um mate*⁶⁹.

O resgate da noção de conjunto no dado seria inviável se fizéssemos uma interpretação a partir dos argumentos de Neves (2007, p. 268), pelos quais o interlocutor só consegue reconhecer qual é o conjunto ao qual se faz referência por meio de um sintagma nominal que contenha artigo definido. O reconhecimento não ocorre com o indefinido devido ao “aspecto disjuntivo da indefinidade”, que pode levar à leitura tanto inclusiva quanto exclusiva de referentes potenciais de um conjunto indefinido. Como dissemos, não é isso o que verificamos na Fig. 8, pois a compreensão é garantida através de uma leitura não-unitária do conjunto (CUNHA LIMA, *op. cit.*, p. 97) que é expresso por *meu chimas*, bem como a presença do determinante indefinido na expressão anafórica autoriza a leitura de extração de um elemento de um conjunto.

Não seria o caso de considerar a segunda ocorrência de *um* como marca de anáfora com relação parte-todo, pois conforme explica Cavalcante (2003), resultaria em análise equivocada, uma vez que não se trata de anáfora indireta, mas de

⁶⁹ Outra interpretação dessa última ocorrência (*um*) diria que se trata de um numeral. Nesse caso, ela não interessaria para esta discussão.

anáfora parcial cossignificativa – devido à elisão do núcleo nominal – que inscreve a noção de parte de um conjunto não-unitário no elemento anafórico, um recurso tanto estilístico quanto justificável pelo princípio de economia linguística. A mesma relação é possível observar neste exemplo de Neves (*op. cit.*, p. 250):

(45) *Alguns moleques retardatários saíam ainda, os bolsos da calça estufados, maçã meio comida na mão e a boca cheia.*

— *Quer UMA? (CV)*

O exemplo é selecionado pela pesquisadora para sustentar que em poucas vezes há compatibilidade no cruzamento do uso anafórico e indeterminado de sintagmas nominais, ocorrência que se limitaria a número pequeno de contextos, dentre os quais, o de 45. Em certa medida, a observação vai ao encontro do que Cunha Lima (*op. cit.*, p. 86) deduz em relação à baixa ocorrência do fenômeno da anáfora com ENI, entretanto não reduzida a casos de anáfora partitiva, único tipo de anáfora com indefinido que recebera certa atenção na literatura⁷⁰ até a publicação do estudo de Monika Schwarz.

Há quem possa contestar a configuração da **recategorização com relação parte-todo** aqui proposta devido à seleção lexical de um sinônimo, que ocupa o núcleo nominal da ENI. Seguindo o que diz Koch (2004a, p. 246), teríamos uma remissão cossignificativa (não recategorizante) e a escolha da expressão sinônima seria motivada pela variedade linguística. Concordamos com a justificativa da seleção lexical, já que *chimas* (redução do termo chimarrão que é empregada por falantes de faixa etária jovem) e *mate* são termos equivalentes na variedade dialetal do sul do país, provalmente usada e/ou conhecida pelos interactantes. Quanto à propriedade remissiva da anáfora recategorizante, consideramos que a noção de extração de elemento de um conjunto passada pela ENI anafórica sobrepõe-se à cossignificação que seu núcleo nominal pode marcar. Em termos de funcionamento argumentativo, como o enunciador seleciona ENI anafórica que não destaca o objeto de discurso num nível de valoração acentuado, a recategorização pode ser vista como não-avaliativa, pois há substituição lexical.

⁷⁰ Como exemplos, Cunha Lima (*ibidem*, p. 139) cita os trabalhos *The Pragmatics of definiteness* (1977), de John Hawkins, e *Indefinite associative anaphora in French* (1996), de Michel Cosse.

4.3.2 A recategorização com rotulação por encapsulamento

Há casos em que o elemento anafórico sintetiza e recategoriza um bloco textual precedente por meio de uma ENI que se comporta como rótulo de algo que foi dito antes no texto. A ENI *Um poço de sabedoria* evidencia essa ocorrência de anáfora com indefinido (Fig. 9). Vejamos como:

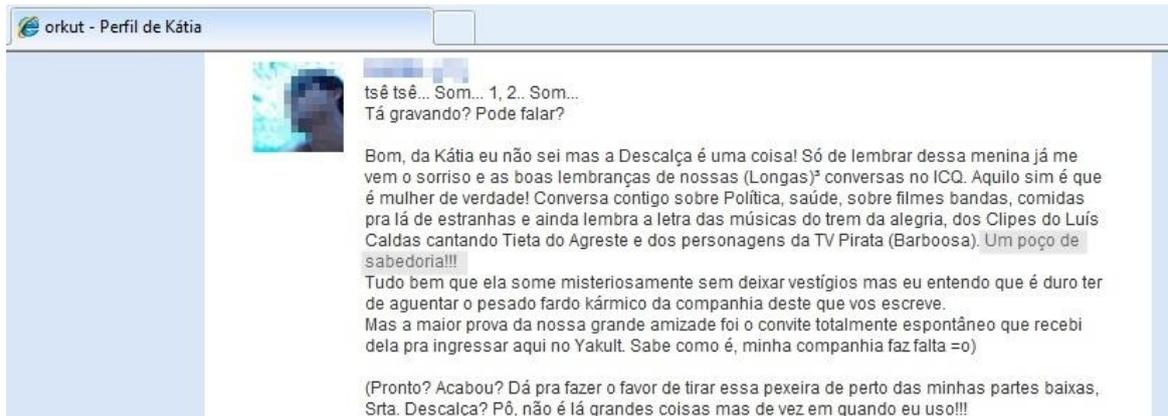


FIGURA 9 – ANÁFORA RECATEGORIZANTE COM ENCAPSULAMENTO

Pela temática desenvolvida, identificamos no dado acima um encapsulamento ou envelopamento da porção textual destacada em 46 (também representativa da cadeia referencial da recategorização em análise).

- (46) [*Bom, da Kátia eu não sei mas a Descalça é uma coisa! Só de lembrar dessa menina já me vem o sorriso e as boas lembranças de nossas (Longas)³ conversas no ICQ. Aquilo sim é que é mulher de verdade! Conversa contigo sobre Política, saúde, sobre filmes bandas, comidas pra lá de estranhas e ainda lembra a letra das músicas do trem da alegria, dos Clipes do Luís Caldas cantando Tieta do Agreste e dos personagens da TV Pirata (Barboosa).* → *Um poço de sabedoria*]

A delimitação da porção sumarizada constitui tarefa de difícil definição, pois é justamente essa complexidade que caracteriza a operação de rotulação por encapsulamento. Por consequência, representar a cadeia referencial da **recategorização com encapsulamento** do dado (Fig. 9) pode levantar controvérsia, entretanto a representamos mesmo assim, com base no que presumimos ser a parte encapsulada pela ENI anafórica.

A recategorização lexical marcada por *Um poço de sabedoria*, no tocante a seu funcionamento argumentativo, propicia o reconhecimento do cruzamento de duas funções: avaliativa e estético-conotativa.

Com o uso da ENI, o enunciador atribui um sentido valorativo para a descrição que produz sobre a amiga, tanto que sua descrição recebe ênfase com a entrada do encapsulamento no final do parágrafo, operando uma recategorização que sintetiza as qualificações da coenunciadora com função avaliativa. Pelo fechamento do depoimento (*Pronto? Acabou? Dá pra fazer o favor de tirar essa pexeira de perto das minhas partes baixas (...)*), ainda depreendemos que o enunciador propõe-se a atribuir ao texto o sentido de uma avaliação (de certo modo) simulada sobre o objeto de discurso.

A função estético-conotativa também caracteriza a recategorização com encapsulamento em análise, que atua na ativação de relações inferenciais, pois a ENI anafórica apresenta traços de sentido multissignificativos, embora não se trate de um texto produzido em linguagem literária, contexto de maior ocorrência segundo Matos (2004). *Um poço de sabedoria* marca uma construção metafórica, não só focaliza a síntese dos conteúdos em 46 e relacionados à construção da imagem do objeto de discurso *Kátia* em via positiva de apreciação, mas inclusive o recategoriza por meio de um predicado que não remete ao sentido literal da ENI. Por extensão do sentido de profundidade do núcleo *poço*, torna-se viável uma qualificação comparativa a fim de realçar um atributo do objeto de discurso, ou seja, a sua diversidade ou abundância de conhecimentos culturais.

Há estudos que tratam tal operação referencial como **recategorização metafórica**. Por exemplo, na pesquisa de Martins (2009, p. 97), consta a observação de que através de recategorização metafórica o enunciador altera “categorias linguístico-pragmáticas estabilizadas em universos discursivos nem sempre semelhantes ou próximos, propiciando *insights* cognitivos (KITTAI, 1987)⁷¹ ao fundamentar novas categorias” com o papel de conceber e estabilizar um universo discursivo apropriado para dada esfera de interação.⁷²

⁷¹ KITTAI, E. *Metaphor its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: OUP, 1987.

⁷² Martins (*op. cit.*) examina a operação de recategorizações metafóricas em práticas retóricas de cultos de igrejas neopentecostais, distintas do universo discursivo para publicação de depoimentos escritos na esfera interativa do site *orkut*, onde a recategorização metafórica com ENI, bem como com expressões definidas, pode adquirir outra nuance.

4.3.3 A recategorização com rotulação metadiscursiva

Verificamos entre traços recorrentes na constituição do gênero depoimento do *orkut* que a estratégia de introdução metadiscursiva caracteriza a estrutura composicional dos depoimentos. O dado abaixo (Fig. 10) ilustra a estratégia:

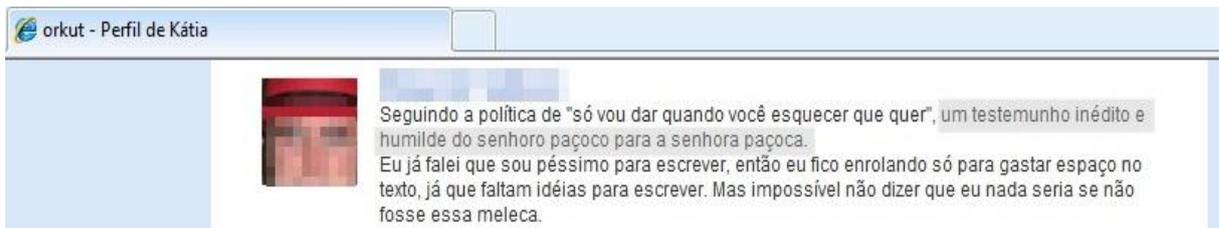


FIGURA 10 – ANÁFORA REATEGORIZANTE COM ROTULAÇÃO METADISCURSIVA

A estratégia promove uma forma autorreflexiva de avaliação, organização e preparação inicial do dizer do enunciador, além de marcar linguisticamente a manifestação de responsividade ativa aos comandos para criação de depoimento no site. A introdução metadiscursiva do depoimento (Fig. 10) está inserida no período:

- (47) *Seguindo a política de 'só vou dar quando você esquecer que quer', **um testemunho inédito e humilde do senhor paçoco para a senhora paçoca.***

Por outro ângulo, encontramos nessa introdução metadiscursiva o encaixamento de uma ENI (em negrito) com a qual o enunciador efetua uma rotulação metadiscursiva, pois, como se fosse um rótulo designativo, a ENI remete a uma atividade languageira, correlata de depoimento (*testemunho*), e colabora com a focalização da "'*mise-en-scène*' do discurso" (JUBRAN, 2005, p. 231). Considerando que o enunciador assume o papel de usuário do site e designa de modo alternativo a atividade languageira – depoimento, assim nomeada no *orkut* – por meio do núcleo nominal *testemunho* com a extensão alterada pelos modificadores *inédito* e *humilde*, temos elementos suficientes para analisar a construção como uma **recategorização com rotulação metadiscursiva**.

Contudo, como a alternativa escolhida recaiu sobre um sinônimo, fica estabelecida a cossignificação, o que é definitivo, para teóricos como Marcuschi & Koch (2002), na descaracterização das remissões recategorizantes. O mais

adequado seria tratar a ocorrência (Fig. 10) por categorização, procedimento associado à avaliação enunciativa com a propriedade de transformar o discurso em objeto de discurso, sem qualquer ancoragem textual do anafórico para auxiliar na interpretação (JUBRAN, *op. cit.*, p. 232).

De todo modo, mantemos a análise da recategorização por considerarmos que a seleção da ENI recategorizante e rotuladora *um testemunho inédito e humilde* tem uma fonte contextual, vinculada ao suporte do gênero e às menções a *depoimento* encontradas em diversos pontos do espaço destinado à criação do texto. Se definir a cadeia referencial no caso de recategorização com encapsulamento é uma tarefa complexa, neste caso de rotulação metadiscursiva a dificuldade não é menor, pois um contexto textual está na fonte da conexão anafórica e pode ser representado pela seguinte tela:

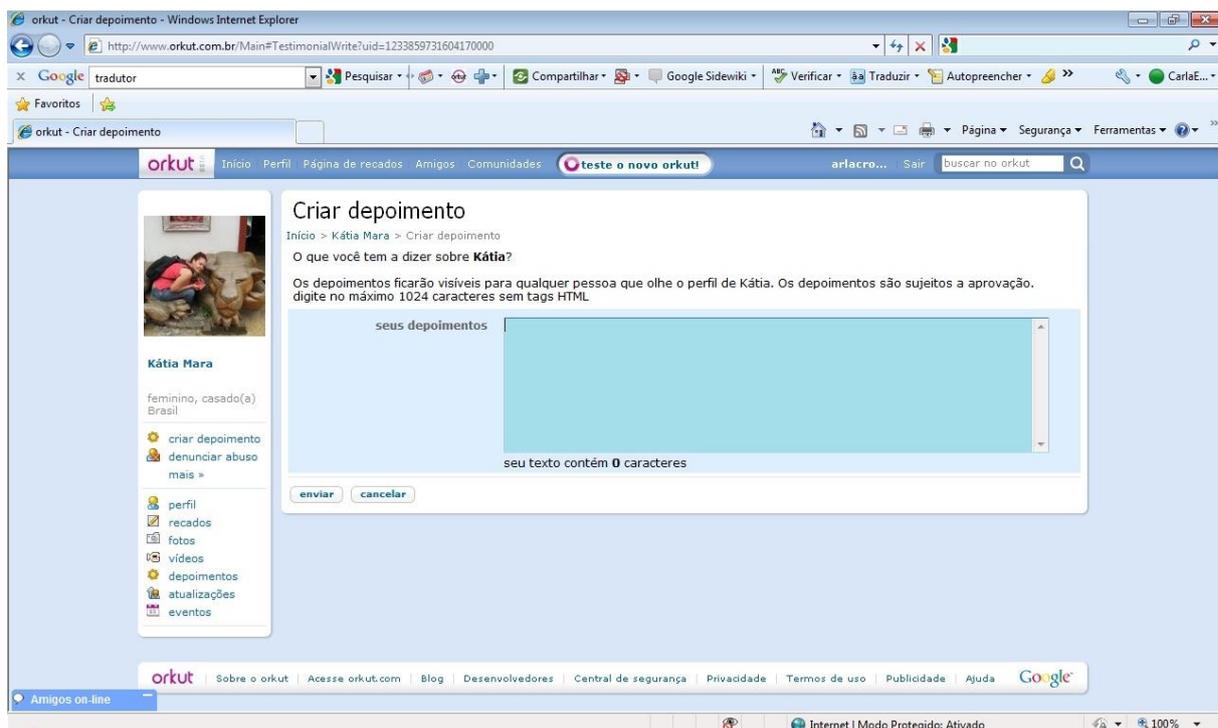


FIGURA 11 – TELA VISUALIZADA PARA CRIAR DEPOIMENTO NO PERFIL DE KÁTIA

O que sustenta nossa consideração é a observação de que o enunciador, enquanto escreve, visualiza uma tela (Fig. 11) em que há menções explícitas sobre o ato de produção de depoimento. Com isto, identificamos uma recategorização com função avaliativa sobre o ato enunciativo, cuja focalização indicada por nome metalinguístico demonstra a função de glosa definidora da nova categorização

incluída no texto. Diante da opção feita, resta um questionamento a ser respondido por meio de outra pesquisa: **em decorrência da reiteração de informações contextuais, neste caso, seria possível admitir a ocorrência de uma anáfora correferencial, cossignificativa e, mesmo assim, metadiscursiva?**

Há mais o que dizer quanto à construção da referência indefinida no dado anterior (Fig. 10). Prossequimos então. O foco sobre o desenrolar da enunciação distribui-se por toda a superfície textual, como percebemos na reflexão a respeito do que restringe o processo de criação do depoimento – autoavaliado de antemão como manifesto *inédito* e *humilde* através de uma ENI. A seguir, com o resgate de conhecimento compartilhado entre os interlocutores (*eu já falei ...*), o enunciador desqualifica sua habilidade de escrita (*sou péssimo para escrever, fico enrolando*), explicita a percepção pessoal do quanto essa atividade lhe impõe limitações (*só pra gastar espaço no texto, faltam idéias*). Talvez por esse motivo tenha negociado a própria manifestação através do enquadre enunciativo (o gênero depoimento do *orkut*) com a introdução das condições em que ocorreria (*Seguindo a política de ‘só vou dar quando você esquecer que quer’*) e com a manipulação da atenção desde o começo para a apreciação tanto do perfil da coenunciataria *Kátia* quanto da suposta limitação para escrever.

O ato enunciativo, uma vez recategorizado com rotulação, garante a linearidade da progressão temática até o ponto em que o enunciador, através de um articulador argumentativo (*mas*), introduz o propósito do seu texto, a saber, o depoimento propriamente dito. No final do texto, a tendência temática de valoração do sujeito descrito pelo depoimento se sobrepõe ao conteúdo secundário (a descrição da dificuldade do enunciador para produzir textos escritos) com uma contra-argumentação (*Mas impossível não dizer que eu nada seria se não fosse essa meleca.*) que, assim, reassume a saliência no texto.

4.3.4 A recategorização com tematização-remática

Na análise de Cunha Lima (2004, p. 99), há ocorrências de anáfora com ENI em que se dá uma retomada por recategorização lexical, o que pode parecer trivial, pois inclusive Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) definem a recategorização lexical como um procedimento de retomada. Um exemplo seria o dado a seguir:

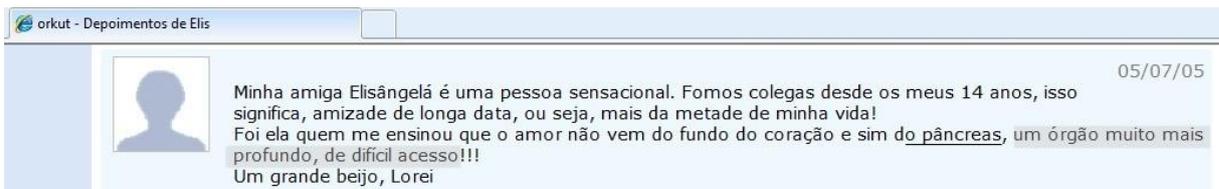


FIGURA 12 – RECATEGORIZAÇÃO COM TEMATIZAÇÃO-REMÁTICA (I)

Ao contrário, optamos por realçar o potencial remissivo da recategorização, como fazem Marcuschi & Koch (2002) e Martins (2009), por ser uma alternativa de maior abrangência dos traços referenciais que derivam das reconstruções dos objetos de discurso. A recategorização pode ter sua remissão marcada por ENI na posição de apostrofo (Fig. 12), cuja cadeia referencial é assim reproduzida:

[o pâncreas → um órgão muito mais profundo, de difícil acesso]

Lembramos que o uso de ENI na posição de apostrofo é apontado por Cunha Lima (2004), enquanto que uso similar a este recebe descrição como ocorrência de expressão referencial atributiva que atua na manutenção de cadeias referenciais em Roncarati (2010). Semelhante remissão ainda pode ser materializada por ENI que compõe oração apositiva (Fig. 13):

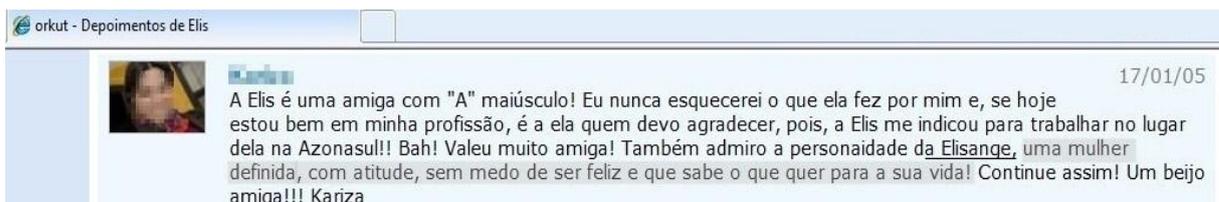


FIGURA 13 – RECATEGORIZAÇÃO COM TEMATIZAÇÃO-REMÁTICA (II)

Com relação à cadeia referencial do dado (Fig. 13), não podem deixar de ser ressaltados os usos de ENIs:

[A Elis → uma amiga com "A" maiúsculo → ela → ela → a Elis → dela → a Elisange → uma mulher definida, com atitude, sem medo de ser feliz → que]

O recurso de denominação reportada, indicado pela letra entre aspas na ENI *uma amiga com "A" maiúsculo* acentua a primeira opinião exposta no texto e direciona os efeitos de sentido buscados pelo enunciador. A inserção da segunda

ENI reforça o sentido apreciativo dado à descrição da usuária desde o início do depoimento, que passou da categoria de amiga a de mulher para quem são dirigidos uma série de atributos predicativos (*definida, com atitude, sem medo de ser feliz, sabe o que quer (...)*) em escala de valoração positiva, acrescentando ao texto informações novas sobre a coenunciária. A construção de descrições como nesse dado demonstra a tendência que Roncarati (2010) percebe em cadeias referenciais com uso de expressões referenciais atributivas, ou seja, a apresentação de informações desconhecidas por meio de atributos predicativos.

Com os dois últimos dados (Fig. 12 e 13), demonstramos a remissão recategorizante por meio de ENIs (*um órgão muito mais profundo, de difícil acesso e uma mulher definida, com atitude, sem medo de ser feliz e que sabe o que quer para a sua vida!*) que simultaneamente dão continuidade referencial e modificam os respectivos objetos de discurso. Observamos que há um caráter avaliativo no funcionamento argumentativo da ENI *uma mulher definida (...)* (Fig. 13) – tratado no parágrafo anterior –, bem como a função de glosa especificadora nas ocorrências destacadas em ambos os dados, visto que os núcleos nominais estabelecem relação hiperonímica com os objetos especificados (pâncreas – órgão, Elisange – mulher). Ainda com respeito à recategorização de *o pâncreas* (Fig. 12), defendemos que possui função estético-conotativa, pois a ENI não ativa apenas o sentido literal da descrição de localização do órgão, também permite inferir uma opinião compartilhada entre as interactantes quanto a relações afetivas.

As recategorizações nesses dois últimos dados combinam em uma mesma expressão uma forma de organização das informações textuais com marcação do tema (a informação conhecida passa por tematização: *o pâncreas* e *A Elis*) a ser posto em relevo ou em contraste com a marcação do elemento remático (a informação nova, nuclear na rematização, indicada pelas ENIs recategorizantes). A dupla operação de tematização-remática se compacta com a recategorização lexical e é isto que nos leva a considerar que os dados (Fig. 12 e 13) apresentam construções exemplares de **recategorização com tematização-remática**.

Outro aspecto da tematização-remática abre caminho para a recategorização, pelo qual há somente a modificação da extensão do objeto com a recuperação do núcleo nominal acrescido de novos modificadores, especificamente, em frases nominais ou orações predicativas. A partir do levantamento feito, Cunha Lima (*op.*

cit., p. 100) admite a probabilidade de que seja mais recorrente essa variedade de anáfora com ENI. Em nossa pesquisa, o *corpus* apresenta uma quantidade maior de ocorrências de tematização-remática com ENI compondo oração predicativa, dentre as quais, destacamos o seguinte dado:

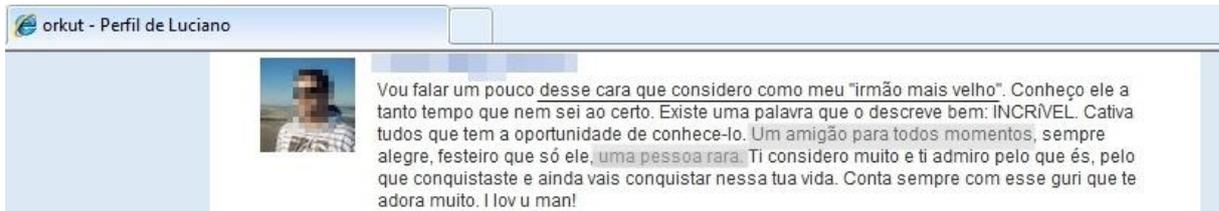


FIGURA 14 – RECATEGORIZAÇÃO COM TEMATIZAÇÃO-REMÁTICA (III)

Neste depoimento (Fig. 14), o tema central é inserido no texto por meio da categorização realizada com a expressão definida *esse cara que considero como meu “irmão mais velho”*. A denominação reportada (“irmão mais velho”) da expressão definida põe em evidência um predicado não exatamente atribuível ao sujeito descrito que parece não ser irmão ou não ter mais idade do que o enunciador. Além do mais, a inserção conta com um pronome dêitico *e*, por isso, aponta para o conjunto de informações contidas no perfil do usuário Luciano.

Por sua vez, é a extensa frase nominal *Um amigo para todos momentos, sempre alegre, festeiro que só ele, uma pessoa rara* que nos interessa. Com essa oração, aberta e fechada por ENIs, o enunciador amplia o conjunto de predicções dirigidas ao objeto de discurso ao mesmo tempo em que remete a todo o seu percurso evolutivo e, dessa maneira, procede à recategorização total com tematização-remática. Sobretudo as ENIs *Um amigo para todos momentos* e *uma pessoa rara* contribuem para que o objeto de discurso reapareça vinculado às categorias de *amigo* e *pessoa* ou ainda restabelecido na memória discursiva como tipo pertencente a tais classes. A recuperação do percurso evolutivo do objeto de discurso na memória discursiva pode ser feita através das conexões estabelecidas pela cadeia referencial:

[*esse cara que considero como “meu irmão mais velho”* → *ele* → *o* → \emptyset → *lo* → *Um amigo para todos momentos* → *ele* → *uma pessoa rara* → *Ti* → *ti* → \emptyset]

A recategorização com tematização-remática no dado abaixo (Fig. 15) dá instruções para que o leitor identifique a coenunciadora *Julee* dentro de diferentes categorias:

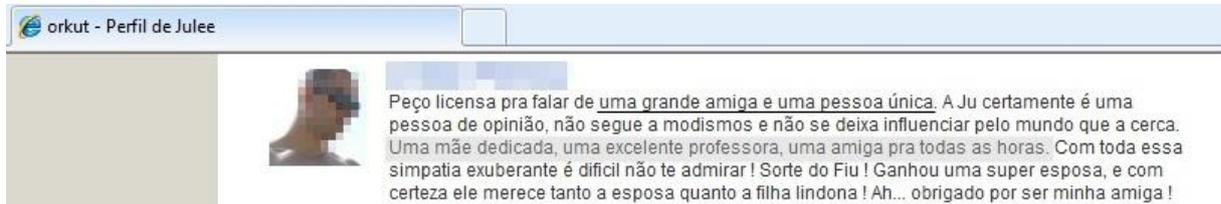


FIGURA 15 – RECATEGORIZAÇÃO COM TEMATIZAÇÃO-REMÁTICA (IV)

De acordo com a percepção do enunciador, fundada na exposição de conhecimentos e experiências compartilhadas com sua interlocutora, e de acordo com o objetivo (regulado pela exposição propiciada pelo *software* de suporte) de atribuir predicados apreciativos a ela, verificamos que o projeto de dizer encontra o seguinte percurso de referenciação:

[*uma grande amiga* → *uma pessoa única* → *A Ju* → *uma pessoa de opinião* → *a* → *uma mãe dedicada* → *uma excelente professora* → *uma amiga pra todas as horas* → *te* → *uma super esposa* → *a esposa* → *minha amiga*]

Na cadeia referencial, prevalece o uso de ENIs e isto demonstra o quanto pode ser intensa a distribuição de atributos na cadeia evolutiva dos objetos de discurso, bem como determinante da direção avaliativa da descrição materializada no texto. Três ENIs entram na composição de uma frase nominal apta a fornecer informações desconhecidas e não-ancoradas a respeito do objeto de discurso (*uma mãe dedicada; uma excelente professora; uma amiga pra todas as horas*). Tomando de empréstimo a colocação de Koch (2004b), o enunciador, dessa maneira, “promove ‘flashes’” para expor suas avaliações de forma concisa através das ENIs recategorizadoras com tematização-remática. A estratégia possibilita que em poucas palavras acentue-se a percepção valorativa quanto aos tipos atribuídos à identidade da coenunciadora:

- **mãe** devotada à família,
- **professora** de qualidade superior,
- **amiga** disponível a qualquer momento.

Também a seleção da ENI *Uma pessoa que faz brotar poesia nos momentos mais improváveis* exemplifica a recategorização com tematização-remática no depoimento abaixo (Fig. 16).

Depoimentos de Kátia

Início > Kátia Mara > Depoimentos de Kátia

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)



Uma pessoa que faz brotar poesia dos momentos mais improváveis. E, como quem não quer nada, acaba fazendo você refletir, sorrir e mudar um pouquinho a sua vida.

24/12/04

(Ah, e ela conversa com mosquitos também, mas ela não quer que eu revele isso aqui.)

FIGURA 16 – RECATEGORIZAÇÃO COM TEMATIZAÇÃO-REMÁTICA (V)

O emprego da ENI *Uma pessoa que faz brotar poesia dos momentos mais improváveis* é diferente neste dado (Fig. 16), por entendermos que há tematização-remática no início do texto. Em nossa concepção de análise, a ENI predica quanto a atributos do objeto de discurso por ela recategorizado e remete à designação deste (o nome da usuária) no espaço de criação do depoimento. Pelo que parece, o perfil da usuária no site é tomado como fonte acessível pelo enunciador, do contrário, outros dados não apresentariam semelhante construção ou ancoragem, conforme vimos ao analisar ocorrência de rotulação metadiscursiva (Fig. 10).

De fato, queremos dizer que a introdução da ENI no texto propicia sua leitura como se fosse uma resposta imediata à pergunta formulada no comando de criação: “O que você tem a dizer sobre **Kátia**?”, (Fig. 11). Assumindo essa possibilidade, a informação contida na oração predicativa constituída pela ENI já entra no texto sob a forma de objeto recategorizado (*Uma pessoa*), inclusive com modificação da extensão do núcleo nominal pelo encaixamento da oração *que faz brotar poesia nos momentos mais improváveis*. A alteração da extensão do objeto é um traço definidor da função assumida pela recategorização que, neste caso, é avaliativa e estético-conotativa, especificamente pela seleção de *brotar poesia*, parte da ENI que agrega traço metafórico à configuração da anáfora recategorizante.

4.3.5 Sobre os núcleos das recategorizações com ENI

Para tecer algumas considerações sobre os núcleos nominais de recategorizações com ENI, optamos por evidenciar a seleção de ENIs e expressões definidas que se reportam ao mesmo objeto de discurso: o sujeito Luciano. A opção

torna viável a comparação entre as construções e inclusive auxilia na verificação do quanto percepções subjetivas e experienciais podem atuar de maneira diferenciada na escolha do léxico mais adequado para a descrição de mesmo sujeito e, assim, direcionar a leitura para sentidos nem sempre semelhantes. Vamos aos dados:

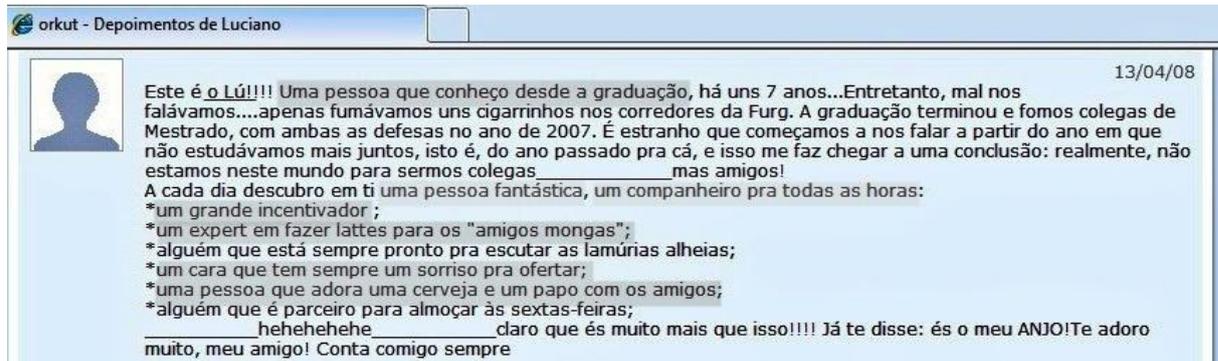


FIGURA 17 – DEPOIMENTO I

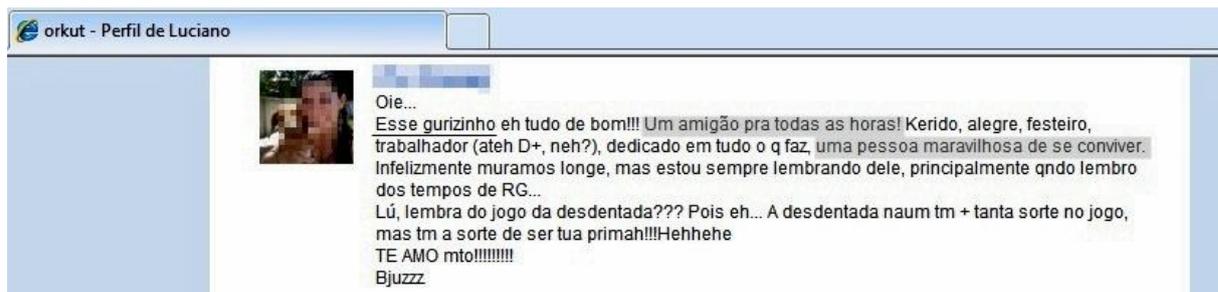


FIGURA 18 – DEPOIMENTO II

As expressões nominais selecionadas para designar o objeto de discurso “Luciano” nos dois dados expostos podem ser assim agrupadas:

- Depoimento I (Fig. 17)
 - ⇒ ENIs: *uma pessoa que conheço desde a graduação, uma pessoa fantástica, um companheiro pra todas as horas, um grande incentivador, um expert em fazer lattes para os “amigos mongas”, um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar, uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos;*
 - ⇒ expressões nominais definidas: *o Lú, o meu ANJO.*
- Depoimento II (Fig. 18)

- ⇒ ENIs: *Um amigão pra todas as horas, uma pessoa maravilhosa de se conviver.*
- ⇒ expressões nominais definidas: *Esse gurizinho, Lú.*

No segundo depoimento (Fig. 18), o enunciador lança um argumento que explicita o nível de proximidade mantido com o enunciatário (*mas tm a sorte de ser tua primah!!!Hehhehe*) e seu texto demonstra uma descrição mais sucinta do que aquela do primeiro depoimento (Fig. 17). Encontramos duas recategorizações com ENI cujos núcleos nominais *amigão* e *pessoa*, respectivamente, adicionam novas designações ao objeto de discurso introduzido por *Esse gurizinho* (o núcleo contém termo genérico que indica variedade linguística do sul do país). Como os núcleos diferem da categoria selecionada inicialmente, as duas ENIs marcam uma recategorização total com tematização-remática do objeto de discurso em focalização no começo do texto.

A ENI *uma pessoa maravilhosa de se conviver* realiza uma remissão recategorizante de *Um amigão (...)*. – expressão dotada de valor argumentativo devido ao grau aumentativo usado – por meio do termo genérico *pessoa*. Expressões genéricas similares são usadas no outro dado (Fig. 17) em posição nuclear em duas recategorizações com ENIs: *Uma pessoa que conheço desde a graduação* e *um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar*. Ambos os núcleos são também hiperônimos que, junto com o determinante indefinido, acentuam a especificação da categoria ou classe na qual o objeto de discurso é incluído. A recategorização é parcial na ENI *uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos* porque o núcleo remete à designação idêntica do início do texto e há acréscimo de novas predicções (o encaixamento de *que adora uma cerveja e um papo com os amigos*). O recurso de aspectualização caracteriza essa recategorização, já que o objeto de discurso é reapresentado provisoriamente sob outros aspectos ou atributos, assim, evoluindo dentro do texto.

As ENIs *uma pessoa fantástica* e *um companheiro pra todas as horas* (Fig. 17) podem representar casos de recategorização com encapsulamento, tanto é que a construção com as ENIs abre caminho para uma lista de atributos que explicam por que a enunciativa descreve o objeto de discurso como pessoa fantástica e companheiro constante. A listagem, por sua vez, introduz predicados ligados a uma

percepção subjetiva, pautada por conhecimentos pessoais (*um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar, uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos*) e profissionais (*uma pessoa que conheço desde a graduação, um expert em fazer lattes para os “amigos mongas”*) compartilhados com o enunciatório.

Com a comparação das seleções lexicais dos dois depoimentos, observamos que a apreensão sociocognitiva dos enunciadores em relação ao sujeito descrito reflete enunciados generalizantes ou partilhados pelo senso comum (os clichês). Nos dados encontramos clichês como *Um companheiro pra todas as horas* (17), similar a *Um amigão pra todas as horas* (18), *um cara que sempre tem um sorriso para ofertar* (17), os quais constituem as ENIs que ativam conhecimentos sobre o coenunciatório por meio de núcleos com termos genéricos (amigo, pessoa, cara).

Adicionalmente, vale ressaltar que há descrições nos depoimentos que estão distribuídas em uma espécie de escala avaliativa, conforme se vê no excerto:

- (48) Esse gurizinho eh tudo de bom!!! Um amigão pra todas as horas! Kerido, alegre, festeiro, trabalhador (ateh D+, neh?), dedicado em tudo q faz, uma pessoa maravilhosa de se conviver.

Em 48 a escala inicia com a categorização *Esse gurizinho*, prossegue com a inclusão de atributos e termina com outra ENI em situação recategorizante: *uma pessoa maravilhosa de se conviver*. A marcação nuclear das ENIs dessa escala corrobora a tese de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) ao atribuírem motivações para as modulações das expressões referenciais nas recategorizações de acordo como os objetivos da situação enunciativa, quer sejam:

- argumentativos – às vezes menos marcado como na Fig. 8);
- sociais – pela preservação da imagem do enunciador e do outro descrito sem depreciações;
- polifônicos – pelo emprego de fórmulas prontas que circulam sem particularizar o dizer e denominações reportadas como “amigos mongas” (Fig. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise qualitativa dos dados, produzimos uma discussão acerca de recategorizações lexicais com ENI em depoimentos coletados no site de relacionamentos *orkut*. A especificação da recategorização com ENI – uma operação referencial marcada com ENI que reapresenta objetos de discurso sob nova categoria em relação remissiva dentro do texto – centrou-se no desdobramento dos processos referenciais nela envolvidos. Ainda tomamos por critério de análise a configuração das cadeias referenciais, o funcionamento argumentativo e a atuação dos núcleos nominais na construção dos sentidos textuais.

Os dados evidenciam que as recategorizações com ENI:

- combinam-se com outras estratégias referenciais, como vimos, anáfora com relação parte-todo, encapsulamento, rotulação metadiscursiva, tematização-remática;
- são em maior número dentre as ocorrências de tematização-remática com frases nominais, conforme apontou o estudo de Cunha Lima (*op. cit.*);
- admitem variações como a recategorização metafórica e a recategorização parcial;
- apresentam funcionamento argumentativo sobretudo de cunho avaliativo, sendo recorrentes também as funções de glosa e estético-conotativa;
- compõem-se de núcleos nominais (hiperônimos, termos genéricos) que, ao lado dos determinantes indefinidos, reforçam a identificação da categoria ou classe atribuída ao objeto de discurso.

A questão da anáfora com ENI por si só já é controversa. O que não imaginávamos era que, ao estudar recategorizações com ENI, encontraríamos mais uma questão a ser discutida de maneira detida. Neste ponto, recuperamos o questionamento aberto durante a análise sobre caso de recategorização com rotulação metaenunciativa, a saber: em decorrência da reiteração de informações contextuais, seria possível admitir a ocorrência de uma anáfora correferencial, cossignificativa e, mesmo assim, metadiscursiva? Agora não temos resposta para esta pergunta, por enquanto, apenas o indício de que a operação referencial conta

com uma ancoragem ou fonte contextual. Considerando isto, levantamos mais um questionamento: a configuração dessa operação estaria vinculada a particularidades do ambiente de interação virtual? Um caminho aberto fica aqui.

Conseguimos reunir evidências para sustentar que o tipo de recategorização lexical em estudo tem a ocorrência favorecida no gênero depoimento do *orkut* devido à recorrência da seleção lexical de ENI. Vejamos o porquê. Nos depoimentos analisados, a modulação das ENIs recategorizantes torna exclusiva a identificação de tipos de personalidades, de experiências, de atributos ou de elementos que dizem respeito aos usuários do site sobre os quais tratam os textos. Quanto ao que colocamos, Cunha Lima (2004) traça o seguinte:

A expressão indefinida, como se vê, seleciona um membro de um conjunto que, fora de contexto, poderia ser tomado como unitário e faz com que ele seja tratado como não-unitário, como indicador de subespécie (Corblin, 1987). O conjunto ao qual o referente pertence é parcialmente construído no momento da referência e não apenas ativado. Em outras palavras, o conjunto não-unitário não necessariamente existe previamente ao ato referencial. (...)

Postulamos então que a determinação (indefinida) não é apenas um tipo de extração de referentes de um conjunto previamente existente, mas uma forma de apresentação ou construção (local, no curso da interação) deste conjunto. A característica mais forte do indefinido parece ser relacionada à exclusividade, mesmo que o referente pudesse ser tido como unitário, nome próprio ou designador rígido quando aparece introduzido pelo indefinido ele passa a ser apresentado como membro de uma classe (ou, no dizer de Corblin, 1987, como um indicador de subespécie, ou como indicador de uma atividade de extração) isto é, de maneira exclusiva (CUNHA LIMA, idem, p. 151-152).

Dessas asserções, retiramos fundamentos para afirmar que a propriedade da expressão indefinida de apresentar o objeto de discurso como membro pertencente a uma classe restrita é o que garante a construção localizada da referência com ENIs recategorizantes em nossos dados. E o enquadre enunciativo – o gênero depoimento do *orkut* – propicia condições que particularizam esse ato referencial, conforme demonstramos no capítulo de análise.

Um dos tópicos discutidos contempla a ocorrência de recategorização lexical cuja remissão diferencia-se pelo fato da ENI anafórica manter uma relação meronímica (parte-todo) em sua cadeia referencial. Outro traço diz respeito à noção de extração de elemento de um conjunto passada pela ENI recategorizante com relação parte-todo, o que parece estar sobreposto à cossignificação, por exemplo, marcada por expressão sinônima que compoñha o núcleo nominal de uma ENI.

No que tange à tematização-remática, devido à dinâmica da seleção de designações, cabe dizer que os objetos de discurso e os sentidos atribuídos a eles são negociados de modo a tornar o texto coerente com os propósitos enunciativos estipulados pelo site (em suma, manter os vínculos com amigos e familiares e ampliar o círculo de relações sociais). Em nossos dados, a interferência restritiva do suporte no desenrolar do enquadre enunciativo propicia o uso de recategorização com ENI via tematização-remática, porque a operação atende à necessidade de:

- produzir um texto de forma rápida, pois quem interage no ambiente virtual, muitas vezes, empreende práticas simultâneas (ler/responder e-mail, enviar mensagens instantâneas em sites de bate-papo, pesquisar conteúdos na *Web*, ouvir música, assistir a vídeos, etc.);
- concentrar conteúdos que poderiam não ser expressos com suficiência no espaço para inserção dos textos (reduzido a 1024 caracteres), limite que o escrevente pode não ter noção qual é se não estiver atento à contagem dos caracteres, que é simultânea à escrita e aparece logo abaixo da caixa de preenchimento, na frase “seu texto contém XX caracteres” (Fig. 11).

Outras particularidades do suporte podem interferir na enunciação por meio de depoimento do *orkut*. Temos um gênero discursivo cuja escrita apresenta caráter lacunar e fragmentário – é recorrente o uso de frases nominais – e destaca-se a seleção linguística de ENIs com função integradora de anáfora e predicação. Recursos como estes possibilitam a difusão de dizeres concisos na forma e nem por isso menos dotados de teor axiológico.

Sobre a atuação dos nomes-núcleos nas recategorizações com ENI, encontramos evidências de que a remissão com essas expressões nos depoimentos podem operar tanto uma total modificação, quanto uma rerepresentação generalizante do objeto de discurso. Para isto, assumimos o que diz Koch (2004a, p. 261) sobre o elemento nuclear de descrições definidas e indefinidas, o qual fornece pistas importantes acerca do estilo do gênero ou individual, da variedade linguística e da correlação entre léxico e progressão referencial, pistas estas que auxiliaram na interpretação do modo de constituição dos textos e de seu papel nas práticas sociointerativas dentro do ambiente de circulação.

A estratégia de recategorização lexical com ENI torna-se um recurso produtivo para a escrita de depoimentos no site *orkut*, principalmente porque está à disposição do usuário um espaço reduzido a 1024 caracteres para sua enunciação. Em termos de construção de sentidos, o emprego de recategorização com ENI evidencia o quanto a configuração do suporte do gênero (o *software* social do site) e a situação enunciativa (a interação virtual em domínio público) impõem restrições que de alguma forma direcionam o projeto de dizer dos enunciadores segundo o objetivo principal do *site* de relacionamentos, ou seja, conectar pessoas, estabelecer vínculos sociais.

A interferência das limitações do suporte só poderia ser desconsiderada se houvesse a publicação de depoimentos cujos produtores pudessem depreciar o enunciatário, salvo os casos em que a construção textual se dê pela via da ironia ou do humor (as figuras 9, 10 e 16 exemplificam isto). Contudo, parece difícil que algum usuário concorde com sua exposição em perspectiva negativa, já que a enunciação tem lugar em um mundo idealizado (a esfera de comunicação virtual). Neste espaço não se permite que dizeres negativos apareçam, pois são interditados através de uma espécie de acordo entre os interactantes. Todavia, isto não quer dizer que a negatividade não esteja lá.

Portanto, não é por acaso que o enunciador emite declarações a respeito de sujeito pertencente ao seu círculo de relações evitando manifestações negativas. Talvez por estar ciente da exposição pública no *site* de relacionamentos, parece tentar preservar tanto a imagem do outro quanto a sua. Desse modo, torna-se evidente o caráter dialógico do enquadre enunciativo propiciado pelo depoimento do *orkut* em um espaço utilizado para a construção da alteridade, ou melhor dizendo, da relação mútua entre as imagens das categorias atribuídas ao *eu* e ao *outro* que se entrecruzam nos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

_____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

APOTHÉLOZ, D. & CHANET, C. Défini et démonstratif dans les nominalisations. In: DE MULDER, W. & VETTERS, C. (eds.). *Relations anaphoriques et (in)cohérence*. Amsterdam: Rodopi, 1997. p. 156-186.

_____. & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de designation. In: BERRENDONNER e REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objects-de-discours: SNs complexes, nominalisations, anaphores*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de P. Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. “Para uma filosofia do ato”. Trad. para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. s. d.

_____./VOLOSHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a Science of Text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood, NJ: Ablex, 1997. Disponível em: <http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm>. Acesso em: 21 jul. 2007.

BENTES, A. C. A abordagem do texto: considerações em torno dos objetos e unidades de análise. In: LIMA-HERNANDES, M. C. *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 139-154.

BERRENDONNER, A. Connecteurs pragmatiques et anaphores. *Cahiers de linguistique française*, Genève, Université de Genève, n. 5, 1983.

BOLTER, J. D. *Writing space: the computer, hypertext and the history of writing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1991.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2007.

CAMPOS, C. M. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. *Revista*

da *ABRALIN*, v.6, n. 2, p. 139-169, jul./dez. 2007.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun.2003.

_____. *Entre o definido e o indefinido*. In:_____.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. 1. ed. Fortaleza: Prottexto, v. 1, 2004a. p. 1-11. CD-ROM.

_____. O processo de recategorização sob diferentes parâmetros. In:_____.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. 1. ed. Fortaleza: Prottexto, v. 1, 2004b. p. 1-21. CD-ROM.

CONDAMINES, A. Anaphore nominale infidèle et hyperonymie: le rôle du genre textuel. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, n. 18, p. 33-52, 2005.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA LIMA, M. L. *Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência*. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

DAMASCENO, F. R. F. *Os processos de referenciação e (re)categorização em tomadas de depoimento de acusados*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

DORIA, P. & AFFONSO, A. Bem-vindos à Googlelândia. *Galileu*, São Paulo, n. 215, p. 44 -55, jun. 2009.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Ática: São Paulo, 2006.

FOUCAULT, M. Resposta ao círculo epistemológico. In: FOUCAULT, M. et al. *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 9-55.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

ILARI, R. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 103-124.

JAGUARIBE, V. M. F. O jogo da recategorização no texto poético. In: _____.; BRITO, M. A. P. (Orgs.) *Gêneros textuais e referenciação*. 1.ed. Fortaleza: Prottexto, v.1, 2004. p.1-21.

JUBRAN, C. E. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 217-241.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Org.) *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004a. p. 244-262.

_____. Expressões nominais indefinidas e a progressão referencial. In: CAVALCANTE., M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. 1. ed. Fortaleza: Prottexto, v. 1, 2004b. p. 1-8. CD-ROM.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008a [1989].

_____. Princípios teórico-analíticos da Linguística Textual. In: _____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. p. 11-25.

_____. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. In: _____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c. p. 61-70;

_____. & CUNHA LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-310.

_____. & MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.

LIMA, S. M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.) *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 74-103.

LYONS, J. *Semantics*. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, linguística e literatura*, João Pessoa, v.1, n.1, p. 9-40, 2003.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13–67.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. & KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 8. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 31-56.

MARTINS, E. F. M. A recategorização metafórica na retórica neopentecostal: considerações teórico-metodológicas sobre a construção e estabilização de referentes. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 15., 2009, Campinas. *Caderno de Resumos*. XV Seminário de Teses em Andamento. Campinas: IEL/Unicamp, 2009. p. 97-99.

MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

MOCELLIM, A. Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut. *Em Tese*, Florianópolis, v. 3, p. 100-121, 2007.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUÉLIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphores*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 273-302.

MÜLLER, A. L. A semântica do sintagma nominal. In: _____.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Orgs.) *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 61-74.

NELSON, T. H. Opening hypertext: a memoir. In: TUMAN, M. C. (Ed.). *Literacy online*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1992. p.43-57.

NEVES, M. H. M. A referência e sua expressão. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: FAPESP: Campinas: Pontes, 2007. p. 241-278.

NORRIS, S. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. *Discourse Studies*, v. 8 (3), p. 401-421, 2006.

O'REILLY, T. *What Is Web 2.0. Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly, 30 set. 2005. Disponível em: <<http://oreilly.com/lpt/a/6228>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

ORKUT. In: *WIKIPÉDIA*, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em 12 mar. 2010.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1988.

PENNINGTON, D. C. *Social Cognition*. London: Routledge, 2000.

PEREIRA, R. C. & RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. *Letra Magna*, ano 5, n. 11, 02/2009.

POSSENTI, Sirio. A noção de acontecimento. In: _____. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 119-126.

QUINE, W. *Word and Object*. Cambridge: MIT Press, 1960.

RECUERO, R. C. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. *E-Compós*. Brasília, v. 2, abr. 2005.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RONCARATI, C. N. *As cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROSCH, E. Principles of recategorization. In: _____.; LLYODD, B. B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.

RUSSELL, Bertrand. On Denoting. In: _____. *Logic and Knowledge*. London: George Allen and Unwin, 1956 [1905]. p. 41-56.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-168.

SCHELP, D. Nos laços (fracos) da internet. *Veja*, n. 2120, 08 jul. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/080709/nos-lacos-fracos-internet-p-94.shtml>>. Acesso em: 18. jul. 2009.

SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten: Studien zur domägebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen*. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 2000.

SILVEIRA, C. E. S. R. Relações entre a escrita e a oralidade na construção textual do gênero “depoimento do *Orkut*”. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS

NA EDUCAÇÃO, 2., 2008, Recife/PE. *Livro de Resumos*. Recife: UFPE, 2008a. p. 26. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/livroresumos-simposio2008.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. A organização sequencial em “depoimentos do Orkut”. In: VIII Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre. *Anais do 8. Encontro do CELSUL*. Pelotas: EDUCAT, 2008b.

_____. Considerações iniciais em torno de uma caracterização do comportamento do gênero “depoimento do Orkut”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38 (3), p. 269-281, jul.-dez/2009a. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_21.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2010.

_____. Notas sobre ethos, cena enunciativa e gênero digital. *Revista Icarahy*, Niterói, n.1, 13p., ago. 2009b.

TANCER, B. *Click – O que milhões de pessoas estão fazendo on-line e porque isso é importante*. São Paulo: Globo, 2009.

TAVARES, D. P. F. *Processos de recategorização – uma proposta classificatória*. 157p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

TERMOS DE SERVIÇO DO GOOGLE. Disponível em: <<http://www.google.com/accounts/TOS?hl=pt-BR>>. Acesso em: 22 mai. 2009.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

www.orkut.com

XAVIER, A. C. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. 220f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

ANEXOS

ANEXO 1

Bem-vindo ao orkut

orkut by Google bela

Igual à vida real
Compartilhe com todos ou com grupos separados de amigos, controlando quem vê o quê.
Conecte-se com seu melhor amigo, seu chefe e sua avó com confiança.

Comece a conversa
Bata papo, comente e fale com cada um dos seus grupos de amigos para uma conversa que você controla.

Divirta-se!
Compartilhe fotos, vídeos e notícias com facilidade. Participe de comunidades para discutir tópicos de seu interesse.

Acesse com a sua Conta do Google

E-mail: ex.: pat@example.com
Senha:

Continuar conectado

[Não consegue acessar a sua conta?](#)

Você não tem uma Conta do Google?

blog do orkut [Uma ajuda para entender mensagens em qualquer idioma](#) - Mon Sep 20 2010 - [Mais postagens](#) »

© Google 2010 - [Novidades](#) - [Ajuda](#) - [Central de segurança](#) - [Privacidade](#) - [Termos](#)

ANEXO 2

Web Mapas Notícias Orkut Livros Tradutor Gmail mais [artacrosa@bol.com.br](#) | [configurações](#) | [versão antiga](#) | [sair](#)

meu **orkut** 1999 [início](#) [perfil](#) [no orkut](#) [na web](#)

usar esse tema



Carol

local: Estados Federados da Micron...
aniversário: 23 de fevereiro
[mais informações >](#)

[ações](#)

[perfil](#) [recados \(61\)](#) [fotos \(23\)](#) [vídeos \(6\)](#) [+ mais \(5\)](#)

Página de recados de Carol

Deixe um recado para Carol

Fantasie: Eu sai antes porque se não eu não acordava cedo hoje nem a pau.. DSHODISHODISH Hoje te mostro, seppá. 55 minutos atrás

Fantasie: CAROLLLLLLLLL!!!! Preciso te mostrar um texto que mandei pro K, você tá no msn? 21:58

publicidade



amigos dela (109)

procurar os amigos dela

buscar

Carla

larissa

luiza

Amigos on-line

Internet | Modo Privado: Ativado

ANEXO 3

27 fev

Carla Edila recebeu comentários sobre a foto dela



[ocultar comentários](#)

Elis :) Vigil
que delicia de banho *..*

escreva um comentário aqui

postar

27 fev

26 fev

Carla Edila adicionou 16 novas fotos ao álbum "Mais do Alisson"



27 jan | spam

Neu Tomasi deixou um recado:

eita ferias demorada hem? ganhou de mim hahaha ja estamos com saudades bjinho ate mais

[Responder](#) | [Visualizar conversa](#)

ANEXO 4

Re: [#459989958] New Permission Request

Google Print Permissions
Para carlaedila@hotmail.com

11/8/2009

Hi Carla,

Thank you for your interest in Google and Orkut. You may use unaltered screenshots without our permission. If you are using the profile pages of users other than yourself, it would be best to ask their permission.

Thanks,
Jordan

Original Message Follows:

From: "CARLA EDILA SANTOS DA ROSA SILVEIRA" <carlaedila@hotmail.com>
Subject: New Permission Request
Date: Thu, 25 Jun 2009 12:41:41 -0700

>

> Name: CARLA EDILA SANTOS DA ROSA SILVEIRA
> Title: Sra.
> Organization: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
> Organization type: Educational Institution
> Email: carlaedila@hotmail.com
> Phone: +55-41-3328-5484
> Request Type: Google screenshot
> Primary Media Type: Print
> Title or URL: <http://www.ufpr.br/portal/>

> Request Description: I develop a research at the Federal University of Parana (UFPR) in order to obtain the title of Master of Letters. My main goal is to check what are the strategies used by users to overcome the limitations of space for the creation of testimonial in Orkut site. My research is based on sociocognitive and discourse theories which describe the use of human language from social interactions. So I need to copy screens where are these texts according to the examples attached. I would like have permission to collect data in different profiles of users of Orkut site and use the Google brand features on my master's thesis. I add that my research will be published in UFPR's Digital Library, in other media and in scientific events in Brazil and other countries.

ANEXO 5**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM E CONTEÚDO DE
PÁGINA PESSOAL**

Eu, _____ (nome) _____, brasileiro(a), ____ (estado civil) _____, ____ (profissão) _____, inscrito(a) no CPF sob nº _____ e RG sob nº _____, ____ (órgão expedidor/UF) _____, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto “Gênero e referência: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*”, o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Local, ____ de _____ de 2009.

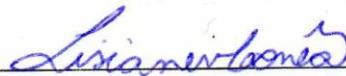
(assinatura)

Nome completo

ANEXO 6**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Lisiane Nieldsberg Corrêa, brasileira, solteira, professora, inscrita no CPF sob o nº 996991840-00 e RG sob o nº 6074688406 SSP/RS, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto “Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*”, o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Porto Alegre, 13 de julho de 2009.

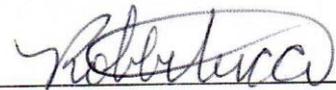


Lisiane Nieldsberg Corrêa

ANEXO 7**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Roberlei Alves Bertucci, brasileiro, solteiro, pesquisador, inscrito no CPF sob o nº 027.474.429-50 e RG sob o nº 7.186.035-3 SSP/PR, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 04 de julho de 2009.



Roberlei Alves Bertucci

ANEXO 8**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Gabriela Carpejani, brasileira, solteira, assistente administrativo, inscrita no CPF sob o nº 00891176977 e RG sob o nº 7644.086-5 SSP/PR, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referência: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

São José dos Pinhais, 15 de julho de 2009.

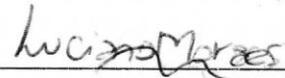


Gabriela Carpejani

ANEXO 9**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Luciano Passos Moraes, brasileiro, solteiro, professor, inscrito no CPF sob o nº 955391400-44 e RG sob o nº 1069096665 SSP/RS, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2009.

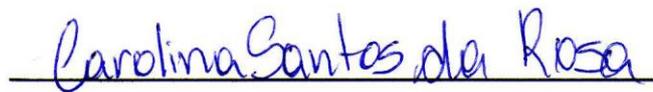


Luciano Passos Moraes

ANEXO 10**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Carolina Santos da Rosa, brasileira, solteira, estudante, inscrita no CPF sob o nº 090055199-24 e RG sob o nº 7104432286 SSP/RS, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 14 de julho de 2009.

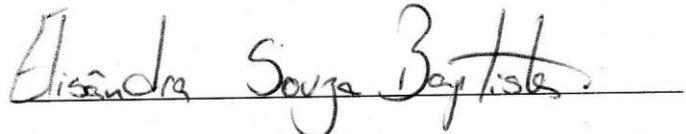


Carolina Santos da Rosa

ANEXO 11**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Elisândra Souza Baptista, brasileira, solteira, auxiliar administrativo, inscrita no CPF sob o nº 893.561.950-72 e RG sob o nº 7068204432 SSP/RS, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referência: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Rio Grande, 29 de junho de 2009.



Elisândra Souza Baptista

ANEXO 12**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, *Elisangela Vigil*, brasileira, solteira, jornalista, inscrito(a) no CPF sob nº 73407372000 e RG sob nº 7055562123, SJS/RS, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referência: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Ribeirão Preto, 16 de maio de 2010.

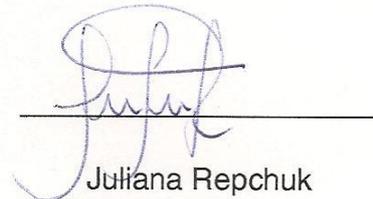


Elisangela Vigil

ANEXO 13**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL**

Eu, Juliana Repchuk brasileira, solteira, professora, inscrita no CPF sob nº 031.614.629-39 e RG sob nº 7.629.594-8, SSP/PR, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 25 de maio de 2010.



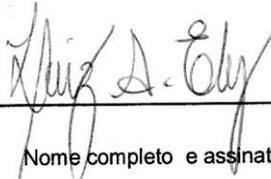
Juliana Repchuk

ANEXO 14

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL

Eu, LUÍZ AUGUSTO ELY, brasileiro, solteiro, assistente administrativo, inscrito(a) no CPF sob nº 046.852.799-05 e RG sob nº 7998315-2, SS/PK, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site www.orkut.com, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 12 de AGOSTO de 2010.



Nome completo e assinatura.

ANEXO 15

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL

Eu, KÁTIA MARA SILVA CUNHA, brasileiro(a), SOLTEIRA, ASSISTENTE ADMINISTRATIVO, inscrito(a) no CPF sob nº 92233236572 e RG sob nº 0751229601, SSP BA, autorizo o uso da minha imagem e conteúdos de minha página pessoal no site *www.orkut.com*, sobre os quais tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº 781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 02 de Janeiro de 2011

Kátia Mara S. Cunha

Nome completo e assinatura.

ANEXO 16

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DA IMAGEM
E CONTEÚDO DE PÁGINA PESSOAL

Eu, Wagner Peiza Martins, brasileiro(a), _____ (estado)
civil SOLTEIRO, DE PAZES (profissão) Tráf., inscrito(a) no CPF sob nº 036794089-27 e RG sob
nº 6355327-3, SSP/PR (estado) _____, autorizo o uso da minha imagem e
conteúdos de minha página pessoal no site www.orkut.com, sobre os quais
tenho direitos autorais e/ou direito de posse adquirido, em pesquisa científica
realizada por Carla Edila Santos da Rosa Silveira, inscrita no CPF sob o nº
781280300-78 e RG sob o nº 12338213-7 SSP/PR. A autorização cedida por
este termo inclui a publicação dos dados coletados em eventos científicos e em
mídias de qualquer natureza sem ônus à pesquisadora responsável pelo
projeto "Gênero e referenciação: sobre a recategorização com SN indefinido no
depoimento do *orkut*", o qual tem aprovação do Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba, 31 de Dezembro de 2010.

Wagner Peiza Martins / Wagner Peiza Martins

Nome completo e assinatura.

ANEXO 16

CORPUS

01

orkut - Perfil de Carol



(...) Nunca havia encontrado alguém como você, que se encaixa tão bem comigo, que ri das mesmas coisas que eu, que sofre pelas mesmas coisas, e que me entende bem. Eu amo o destino, que nos juntou novamente e agora vai ser pra sempre. Eu sei que é estranho me ver falando essas coisas, né, porque eu nem sou ~carinhosa~. Ok, só quando eu quero e quando é preciso. E agora é. Eu fiquei com vontade de lhe dizer essas coisas, de dizer que eu não sou nada sem você, e que você pode contar sempre comigo, me dizer o que quiser, sem medo do que eu vá pensar. Eu sei que não entrei aqui no seu aniversário, porque eu tava sem computador, mas eu queria de verdade passar o dia comigo. Eu sei que é somente pelo computador, mas o que importa é que eu estaria falando contigo. Eu gosto de saber tudo que acontece com você, gosto de saber como foi seu dia na aula, das suas palhaçadas com a ~Tessa~, gosto de ver todos os vídeos que você manda, e gosto de ouvir Thunder e I Can Wait Forever porque eu me lembro de você. (...)

02

orkut - Depoimentos de Elis



05/07/05

Minha amiga Elisângelá é uma pessoa sensacional. Fomos colegas desde os meus 14 anos, isso significa, amizade de longa data, ou seja, mais da metade de minha vida!
Foi ela quem me ensinou que o amor não vem do fundo do coração e sim do pâncreas, um órgão muito mais profundo, de difícil acesso!!!
Um grande beijo, Lorei

ANEXO 17

CORPUS

03

orkut - Depoimentos de Elis



17/01/05

A Elis é uma amiga com "A" maiúsculo! Eu nunca esquecerei o que ela fez por mim e, se hoje estou bem em minha profissão, é a ela quem devo agradecer, pois, a Elis me indicou para trabalhar no lugar dela na Azonasul!! Bah! Valeu muito amiga! Também admiro a personalidade da Elisange, uma mulher definida, com atitude, sem medo de ser feliz e que sabe o que quer para a sua vida! Continue assim! Um beijo amiga!!! Kariza

04

orkut - Perfil de Elis



A Angel...

Nooooossa! Pra quem a conhece, sabe o que é ter uma amiga de verdade, uma companheira pra tudo!

Conheci a Angel na faculdade, éramos realmente INSEPARÁVEIS. Tenho uma enorme saudade daquele tempo. Lembro que todo mundo tinha um apelido criado por nós, é claro! hahahaha...tem uns que ainda hoje me lembro qdo encontro as pessoas, tenho que me cuidar pra não chamá-las pelo apelido.

Amiga, ADORO VC! Pena que a gente está tão longe uma da outra. Mas mesmo assim, conte sempre comigo...

Um Grande Beijo...

Janice

ANEXO 18

CORPUS

05

orkut - Perfil de Luiz Augusto



Não costumo escrever sobre e para pessoas que não conheço há tempos. Mas como toda regra há exceções, decido por escrever sobre o Luiz.
 Pessoa calma, discreta e inteligente. Aparece em minha vida em uma terça-feira cheia de pressupostos teóricos de teorias não muito bem compreendidas (por esta que escreve), com um ar de "perdido" e procura assunto. Contato estabelecido e firmado.
 Um rapaz disposto a ouvir ajudar... E também disposto a se abrir.
 Troca comigo experiências (ainda que restritamente acadêmicas) que me fazem pensar um tanto diferente do anterior à conversa. Conversas um tanto quando cibernéticas – ainda bem que existe o Gtalk!).
 Um estudioso cheio de qualidades, ainda que duvidadas por ele.
 Pessoa indispensável para quem gostaria de ter um bom papo.

06

orkut - Depoimentos de Luciano



Luuuuuuu
 uma pessoa incrível, inteligente, linnnda demais :)))
 pena que mora tão longe, queria ter trazido vc na mala :0)
 Te espero aqui!
 TE ADORO MUITO
 Beijão

27/09/06

ANEXO 19

CORPUS

07

orkut - Perfil de Luciano





O 1º depoimento tu deletou, mas td bem, hehehee...
 Seguinte...
 Sabe aquela pessoa que da onde tu menos espera tira uma solução, uma idéia ótima??? Pois é, esse é o Lú. Um cara que sempre foi estudioso, inteligente, coerente, e acima de tudo, maduro... O cara é um super alicerce, mesmo que as vezes precise de um...Como todo mundo... Uma pessoa sempre de bom humor, que não se aabte nas dificuldades, ao contrário, cresce... Alguém que é mt admirado e tb injejado, não pelo q ganhou, mas por tudo que conquistou, afinal, não ganhou nada,lutou por tudo...
 Enfim, tu é um exemplo... Juro, como podemos ser irmãos, nos darmos tão bem e sermos tão diferentes? Pois somos mt diferentes, mas o q interessa, é q te amo, e q te quero por perto sempre... Fica com Deus, e vai q tá na hora de conquistares o mundo!!!!

08

orkut - Perfil de Luciano





Vou falar um pouco desse cara que considero como meu "irmão mais velho". Conheço ele a tanto tempo que nem sei ao certo. Existe uma palavra que o descreve bem: INCRÍVEL. Cativa todos que tem a oportunidade de conhece-lo. Um amigão para todos momentos, sempre alegre, festeiro que só ele, uma pessoa rara. Ti considero muito e ti admiro pelo que és, pelo que conquistaste e ainda vais conquistar nessa tua vida. Conta sempre com esse guri que te adora muito. I lov u man!

ANEXO 20

CORPUS

09

orkut - Depoimentos de Luciano

 Este é o LÚ!!! Uma pessoa que conheço desde a graduação, há uns 7 anos...Entretanto, mal nos falávamos....apenas fumávamos uns cigarrinhos nos corredores da Furg. A graduação terminou e fomos colegas de Mestrado, com ambas as defesas no ano de 2007. É estranho que começamos a nos falar a partir do ano em que não estudávamos mais juntos, isto é, do ano passado pra cá, e isso me faz chegar a uma conclusão: realmente, não estamos neste mundo para sermos colegas _____ mas amigos!

A cada dia descubro em ti uma pessoa fantástica, um companheiro pra todas as horas:

- *um grande incentivador ;
- *um expert em fazer lattes para os "amigos mongas";
- *alguém que está sempre pronto pra escutar as lamúrias alheias;
- *um cara que tem sempre um sorriso pra ofertar;
- *uma pessoa que adora uma cerveja e um papo com os amigos;
- *alguém que é parceiro para almoçar às sextas-feiras;

_____hehehehe_____claro que és muito mais que isso!!!! Já te disse: és o meu ANJO!Te adoro muito, meu amigo! Conta comigo sempre

13/04/08

10

orkut - Perfil de Luciano

 Dizer oq? o cara eh meio maluco, da primeira vez q o vi de cara não fui com a lata dele, achei ele meio metido, pq lá tava eu tomando meu chimas e conversando com a galera rumo ao FSM quando o cara q tinha passado a viagem intira dormindo vem e me pede um mate com uma cara amarrada, pensei comigo - dou ou não dou?- ta bom, servi um pra ele naum me encher o saco, depois ele armou a barraca dele junto da nossa sempre a mesma cara amarrada, conversa vai conversa vem acabamo tomando todas e ele acabou virando meu padrinho.

ANEXO 21

CORPUS

11

orkut - Perfil de Luciano



Eita, gaúcho grosso!! Foram meus primeiros pensamentos nada amigáveis em relação ao Professor Lu. Alguns meses se passaram (ele sempre diz 6 meses...mas acho que já se foram uns 9!! Enfim...) e descobri no Lu um ser doce, companheiro e cheio de personalidade. Mesmo que as vezes ele dirija a mim palavras nada doces e escreva coisas nada bonitas em quadros negros a meu respeito, eu entendo...dar bolo no amiguinho também não é legal..rsrs...e estou em dívida com ele. Muitaaaaas dívidas, pra falar a verdade! Hoje não tenho mais um professor gaúcho e grosso, mas um amigo muito querido. Um dos mais amados... responsável por dias inesquecíveis... te amo muito, Lu! Ainda bem que o mundo conspira pra nos encontrarmos...

12

orkut - Perfil de Luciano



Oie...
Esse gurizinho eh tudo de bom!!! Um amigão pra todas as horas! Kerido, alegre, festeiro, trabalhador (ateh D+, neh?), dedicado em tudo o q faz, uma pessoa maravilhosa de se conviver.
 Infelizmente muramos longe, mas estou sempre lembrando dele, principalmente qndo lembro dos tempos de RG...
 Lú, lembra do jogo da desdentada??? Pois eh... A desdentada naum tm + tanta sorte no jogo, mas tm a sorte de ser tua primah!!!!Hehhehe
 TE AMO mto!!!!!!!!!!
 Bjuzzz

ANEXO 22

CORPUS

13

orkut - Perfil de Luciano



Para mim, você é a surpresa reencontrada. Um dandy, o meu brasseur. Um cansei de ser, muito e très sexy. O espelho dos meus dizeres. O botar a roupa fora. Agora, o calor do meu norte e sempre a vontade do meu sul-frio. O DJ, o fotógrafo, o cozinheiro, o médico-enfermeiro, o cavalheiro de várias cores. A Nutella do meu crepe. Ma blonde. É também o agito² da Augusta, da Tijuca, da Berri-UQAM. Você é onde sempre quero estar. Carlos Vanessa. Irmão+amigo+amor. O companheiro de olhos. E ainda mais.
Que os deuses continuem a te iluminar; que vc continue ao meu lado.

14

orkut - Perfil de Luciano



LUC! UMA DESTAS MARAVILHOSAS SURPRESAS QUE A VIDA GUARDA PRA GENTE E QUE NUNCA IMAGINAMOS, PQ "FELICIDADE SE ENCONTRA EM HORINHAS DE DESCUIDO". ANTES DE NOS REENCONTRAR-MOS EU "TAVA TRISTE", "MAIS SEM GRAÇA QUE A TOP MODEL MAGRELA NA PASSARELA". QUERIDO SER NOTURNO (WITH LASERS, É CLARO), NÃO ME DEIXA MAIS SÓ NESTAS MADRUGADAS SEM FIM, "NOITE MAIS FUNDA CALUNGA". FICO SEMPRE COM SAUDADES DE NOSSAS CONVERSAS, SAUDADES DO TEU FRANCÊS PERFECT, ESPANHOL FUEDA E DO TEU ITALIANO ENRROLEICHON. DJ LUC, BOTA O SOM QUE "A MENINA DANÇA", "FAZE BARULHO, PORRA", MAS TEM QUE SER "UM BARULHINHO BOM", PQ SE NÃO FOR DESTA MANEIRA NÃO VOU SER MAIS TUA "FAXINEIRA FASCINANTE", OK? HONEY, TE ADORO! AH, ZÉ,ZECA E MANU ESTÃO TE MANDANDO UM ABRAÇO.

ANEXO 23

CORPUS

15

orkut - Perfil de Gabriela



O que mais alguém pode querer da vida tendo uma amizade como essa!! Pense em uma mulher meiga, inteligente, bonita e sincera, e que sempre fica vermelha quando falam dela! Quem mais poderia ser se não a incrível Gabi. Uma amizade que com certeza levarei para o resto de minha vida.. beijos do seu amigão Cabritão Ninjão...

16

orkut - Perfil de Lisi Nay



Minha Amigona, em muitos momentos de minha vida, dos divertidos aos mais problemáticos, sabes do que estou falando.
 Uma pessoa que me entende....
 Linda, morenaça e alta...rsrsrsrsr...
 De fácil convivência, assim como eu, rsrsrsr...
 Enfim, somos e desejo que saibamos conservar nossa amizade por toda nossa existência.
 Um bjão do amigo lindo que ama, Lili Carabina, Laila ou seja lá qual for a denominação.

ANEXO 24

CORPUS

17

Depoimentos de Marcelo

Início > Marcelo Lindemann Zehetmeyr > Depoimentos de Marcelo

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)



Bah, o que dizer do Marcelo?! Um amigo maravilhoso. Sincero, alegre, alto-astral, de um caráter incomparavel. Ele e um cara batalhador e de muita garra. Naum foi por nada q ele foi o nosso juramentista na formatura. Marcelinho te adoro!!!!

06/03/05

18

Depoimentos de Kátia

Início > Kátia Mara > Depoimentos de Kátia

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)



Uma pessoa que faz brotar poesia dos momentos mais improváveis. E, como quem não quer nada, acaba fazendo você refletir, sorrir e mudar um pouquinho a sua vida.

24/12/04

(Ah, e ela conversa com mosquitos também, mas ela não quer que eu revele isso aqui.)

ANEXO 25

CORPUS

19

orkut - Perfil de Kátia



Seguindo a política de "só vou dar quando você esquecer que quer", um testemunho inédito e humilde do senhoro paçoco para a senhora paçoca.
 Eu já falei que sou péssimo para escrever, então eu fico enrolando só para gastar espaço no texto, já que faltam idéias para escrever. Mas impossível não dizer que eu nada seria se não fosse essa meleca.

20

orkut - Perfil de Kátia



tsê tsê... Som... 1, 2.. Som...
 Tá gravando? Pode falar?

Bom, da Kátia eu não sei mas a Descalça é uma coisa! Só de lembrar dessa menina já me vem o sorriso e as boas lembranças de nossas (Longas)* conversas no ICQ. Aquilo sim é que é mulher de verdade! Conversa contigo sobre Política, saúde, sobre filmes bandas, comidas pra lá de estranhas e ainda lembra a letra das músicas do trem da alegria, dos Clipes do Luís Caldas cantando Tieta do Agreste e dos personagens da TV Pirata (Barboosa). Um poço de sabedoria!!!

Tudo bem que ela some misteriosamente sem deixar vestígios mas eu entendo que é duro ter de aguentar o pesado fardo kármico da companhia deste que vos escreve.
 Mas a maior prova da nossa grande amizade foi o convite totalmente espontâneo que recebi dela pra ingressar aqui no Yakult. Sabe como é, minha companhia faz falta =o)

(Pronto? Acabou? Dá pra fazer o favor de tirar essa pexeira de perto das minhas partes baixas, Srta. Descalça? Pô, não é lá grandes coisas mas de vez em quando eu uso!!!

ANEXO 26

CORPUS

21

orkut - Perfil de Roberlei Alves



Roberlei Alves
O melhor professor d português e d crisma...mas sem dúvida um grande amigo tb!!!!
.*

22

orkut - Depoimentos de Roberlei Alves



O topo eh mееeu!!! lalalalala 21/12/07
Muito mais que um grande professor. Um grande amigo!

Coitado, vai ter que me aturar pra sempre, quem mandou conquistar um lugar no meu coraçãozinho??? Agora pra sair
Vai me aguentar nem que seja por Orkut!

hehe

bjoOoOo

ANEXO 27

CORPUS

23

orkut - Perfil de Roberlei Alves



Ola Rober.....

Que nessa data tão especial em sua vida te desejo um excelente dia, e que se repitam pelos proximos 100 anos.....Ta bom né.....

Que Deus e Nossa Senhora te abençõe muito e ilumine todos os teus passos a cada dia. Não sei em que lugar do Brasil vc está. Mas onde estiver conte sempre com minhas orações.

Muitas felicidades seria poucos a vc uma pessoa tão batalhadora.....Mas enormes felicidades e muita saúde, paz, prosperidade, dinheiro, amor, amigos e muita fé.....

Sei que a distância nos impede de estarmos mais proximos, mas sempre lembre o pessoal aqui de Goio.....

Um otimo niver a vc.....

Um enorme bjssss e um fraterno abraço.....

"Tenha certeza que a vida sempre vale a pena, porque Jesus Cristo é a essência de tudo"

Marta.....

ANEXO 28

CORPUS

24

orkut - Perfil de Roberlei Alves



(Sem nenhum puxa-saquismo, certo?)
O Roberlei é uma pessoa que marcou muito a minha vida (e imagino que ele nem saiba disso). Um professor que fala com seus alunos de igual pra igual, sem perder a autoridade e o controle sobre a classe. Alguém que traduz os conceitos básicos de sócio-linguística para alunos de oitava série e faz tudo soar muito natural. Alguém que num dia, na arquibancada do colégio, falou comigo sobre vida e sentimentos e afins!

Um amigo, acima de tudo.

Rob, eu posso contar nos dedos de uma mão as pessoas que me influenciaram quando fui escolher o meu curso (e vc foi o primeiro deles). Ainda hoje quando vejo *As Mil e Uma Noites*, o *Decamerão* e o *Vidas Secas*, lembro de vc. (Quando passo na frente da Farmácia Geral também!) Nunca vou esquecer do quanto vc descortinou a literatura e a "gramática" (que hj eu chamaria de sintaxe e em alguns casos de linguística) pra mim, há cinco anos atrás. Saiba que vc foi além do que um professor e por isso me impactou além das aulas. Por mais caxias que isso soe, vc é uma referência do trabalho que eu quero um dia exercer, pela sua postura profissional e acima de tudo - humana.

ANEXO 29

CORPUS

25

orkut - Perfil de Julee



...hum...vamos entao falar da teacher, ela eh minha professora la no Visao...entao...
 **eh bem loukinha..
 **divertida..
 **fã de internet..
 **gente boa p/ caramba..
 **leva a gente pra ter aula no sol..hehe..
 **apesar de ela falar serio as vezes,parec ser brinckadeira...mas nao pense que nao impoe respeito..
 **marcou a gente por falar de comida perto da hora do almoco..
 **sabe de grande parte das coisas que a gente pergunta..
 **atualizada..
 **uma professora que todos deveriam ter..

mas antes de tudo isso,ela eh uma amiga nota 10..

ju,adoro vc d montao...bjinhos..

ANEXO 30

CORPUS

26

orkut - Perfil de Julee



Peço licença pra falar de uma grande amiga e uma pessoa única. A Ju certamente é uma pessoa de opinião, não segue a modismos e não se deixa influenciar pelo mundo que a cerca. Uma mãe dedicada, uma excelente professora, uma amiga pra todas as horas. Com toda essa simpatia exuberante é difícil não te admirar! Sorte do Fiu! Ganhou uma super esposa, e com certeza ele merece tanto a esposa quanto a filha lindona! Ah... obrigado por ser minha amiga!

27-28

orkut - Depoimentos de Julee



A ju é uma moça muito bacana e adora ajudar seus amigos, uma teacher que tem o maior carisma com seus alunos e gosta do q faz. So tenho q dizer que vc é muito dez. Um grande abraço!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!



humm o q falar da prof ju???
 uma pessoa q eu conheci faz 3 anos ja...mto kerida...mto gnt boa...
 ultimo ano tendo aula com ela ...aff aff
 ja to fikando com saudadiss...
 estamos de ferias.. iuuuuupiiiiiiii
 puts ja estamos na metade do ano...vai ter q me aturar + um pouquinho hehehe
 t adooooo mto prof...
 bjusssssssssssssss

ANEXO 31

CORPUS

29

orkut - Depoimentos de Julee



09/12/06

Conheço-a faz pouco tempo, mas achei uma pessoa muito legal, faz tempo que nao falava com alguem tao cute...

Poxa, uma pessoa cativante!!!

Engraçado tao pouco tempo, mas nao sei, as vezes quando estou fazendo alguma coisa em casa me pega a pensar nela, me sinto como se fosse uma velha amiga... nao sei pq, so sei que nesse curto tempo eu acabei gostando muito dela, ela é muito gente fina!

Honey, you're in my little heart.

=*

30

orkut - Perfil de Julee



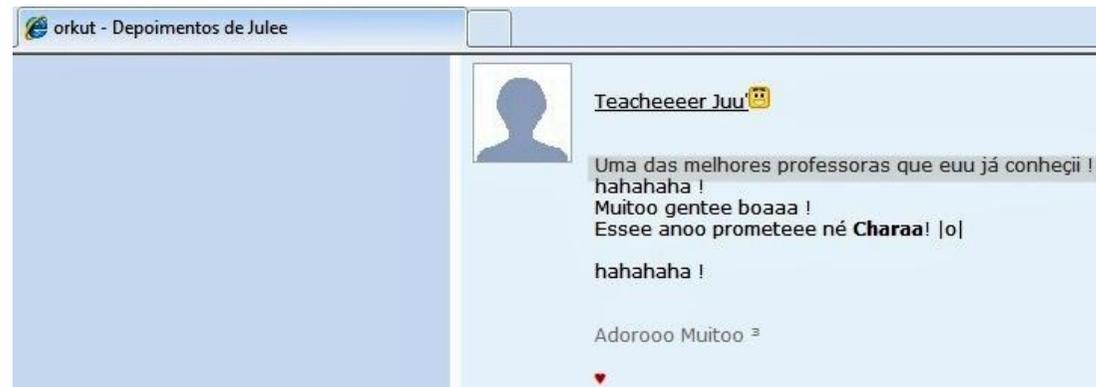
a ju é uma das pessoas mais simpáticas que conheço. junto do Jeferson, fizeram uma coisinha linda que é a Camila, que eu conheci antes de antar num sábado de aula na Facul - lembra? pois é, as primeiras impressões que tenho dessa querida amiga são de 99, quando ela tinha cabelo mais comprido e já era fera no inglês. o tempo passa e a gente não esquece de passoaas queridas como a Ju. tenho um grande prazer de continuar sendo amigo dessa pessoa-gente-boa. Algumas pessoas vêm , outras vão. umas eu acho que sim, outras eu deixo no não.

BEIJOS , querida.

ANEXO 32

CORPUS

31



orkut - Depoimentos de Julee

 [Teacheeeeer Juu](#) 😊

Uma das melhores professoras que euu já conheçii !
hahahaha !
Muitoo gentee boaaa !
Essee anoo prometeeee né **Charaa!** |o|

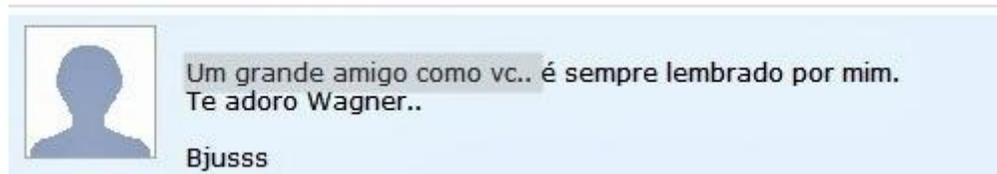
hahahaha !

Adorooo Muitoo ☺

▼

32

Depoimentos de Wagner

[Início](#) > [Wagner Martins](#) > Depoimentos de Wagner

 Um grande amigo como vc.. é sempre lembrado por mim.
Te adoro Wagner..

Bjusss

ANEXO 33

CORPUS

33 -34

orkut - Perfil de Elisândra

Depoimentos

[criar depoimento](#)

 o verao ja se despede ,o tempo esta em mudança ,nos ultimos dias tem chovido, sinonimo que o outono esta a chegar!!!nobre amiga ontem nao deixei o meu simples recadinho mas sempre honesto ,entao hoje tarde de sabado aproveito para te deixar um sorriso,um beijo com muita estima e carinho ,votos e desejos de um fim de semana com um sol radiante ,o aroma das flores das plantas no geral no teu amanhecer ,um luar que possa iluminar as tuas noites transmitindo parte do romantismo e da inspiração noturna e para finalizar abraços bem aconchegantes deste amigo que apenas te deseja o bem a ti e a todos que amas!!!!

 As relações fortes, são aquelas em que a gente vê nos olhos de outra pessoa refletida a nossa própria beleza. Porque, a grosso modo, quando se está com uma pessoa que a gente gosta, respeita, valoriza, o que se quer é o melhor e mais bonito para essa pessoa. Quer cuidar dessa amizade, pois ela é um alimento para alma!
Tu estás marcada para sempre nas minhas lembranças... Os mistérios da vida fizeram uma grande separação entre nós... porém uma separação apenas geográfica...pois estás gravada no mais profundo do meu coração... Jamais esquecerei das risadas, das loucuras, das lágrimas, dos planos, das alegrias, das tristezas, das incertezas... jamais esquecerei de tudo que passamos juntos., pois tu és para sempre Fê! Eu te amo! Te amo muito e sinto tua falta sempre. És a minha flor, a minha linda. Saibas que basta lembrar de ti, pensar em ti para resgatar bem lá do fundo um sorriso, uma beleza!